



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA  
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA E PRÁTICAS SOCIAIS

EMILY GONZAGA DE ARAÚJO

**MEMÓRIAS MEDIATIZADAS: percepções sobre ciência reconfiguradas a partir  
do consumo midiático**

NATAL/ RN  
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA  
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA E PRÁTICAS SOCIAIS

EMILY GONZAGA DE ARAÚJO

**MEMÓRIAS MEDIATIZADAS: percepções sobre ciência reconfiguradas a partir  
do consumo midiático**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Mídia, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, na linha de pesquisa Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Kênia Beatriz Ferreira Maia

NATAL/RN  
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA  
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA E PRÁTICAS SOCIAIS

EMILY GONZAGA DE ARAÚJO

**MEMÓRIAS MEDIATIZADAS: percepções sobre ciência reconfiguradas a partir  
do consumo midiático**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Mídia, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, na linha de pesquisa Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Kênia Beatriz Ferreira Maia

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. **Luciana Miranda Costa**

Examinador Externo

---

Profa. Dra. **Josimey Costa da Silva**

Examinador Interno

---

Profa. Dra. **Kênia Beatriz Ferreira Maia**

Orientadora

---

Prof. Dr. **Juciano de Sousa Lacerda**

Examinador Suplente

Àqueles que constituem a mediação  
fundamental de minha existência: minha família,  
tanto a de sangue quanto a dos laços espirituais;  
De maneira particular, a Lá, Lê e Lú.

## AGRADECIMENTOS

A Deus,  
Mais íntimo de mim do que eu mesma; Eterno onde quero lançar raízes de ‘para sempre’;

Aos meus pais (minha mãe, *in memoriam*), meu irmão e cunhada, meus tios e tias, primos e avós,  
Com quem aprendi a tornar-me pessoa; a dar os primeiros passos na aventura de existir e fazer escolhas;

Aos meus amigos e amigas, originários de diversas procedências e tão diferentes entre si, com personalidade e costumes tão próprios,  
Que me cativaram e me deixaram adentrar em suas intimidades, partilhando vida e aprendendo muito com cada um deles;

Ao meu melhor amigo, companheiro-confidente e grande amor, Leandro Maurício,  
Farol no mar da incerteza; parceiro para uma vida inteira;

À sua família, principalmente, na pessoa de seus pais e irmão,  
Que carinhosamente me acolheram como filha e como madrinha do pequeno Giovanni;

À minha querida sobrinha e afilhada, Laurinha,  
Que embalou minhas tardes de produção intelectual com a trilha sonora da Galinha Pintadinha; sua presença doce e alegre toca minha vida de forma quase angelical;

À minha professora orientadora, Kênia Beatriz,  
Tutora de longa data, cuja relação transcendeu as fronteiras acadêmicas e alcançou os limites da amizade pessoal; devo muito do que me tornei enquanto pesquisadora e pretensa docente a ela;

À professora Josimey Costa da Silva,  
Pessoa que aprendi a admirar dentro e fora de sala de aula; também muito me ajudou nas escolhas teóricas deste trabalho e de outrora; gostaria muito de ser como ela “*quando eu crescer*”;

Ao prof. Jaimir Comte, à época no depto. de Filosofia da UFRN,  
Por ter me iniciado no campo da Epistemologia; ter me apresentado autores como Alan Chalmers;

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, na pessoa de seus professores, funcionários e alunos,  
Espaço de interação humana e exercício intelectual que me forjou enquanto pesquisadora neófito e ser humano reflexivo diante do mundo; organismo acadêmico que me permitiu o acesso à bolsa de estudos de Demanda Social, pela CAPES, que me manteve durante a maior parte desta jornada;

E, por fim, aos meus colegas da primeira turma do PPgEM,  
Agda, Iano, Luciane, Theresa, Edwin e Patrícia, valorosos desbravadores; a vocês, minha gratidão pela amizade e aprendizado conjunto.

“(…) O consumo é a única atividade essencial pela qual nos envolvemos, diariamente, com a cultura de nossos tempos. O consumo é uma atividade que absolutamente não é confinada pela decisão ou pelo ato de compra; tampouco é singular. Consumimos sem cessar, e por nossa capacidade de fazê-lo contribuimos para, reproduzimos e afetamos consideravelmente a textura da experiência. Nisso recebemos auxílio da mídia.”

Roger Silverstone

## RESUMO

Este trabalho foca-se na questão da mídia no contexto da contemporaneidade, tomando como objeto o fenômeno sociocultural da midiaticização, entendida aqui como a diluição das mídias no cotidiano do indivíduo, segundo a perspectiva de Fausto Neto (2008) e Sodré (2002). Este fenômeno é visualizado a partir da recepção, isto é, dos sujeitos receptores. A cultura midiática é vista como um elemento integrante do processo de estruturação social, além de ser considerada como um braço simbólico de grande relevância para a elaboração da noção de realidade à medida que interfere na ordenação dos fluxos da informação. Desse modo, destacamos o processo de consumo simbólico que realizamos com o conteúdo midiático (Canclíni, 1999), mediante uma dinâmica de apropriação e ressignificação, proveniente do entrelaçamento dos significados propostos pela mídia com elementos de ordem extra-midiática, recuperados sob a perspectiva das mediações de Barbero (2006), a qual diz respeito à articulação das apreensões feitas a partir da mídia com interações advindas de outras práticas sociais. Consideramos ainda a dimensão da memória segundo Sarlo (2007) e Halbwachs (2004) para, por meio de discursos produzidos em seu âmbito, alcançarmos empiricamente o fenômeno da midiaticização, e, imbricado a ele, o consumo midiático relativo a um recorte específico, “ciência”. Assim, em termos de trabalho de campo, usamos a técnica das entrevistas em profundidade, de maneira que a fala de nossos entrevistados constituiu nosso *corpus*. Por meio de suas narrativas, consideradas por nós como discursos de memória, percebemos as dinâmicas do consumo midiático no recorte do tema em questão. Em nível de conclusões, percebemos que a midiaticização enquanto fenômeno se verificou, mas seus fluxos e ordenamentos revelaram descontinuidades e pluralidades inicialmente não previstas; quanto ao consumo midiático sobre ciência, visualizamos percepções híbridas por parte de nossos entrevistados, isto é, percepções que comportavam tanto elementos alinhados à concepção positivista da ciência – a qual consideramos ser a visão de ciência proposta pela mídia – quanto elementos que se contrapunham a essa ótica.

**Palavras-chave:** Comunicação. Midiaticização. Consumo Midiático. Mídia. Práticas Sociais.

## ABSTRACT

This piece focuses on the issue of media in the contemporary context, taking for its object the sociocultural phenomenon of ‘mediatization’, understood as the dilution of media culture in the everyday life, according to the perspective from Fausto Neto (2008) e Sodré (2002). This phenomenon is viewed from the angle of reception, that is, one that considers the individuals as pro-actives in this dynamic. The media culture is perceived as a fundamental element in the process of social structuring, and also is taken as a symbolic arm of great importance for the elaboration of the notion of reality as it interferes with the flow of information. Thus, we emphasize the process of symbolic consumption that we do with media content (Canclini, 1999), through a dynamic of appropriation and reframing, given from the interweaving of the meanings proposed with extra-media elements, recaptured from the perspective of mediations, by Barbero (2006), which concerns the articulation of the contents we appropriate from media with interactions from other social practices. We also consider the dimension of memory according to Sarlo (2007) and Halbwachs (2004) in order to, through speeches made in its scope, reach empirically the phenomenon of ‘mediatization’, and overlapping it, the media consumption on a specific theme, "science". Nevertheless, in terms of field work, we use the technique of in-depth interviews, so that the speech of our interviewees was our *corpus*. Through their narratives, speeches considered by us as memory-related, we visualize the dynamics of media consumption on given topic. At the level of conclusions, we realize that ‘mediatization’ as a phenomenon occurred, but its flows and orders showed discontinuities and pluralities not initially conceived; regarding the consumption of science through media, we see hybrid perceptions by our respondents, that is, one that include both elements aligned with the positivist conception of science - which we consider to be the view of science proposed by the media – and elements that would contradict this view.

**Keywords:** Communication. Mediatization. Media Consumption. Media. Social Practices.



## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

FIGURA 01 – ESQUEMA DA INTERAÇÃO INDIVÍDUO/MÍDIA.....	47
TABELA 01 – QUAL O MEIO QUE MAIS USA PARA SE INFORMAR?.....	71
TABELA 02- QUANTAS HORAS POR DIA SÃO DESPENDIDAS NO CONSUMO MUDIÁTICO?..	71
TABELA 03 – OUTROS TIPOS DE CONHECIMENTO ALÉM DO CIENTÍFICO .....	78

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
<b>1 De que ciência estamos falando?</b> .....	15
1.1 Breve perspectiva histórica .....	15
1.2 Uma visão que nos parece pertinente .....	31
1.3 Discurso midiático sobre ciência .....	33
<b>2 Mídia, consumo e memória</b> .....	40
2.1 Sociedade midiática: arena ‘de’ e ‘para’ consumo .....	44
2.1.1 O que é consumo?.....	47
2.2 Consumo midiático e Memória: a mediação internalizada pelos sujeitos .....	51
<b>3 Trabalho de campo</b> .....	57
3.1 Método e técnicas .....	60
3.2 A pesquisa <i>in loco</i> : estrutura e características .....	62
3.3 Roteiro de tópicos utilizado .....	64
3.4 Análises: organização e categorias .....	66
3.5 Análises .....	69
3.5.1 Discursos de memória mediada .....	69
3.5.2 Percepções de ciência .....	76
<b>Considerações Finais</b> .....	85
<b>Referências</b> .....	90
<b>Apêndices</b> .....	94
<b>Anexos</b> .....	117

## INTRODUÇÃO

O conhecimento acumulado na tradição da pesquisa em comunicação, desde os estudos mais antigos até os atuais, nos evidencia que a presença da mídia alterou sobremaneira nossa forma de viver, nossa experiência, tanto enquanto indivíduos como em termos de coletividade. Em princípio, as reflexões eram centradas em uma questão fundamental: as potencialidades dos meios; sua força e seus desdobramentos. A problemática fora inicialmente colocada sob o ponto de vista da soberania destes, quando se entendia que eles exerciam uma ação unidirecional, manipuladora, capaz de condicionar escolhas<sup>1</sup>. Grosso modo, a perspectiva investigativa mudou de tom posteriormente para a questão da “eficácia”<sup>2</sup>, dos “usos”<sup>3</sup> e depois alcançou o patamar de nossa “interação”<sup>4</sup> com o campo midiático. Indagar o que os meios fazem conosco - e o que nós fazemos com eles - é uma provocação que não é de hoje nos estudos da mídia; ela se mantém em aberto, revelando a complexidade que a questão comporta, bem como a dinamicidade que os processos da comunicação assumem no contexto da cultura contemporânea.

Quem deseja vislumbrar os traços da resposta a essa questão é instigado a descer mais profundamente nas áreas de sombra que permeiam nossa relação com a mídia e toda conjuntura que há em seu bojo. Este foi o nosso caso. Neste trabalho, nos propusemos a fazer uma incursão tomando como objeto um fenômeno: a midiatização, entendida aqui como a diluição das mídias no cotidiano do indivíduo, segundo a perspectiva de Fausto Neto (2008) e Sodré (2002).

Dele decorre o fato de a cultura midiática passar a ser um elemento integrante no processo de estruturação social, atuando de maneira simbólica na noção de realidade que o indivíduo elabora. Dele decorrem também novas configurações nos fluxos da informação, o que desemboca diretamente na gênese de novas sociabilidades, isto é, de novas formas de inclusão sociocultural. Assim, a cultura da mídia adquire o status de referência considerável na construção de sentidos e de práticas sociais.

---

<sup>1</sup> O paradigma da “bala mágica” e/ou agulha hipodérmica, por exemplo; contexto pós-segunda guerra mundial; escola funcionalista;

<sup>2</sup> Teoria matemática da comunicação (1949); Claude Shannon e Warren Weaver.

<sup>3</sup> Usos e gratificações; Wright (1974), Katz (1973).

<sup>4</sup> Paradigma Culturalógico; diversos autores, mas aqui vamos situar os *Cultural Studies* (década de 60 e 70) como núcleo original.

Deste modo, compreendemos que a apropriação que fazemos a partir do conteúdo midiático se espraia para todas as esferas de nossa experiência. Porém, isso não se dá de forma absoluta, livre de cruzamentos e/ou reverberações com outros elementos de nossa vivência. Há neste ínterim um importante processo de entrelaçamento, no qual estes outros elementos são aqui recuperados sob a ótica das mediações de Jesús Martín-Barbero (2006), a qual diz respeito à articulação das apreensões feitas a partir da mídia com interações advindas de outras práticas sociais (cotidiano, história pessoal, cultura de grupo, relações sociais imediatas e capacidade cognitiva, dentre outras dimensões específicas de socialização). Reside neste aspecto um ponto de vista que nos é bastante caro: a percepção de estarmos diante de um processo simbólico altamente dinâmico, o qual pressupõe trocas e/ou negociações de uma largueza que não podemos subestimar. Adotar tal cautela ao debruçarmo-nos sobre nosso objeto, em suas implicações, resulta do nosso intento de aproximarmo-nos da midiaticização a partir do receptor; escolha esta que significou percorrer um caminho mais árduo, com certos desafios teórico-metodológicos mais espinhosos se comparados a outros rumos que poderíamos ter preferido. No entanto, primar por uma abordagem ancorada na recepção correspondeu à novidade que procurávamos para a condução de nosso trabalho.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, optamos ainda por uma compreensão acerca da relação que tecemos com a mídia e sua cultura segundo a perspectiva do consumo. Neste caso, um consumo de natureza eminentemente simbólica. Amparando-nos em Canclíni (1999), entendemos que somos ao mesmo tempo consumidores, receptores e produtores de bens simbólicos, e construímos ressignificações enquanto indivíduos ativos neste processo de apropriação e reapropriação. Dessa maneira, pontuamos uma visão dos receptores enquanto sujeitos que interagem no processo comunicativo.

Consideramos, ademais, a dimensão da memória na composição do quadro de referência que nos norteou. Entendida como história de vida, diz respeito ao acervo pessoal de registros de nossa experiência como um todo, ainda que essa se desdobre em múltiplos episódios (SARLO, 2007). Ela é também uma experiência partilhada, coletiva, onde nossas impressões podem se apoiar não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre as dos outros. Até mesmo as experiências individuais são também

coletivas por que “nunca estamos sós”: levamos os outros dentro de nós (HALBWACHS, 2004).

Eis então o panorama que visualizamos: um contexto perpassado pela midiaticização, a qual está relacionada a processos de consumo simbólico operados no cotidiano; e dinâmicas de apropriação e ressignificação, as quais acontecem em diálogo com outras dimensões de nossa socialização (mediações). No entanto, como captar essa midiaticização enquanto fenômeno sensível? Como visualizar – empiricamente falando – o indivíduo, agente neste processo de consumo midiático? Essas ressignificações se confirmam na prática? Os componentes da(s) resposta(s) a essas perguntas nos levaram a agregar a memória com uma finalidade: por meio de discursos produzidos em seu âmbito, alcançarmos em nível empírico o nosso objeto, e, imbricado a ele, o consumo midiático relativo a um recorte específico, “ciência”. Estava assim desenhada nossa problemática.

A escolha por este tema se deu como uma continuidade, de certa forma, em relação a trabalhos realizados anteriormente, tanto no âmbito da pesquisa quanto no mercado propriamente dito. Em 2007, quando apresentamos a monografia de conclusão da graduação, intitulada “Ciência e Jornalismo: reflexões sobre a teoria e prática do jornalismo científico no Brasil”, demos os primeiros passos nesse sentido. Posteriormente, em 2008, à frente de um programa de televisão destinado à divulgação científica, o “Clip Ciência”<sup>5</sup>, exibido pela TV Universitária da UFRN, pudemos ter contato com a práxis da comunicação voltada para a ciência. Nesta experiência, uma questão central nos inquietava: como será que as pessoas que assistiam ao programa percebiam o que era dito? Será que elas entendiam os assuntos da mesma forma como nós, produtores, tínhamos planejado? Como poderíamos “mensurar” isso? A provocação nos incitou à pesquisa (e ao ingresso no Mestrado), e nela encontramos o horizonte dos estudos de recepção.

Na busca da sintonia fina entre uma metodologia de pesquisa adequada às nossas necessidades de investigação (isto é, compatível com o tempo disponível, mas que também nos fornecesse material substancial) e à abordagem que escolhemos (vinculada à recepção; que tomasse o receptor como ângulo de visão), baseamo-nos nos

---

<sup>5</sup> O programa era semanal, com doze minutos de duração. Era veiculado às segundas-feiras, no horário nobre.

métodos dedutivo e dialético, buscando uma aproximação construcionista. Quanto à técnica, optamos em nosso trabalho de campo pelas entrevistas em profundidade, do tipo semi-abertas. A opção pareceu-nos oportuna no sentido de superar o enfoque meramente quantitativo do fenômeno em questão, propiciando uma percepção qualitativa e, portanto, mais coerente com a postura teórico-metodológica que assumimos. Além disso, foi mais viável também em termos de execução. Não obstante, tomou-se o devido zelo no sentido de evitar a proposta de uma pesquisa de audiência, a qual, para nós, forneceria uma visão demasiado simplista.

A fala de nossos entrevistados constituiu nosso *corpus*. Por meio de suas narrativas, consideradas por nós como discursos de memória, percebemos as dinâmicas do consumo midiático no recorte do tema em questão. Pudemos aí entrever a mediatização enquanto fenômeno; este alocado na cotidianidade, onde os sujeitos evidenciavam suas percepções reconfiguradas em boa medida a partir de referências provenientes do campo midiático. Nesta reconfiguração, visualizamos as práticas sociais, aspecto fundamental de todo raciocínio teórico-metodológico que norteou esta pesquisa.

Em nossa aproximação analítica, tanto no desenvolvimento do escopo teórico propriamente dito, quanto no trabalho de campo (a condução das entrevistas, o lidar com os entrevistados), decidimos zelar pela ponderação, pelo “caminho do meio”, isto é: nem de muito perto - com risco de perdermos a capacidade de objetivar por excesso de identificação - e nem de muito longe - para não perdermos os meios de compreender o que nós e nossos entrevistados compartilhamos. Nos debruçamos sobre um fenômeno que, bem sabemos, também nos perpassa; fazemos considerações sobre as falas dos nossos entrevistados conscientes de que não estamos isolados do contexto que os envolve e habita; não nos posicionamos acima ou abaixo de suas visões de ciência e, em última análise, de mundo. Por outro lado, precisamos tecer reflexões críticas a respeito do que nos apresentaram em seus discursos. As leituras que fizemos nesse sentido, aliadas a toda formação que tivemos acesso, nos requerem isso.

Nossas matrizes conceituais estão alinhadas às ciências sociais, embora em alguns momentos utilizemos definições originárias das ciências da linguagem. O contato mais próximo, em termos de leitura, com a maioria dos autores que utilizamos em nosso referencial teórico ocorreu durante este tempo do Mestrado. À exceção de

Barbero (2006) e Canclíni (1999), aos quais já tínhamos realizado leituras breves em época anterior, todos os demais teóricos nos foram apresentados ao longo das disciplinas que cursamos, como também durante a pesquisa bibliográfica que realizamos na fase inicial deste trabalho.

Dito isto, é pertinente aclarar a estruturação de pensamento que elaboramos aqui mediante o seqüenciamento de capítulos. No primeiro, em função do tema que tomamos como recorte, foi necessário realizar um breve mergulho na Epistemologia, especificamente tratando da ciência, de modo a recuperar as noções mais representativas na construção identitária da ciência tal qual a concebemos, principalmente em termos de história do método científico ocidental. Mesmo assim, é bom destacar que nosso enfoque preponderante está voltado para a mídia, embora não a tomemos por ela mesma, mas sim segundo a visão dos sujeitos receptores (os entrevistados).

No segundo capítulo, expomos nosso referencial teórico-metodológico, fazendo uma revisão dos conceitos pertinentes à nossa proposta, estes devidamente ancorados em seus respectivos autores. É nesta etapa que visualizamos o que é a midiatização, suas implicações contextuais e como sua compreensão se conecta com a perspectiva do consumo e das mediações, como também à dimensão da memória. Delineamos uma visão do processo comunicativo que firma suas bases na recepção, de maneira a situar o sujeito receptor como protagonista nas trocas simbólicas.

No terceiro e último capítulo, confrontamos toda a teorização precedente com o que encontramos em nosso trabalho de campo. Procuramos deixar claras as nossas escolhas metodológicas desta etapa, evidenciando desde nosso intuito inicial (pré-campo) até as razões de opção de técnica de pesquisa, aspectos situacionais da execução da mesma e procedimentos posteriores para análise do material coletado. Findamos com as análises propriamente ditas, nas quais buscamos manter o tom dialogal, primando pela articulação com os conceitos que nos servem de alicerce crítico.

## CAPÍTULO UM

### De que ciência estamos falando?

Neste trabalho, vamos realizar uma breve incursão no campo da Epistemologia da Ciência, tanto em sua dimensão histórica quanto nas contribuições específicas de determinados autores. Isso nos valerá para visualizar o quadro teórico que constitui a base do pensamento científico ocidental, o qual é pano de fundo para toda nossa reflexão. Vale ressaltar que não é nosso intento apresentar uma revisão detalhada do campo e nem tampouco aprofundarmo-nos na obra ou nos conceitos de algum teórico, já que o nosso enfoque está mais polarizado para os estudos da mídia e das interações relacionadas.

Por outro lado, consideramos oportuno expressar o nosso entendimento acerca de ciência amparando-nos em algumas das referências mencionadas na etapa anterior. Não se trata de fazer apologia a esta ou àquela compreensão, conferindo rótulos de “certo” e “errado”, mas sim de deixar claro uma escolha teórica, uma preferência por abordagens que consideramos mais abrangentes e, por isso mesmo, mais adequadas segundo o nosso ponto de vista.

Por fim, verificaremos a visão da mídia sobre ciência. A partir de trabalhos de colegas, anteriores a esta pesquisa, perceberemos os traços da visão de ciência que é em boa medida propagada pela/na cultura midiática. Esta fornece elementos para que a sociedade, tanto em termos de coletividade quanto de indivíduo, componha sua percepção sobre este tema. Uma vez que queremos nos aproximar dele a partir dos sujeitos receptores, faz-se necessário, antes de tudo, captar o discurso que lhes é proposto no âmbito midiático.

#### **1.1 Breve perspectiva histórica**

Para rever de forma sintética os momentos-chave na História do método científico no Ocidente, baseamo-nos, em aspecto geral, nas revisões de MOSER et al (2004) e OLIVA (1994, 2003).



O questionamento sobre os fundamentos da razão e de seu exercício criativo remonta a momentos históricos primevos, já na Grécia Antiga, com Aristóteles e, posteriormente, Platão. A partir da autocrítica, da reflexão sobre suas próprias bases, filósofos e pensadores desenvolveram a Epistemologia, do grego *epistème* (“conhecimento”), que se propõe a tratar das implicações derivadas da crença e do conhecimento, amparando-se no postulado platônico de que este último é uma “crença verdadeira justificada”.

A epistemologia tradicional, representada por Platão, Aristóteles, Descartes, Locke (1632-1704), Kant e Russell (1872-1970), entre outros, recomenda um estudo filosófico da natureza, das fontes e dos limites do conhecimento. Conta entre seus pressupostos comuns, primeiro, de que o conhecimento é, grosso modo, uma crença verdadeira e justificada; e, segundo, que o estudo epistemológico não exige (embora possa lançar mão de) padrões de avaliação distintamente científicos.  
(MOSER et al, 2004, p. 33-34)

Entretanto, há quem defenda uma visão distinta, na qual o conhecimento está mais para “crença social legitimada”, conforme veremos na perspectiva de alguns pensadores<sup>6</sup> mais adiante. Estes levam em conta a longa trajetória de desconstruções e revisões ocorridas no campo científico durante os séculos, algo que Platão não viveu suficientemente para acompanhar. Mas as dissensões não param por aí; na verdade, em se tratando dos debates epistemológicos, elas são a regra.

O século XX assistiu a um amplo questionamento do velho ideal de *episteme* traduzido como a busca do conhecimento certo e definitivo. O justificacionismo, enquanto crença na conquista do conhecimento *provado*, foi deixando de ser respaldado pelos avanços da ciência. Com isso, foi ganhando força o falibilismo com sua tese de que as teorias, por serem falíveis e sujeitas a desmentidos futuros, merecem endosso apenas provisório. [...] Como tudo é o tempo todo submetido a escrutínio crítico, o cientista também encontra diminuto espaço para defender dogmaticamente qualquer verdade.  
(OLIVA, 2003, p. 11)

Em torno de eixos temáticos como as atitudes e posturas do pesquisador-cientista, fontes ideais de conhecimento, conceito de conhecimento e distinção do conhecimento científico para os demais, contextos de produção de conhecimento, usos e ética do conhecimento e até mesmo a psicologia da criação, as possibilidades de entendimento são diversas. A única certeza por aqui é a incerteza, oriunda da pluralidade e da infinitude de respostas cabíveis aos dilemas da atividade científica; uma situação

---

<sup>6</sup> É o caso de Gaston Bachelard (discussão sobre a verdade científica) e Thomas Kuhn (parâmetros de validação na comunidade científica).

correlata - e provavelmente derivada - da capacidade sem limites do próprio pensar humano.

O que conhecemos? Os debates se arrastam ao longo dos séculos com alguns teóricos defendendo a tese de que só é cognoscível o que se oferece à observação como fato, ao passo que outros são de opinião que o conhecimento se estende a tudo o que é passível de explicação por meio da razão. Não é fácil determinar a extensão do conhecimento humano. A impressão mais forte é a de que se sabe muito pouca coisa em relação ao que se desconhece. É que se está ainda longe de um critério universalmente aceito que permita, para cada caso particular, definir se algo é *de jure* conhecimento e não mera opinião.  
(OLIVA, 2003, p. 12)

As bases do pensamento científico ocidental têm suas raízes filosóficas, a rigor, em um momento específico da História: o fim do período feudal e o advento da era moderna. A ruptura com o modo aristotélico e medieval de observar o mundo à sua volta introduz o homem deste contexto temporal na recusa aos dogmatismos e ao questionamento sobre as evidências de suas experiências imediatas (SANTOS, 1996, p. 12). Nesse sentido, a busca pelo conhecimento estava relacionada “à necessidade de saciar a curiosidade intelectual e a de ter algum tipo de controle sobre a ambiência” (OLIVA, 2003; p.7). O saber, dito dessa forma, é compreendido como uma forma de poder exercido tanto em direção aos demais quanto à própria natureza.

Francis Bacon, filósofo inglês (1561-1626), o entendeu assim; em seu *Novum Organum*, ele lançou as bases da ciência moderna, calcada no empirismo, no raciocínio indutivo (método indutivista, que consiste na formulação de conclusões generalistas a partir da observação de certos fenômenos específicos). Segundo ALVES (2005, p. 116), a intenção de Bacon era “estabelecer os fundamentos sobre os quais se poderia construir o edifício da ciência, em oposição aos filósofos que ‘corriam mais atrás de palavras que atrás da matérias’”, de modo a esvaziar a mente de idéias pré-concebidas antes de qualquer aproximação de caráter científico.

Após Bacon, o pensamento científico passou por várias remodelações, as quais foram encabeçadas por diversos personagens notórios na história do conhecimento, a exemplo de Descartes, tido como um dos pilares da Filosofia moderna. Autor do método cartesiano, o teórico francês rompe com a tradição escolástica remanescente e apresenta o pensamento racionalista. Sua moldura teórico-metodológica serviu posteriormente a Isaac Newton.

A reflexão sobre os fundamentos, a validade e os limites do conhecimento científico transformou-se num dos ramos essenciais da filosofia a partir do século XVII. A época moderna pode ser definida pela emergência de uma nova concepção de ciência e de método, e tanto Locke quanto Descartes constituem a consciência filosófica desta nova situação. (SANTOS, 1990, p. 22)

Para SANTOS (1996, p. 10), o modelo de racionalidade que está presente na ciência moderna é constituído a partir da revolução científica do século XVI e desenvolvido nos séculos seguintes prioritariamente no âmbito das ciências naturais. Seria somente no século XIX que tal modelo se estenderia às ciências sociais, então emergentes, de modo que aí se poderia falar em um modelo de alcance mais global, com características gerais bem delineadas.

A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não-científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos [...] Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras epistemológicas [...] Está consubstanciada, com crescente definição, na teoria heliocêntrica do movimento dos planetas de Copérnico, nas leis de Kepler sobre as órbitas dos planetas, nas leis de Galileu sobre a queda dos corpos, na grande síntese da ordem cósmica de Newton e finalmente na consciência filosófica que lhe conferem Bacon e sobretudo Descartes. (SANTOS, 1996, p. 10-11)

A matemática é o instrumento privilegiado de análise dentro desta racionalidade, haja vista que as próprias idéias são concebidas segundo a linguagem matemática. Ela está ainda na lógica de investigação e no modelo de representação da própria estrutura da matéria (SANTOS, 1996, p. 14). Posteriormente, no século XVIII, esta racionalidade científica mencionada apura-se para desembocar nas origens das ciências sociais (séc. XIX), de modo que “(...) a consciência filosófica da ciência moderna, que tivera no racionalismo cartesiano e no empirismo baconiano as suas primeiras formulações, veio a condensar-se no positivismo oitocentista” (IDEM, p. 18).

Falando em positivismo, precisamos retornar às suas origens para compreender esta linha de pensamento, a qual encerra uma percepção particular do homem, da sociedade e de nossa relação com o conhecimento. Considerado pai fundador deste movimento, o

francês Auguste Comte (1798 -1857) ingressou na Escola Politécnica de Paris e, posteriormente, cursou Medicina em Montpellier, mas não concluiu nenhuma destas formações. Autodidata, Comte realizou a maioria de seus estudos por conta própria (ANDERY e SÉRIO, 2006, p. 373). Chegou, inclusive, a conviver com Saint Simon, de quem foi secretário e pupilo intelectual, mas acabou por romper com seu tutor (IDEM).

Na conta de sua obra publicada, destacam-se o “Curso de Filosofia Positiva”, no qual o primeiro volume foi publicado em 1830 e o último em 1842; o “Tratado Elementar de Geometria Analítica”, de 1843; o “Tratado Filosófico de Astronomia Popular”, de 1844; “A Política Positiva”, de 1851; “Catecismo Positivo”, de 1854 e, por fim, “Síntese subjetiva ou sistema universal de idéias sobre o estado normal da humanidade”, de 1856.

O contexto histórico que circundava este teórico francês nos fornece boa medida de elementos para captar sua visão de mundo e, por conseguinte, as bases da ótica positivista. Segundo ANDERY e SÉRIO (2006, p. 374), Comte vive em um momento pós-revolucionário (primeira metade do séc. XIX), no qual a burguesia havia assumido o poder; o embate travado por essa classe com vistas a tal ascensão e permanência neste posto social privilegiado “(...) desencadeia não apenas uma série de convulsões sociais e políticas, mas também um conjunto de ideologias e sistemas que tem por objetivo dar sustentação aos vários setores em luta” (IDEM). Assim, Comte adere à burguesia na sua linha mais conservadora, a qual defendia um regime de governo ditatorial e não parlamentarista, que “(...) buscava criar condições para se fortalecer no poder e impedir quaisquer ameaças, identificadas com todas as tentativas democratizantes ou revolucionárias” (IBIDEM). Estes autores enxergam uma coerência entre a proposta filosófica e de reforma das ciências de Comte com esta ideologia burguesa à qual ele adota.

Aron (2003, p. 83), por sua vez, situa Comte como sendo o sociólogo “da unidade humana e social”; um teórico que leva sua concepção de unidade até as últimas instâncias, a ponto de lhe ser difícil fundamentar o que é diverso. Reformista por excelência, ele apresenta um projeto específico de sociedade.

Segundo Auguste Comte, um certo tipo de sociedade, caracterizado pelos dois adjetivos, teológico e militar, está em via de desaparecer. [...] Um outro tipo de sociedade, científica e industrial, está em via de nascer. A sociedade que nasce é científica, no sentido que a sociedade

que morre era teológica: o modo de pensar dos tempos passados era o dos teólogos e sacerdotes. Os cientistas substituem os sacerdotes e teólogos como a categoria social que dá a base intelectual e moral da ordem social. [...] A partir do momento em que os homens pensam cientificamente, a atividade principal da coletividade deixa de ser a guerra de homens contra homens, para se transformar na luta dos homens contra a natureza, ou na exploração racional dos recursos naturais. (ARON, 2003, p. 85)

Logo, a reforma social desejada por Comte se realiza em termos concretos pela instauração de uma reforma intelectual. Nesse intuito, ele postula duas premissas fundamentais: a lei dos três estados e a sua classificação das ciências. A primeira consiste na identificação das fases pelas quais passa o espírito humano.

Na primeira, o espírito humano explica os fenômenos atribuindo-os a seres, ou forças, comparáveis ao próprio homem. Na segunda, invoca entidades abstratas, como a natureza. Na terceira, o homem se limita a observar os fenômenos e a fixar relações regulares que podem existir entre eles, seja num momento dado, seja no curso do tempo; renuncia a descobrir as causas dos fatos e se contenta em estabelecer as leis que os governam. (ARON, 2003, p. 87)

Assim, a “evolução” do pensamento humano poderia ser ordenada a partir da saída da idade teológica para a metafísica e, finalmente, chegando à idade positiva. Nesse mesmo entendimento, as ciências evoluem (se tornam “positivas”) segundo semelhante escala de progressão, partindo da Matemática, Astronomia, Física e Química para chegar à Biologia e, por fim, à Sociologia (inicialmente denominada de “Física Social”). Desse modo, percebemos que a combinação da lei dos três estados com a classificação das ciências pretendida por Comte tem um propósito claro: “(...) provar que a maneira de pensar que triunfou na Matemática, na Astronomia, na Física, na Química e na Biologia deve, por fim, se impor à política, levando à constituição de uma ciência positiva da sociedade, a Sociologia” (ARON, 2003, p. 88).

Embora confira à Sociologia o patamar de ciência, Comte acaba reproduzindo nela um modelo de abordagem inspirado nas ciências naturais e exatas, enraizado no empiricismo, de visão restrita a fenômenos cuja verificação pudesse ser sensível ou, de alguma forma, tangível. A “Sociologia sintética” de Comte, conforme afirma Aron (2003, p. 90), é determinista (e porque não dizer, prescritiva): ela deve dizer o que é, o que será e como deve ser. Isso está intimamente associado ao conceito de conhecimento científico que perpassa a linha positiva. Este é, para Comte, “(...) baseado na observação

dos fatos e nas relações entre fatos que são estabelecidas pelo raciocínio.” (ANDERY e SÉRIO, 2006, p. 381).

O conhecimento científico positivo, que estabelece as leis que regem os fenômenos de forma a refletir o modo como tais leis operam na natureza, tem, para Comte, ainda, duas características: é um conhecimento sempre certo, não se admitindo conjecturas, e é um conhecimento que sempre tem algum grau de precisão, embora esse grau varie de ciência para ciência, dependendo do seu objeto de estudo. Assim, Comte reforça a noção de que o conhecimento científico é um conhecimento que não admite dúvidas e indeterminações e o desvincula de todo conhecimento especulativo. (ANDERY e SÉRIO, p. 382)

Outra característica da proposta de Comte para as ciências é a aplicação da filosofia positiva como moldura metodológica para todas elas. Isso significa, em termos práticos, o uso de métodos que se pautem pela fórmula – por assim dizer – da descoberta e descrição das leis que regem determinado fenômeno a partir dos fatos e do raciocínio. O resultado deve ser um conhecimento que seja “real, útil, certo, preciso, que busca organizar e não destruir o que é relativo” (ANDERY e SÉRIO, p. 387).

Por delinear tal visão de ciência, SANTOS (1990) entende que o positivismo representa o ápice da dogmatização do campo científico.

Isto é, de uma concepção de ciência que vê nesta o aparelho privilegiado da representação do mundo, sem outros fundamentos que não as proposições básicas sobre a coincidência entre a linguagem unívoca da ciência e a experiência ou observação imediatas, sem outros limites que não os que resultam do estágio do desenvolvimento dos instrumentos experimentais ou lógico-dedutivos. (SANTOS, p. 22-23)

Outro aspecto fundamental do pensamento comtista é a concepção de unidade, à qual aludimos anteriormente e que se constitui como eixo norteador de toda sua obra. Podemos resumir-la em três pontos principais (ARON, 2003, p. 95): a sociedade ocidental é um referencial a ser seguido por toda humanidade; a história da humanidade é “a história do espírito enquanto devenir do pensamento positivo ou enquanto aprendizado do positivismo pelo conjunto da humanidade” (IDEM); a história da humanidade é “o desenvolvimento da natureza humana” (IBIDEM). Vale esclarecer que a noção de história para Comte implica em uma evolução, a qual se dá em uma sequência de estágios que se substituem linearmente, em superposição, com vistas sempre a um melhoramento, mas sem incorrer em rupturas e/ou revoluções (ANDERY

e SÉRIO, p. 378). Daí decorre que, na ótica positiva, a história da humanidade se desenrole segundo dois princípios: a ordem (fluxo contínuo e ordenado, sem saltos) e o progresso (com vistas a um melhoramento, em caráter cumulativo)<sup>7</sup>.

A esta altura, é necessário que avancemos um pouco na cronologia epistêmica da ciência, de modo a chegar ao contexto histórico dos teóricos que mais significativamente mantêm relação com nosso trabalho. Na esteira baconiana, Karl Popper (1972) propõe, na década de 1930, seu “racionalismo crítico”: uma revisão do empirismo em sua visão do que se constitui a prática científica e subsequente produção de conhecimento válido para a Ciência. Para ele, o método indutivista alcançaria completude – e êxito, em potencial - quando aliado ao princípio do “falsificacionismo” ou “falseabilidade”, que consiste em submeter determinada teoria a provas de sua verdade (coerência lógica e conformidade com os fatos ou fenômenos observados). Se ela não for corroborada, não é válida enquanto conhecimento científico, pois se mostrou falsa e será necessário elaborar uma nova teoria para o fenômeno ou problemática que se procura responder. O ciclo de testes se reinicia e seria a partir desta dinâmica que adviriam os progressos científicos. Assim, o conhecimento científico estaria à mercê do escrutínio, e por isso mesmo ladeado pela provisoriedade. Ninguém poderia garantir que esta ou aquela teoria perduraria de maneira irrefutável, de modo que a credibilidade das teorias resultaria “(...) de seus constituintes lógico-empíricos poderem ser implacavelmente dissecados pela comunidade de especialistas” (OLIVA, 2003, p. 11-12).

As críticas ao pensamento popperiano começam amparadas no mesmo fundamento que objetam: a falseabilidade da própria falseabilidade. Este princípio pode não ser aplicável a todos os objetos, fenômenos e realidades, de modo que seria mais adequado falar em graus de confiabilidade de teorias em comparação umas às outras que propriamente em substituição de uma em detrimento de outra (OLIVA, 2003, p. 27-28). Além disso, em sua visão, Popper considera critérios de validação no discurso científico associados apenas a elementos de ordem lógico-empiricistas, objetivos, formais, sem abarcar a contextualização histórico-social e subjetiva que invariavelmente também compõem o cenário da prática científica. Esta amplitude é concretizada em Thomas

---

<sup>7</sup> O projeto de Comte também faz incursão no campo religioso: ele funda uma religião, intitulada “religião da humanidade”, na qual a figura da divindade não é transcendental, mas sim associada ao próprio conhecimento. Não vamos recuperar essa dimensão de sua obra aqui, pois foge ao nosso escopo.

Kuhn (2003), físico norte-americano voltado para a História da Ciência. Sua obra mais famosa, “Estrutura da Revoluções Científicas” (publicado originalmente em 1962), evidencia que as descobertas científicas são historicamente e socialmente situadas, articuladas com o contexto cultural de seu tempo, delineando uma perspectiva historicista – e não formalista, como a de Popper – da Ciência.

Do *Novum organum* (século XVII) de Bacon ao racionalismo crítico de Popper (século XX) teriam sido produzidas reconstruções divorciadas das práticas de pesquisa. Por se pretender descritiva, a metaciência de Kuhn se apresenta como um enfoque voltado para a ciência como ela *é* e não como *deveria ser* (praticada). Seriam inócuas as recomendações ou prescrições feitas pelas lógicas de pesquisa. Por isso, Kuhn, se propõe a construir uma visão de ciência historicamente orientada. É a história da ciência que permite a identificação dos procedimentos metodológicos fundamentais que caracterizam a atividade científica. (OLIVA, 2003, p. 32)

Para Kuhn, o desenvolvimento científico estaria compreendido em seis fases distintas: a princípio, tem-se um “paradigma”, o qual pode ser definido como um conceito ou teoria compartilhado por uma determinada comunidade científica (um grupo de pesquisadores ou cientistas); enquanto este paradigma é desenvolvido (testado, utilizado), estamos na fase da “ciência normal”, na qual o cientista não se depara com aspectos que extrapolam a capacidade do referido paradigma; quando isto acontece e o paradigma é posto em xeque, ocorre o momento de “crise”, que suscita a elaboração de um ou mais novos paradigmas para o objeto ou fenômeno em questão; à construção destes novos paradigmas, se estabelece a “ciência extraordinária”, da qual eventualmente se chegará à “revolução científica” quando, após o embate de teorias, sairá o novo paradigma, mais adequado ao objeto ou fenômeno pesquisado. Neste processo, permeado de tensões, lutas intelectuais, ideológicas e discussões, não pode haver elementos tão somente racionais. Na perspectiva kuhniana, critérios de validação científica perpassam filtros mistos, compostos de dimensões objetivas e subjetivas (estas últimas poderiam ser questões éticas e morais ou relações de autoridade no campo científico, por exemplo).

Pode-se dizer que o interesse maior da reflexão kuhniana é explicar as grandes transformações por que tem passado o conhecimento científico. Mas como são esporádicas as revoluções, Kuhn se dá conta de que precisa também elucidar o que ocorre nos períodos em que não despontam grandes intervenções e descobertas. Seu empenho é no sentido de prover explicações para o rotineiro e o extraordinário em ciência. (OLIVA, 1994, p. 70)



Também situando a produção de conhecimento científico em sua historicidade está o filósofo Gaston Bachelard (1884 – 1962). Sua obra foi publicada em seu país de origem, a França, entre 1928 e 1961, onde metade dela - a porção “diurna”<sup>8</sup> - se dedica à Filosofia da Ciência.

O pensamento de Bachelard está construído em dois eixos filosóficos fundamentais: o da epistemologia e o da poética, o que, na sua unidade corresponderia a uma preocupação em traçar o percurso que vai da filosofia a uma “antropologia completa”, articulando as duas vias percorridas pelo homem, as duas expressões da vida do espírito, os dois caminhos para o conhecimento: a via onírica e a via intelectual, a poesia e a ciência, em síntese buscando o “homem das vinte e quatro horas” (GOMES, 2003, p. 11)

Segundo BARBOSA (2003, p. 34), o filósofo francês “sofreu influências de teorias que apareceram, mas que ainda não tinham sido legitimadas completamente, sendo inclusive, rechaçadas no momento histórico em que surgiram (...)”, tais como a Psicanálise freudiana, a Teoria da Relatividade de Albert Einstein, a Geometria de Lobatchevsky, o Indeterminismo de Heisenberg e a perspectiva da Mecânica Quântica.

Muito inspirado pelas idéias de Einstein, Bachelard propõe um “novo espírito científico”, a ser traduzido em uma concepção de ciência, que relativiza seu objeto à medida que o cientista ou pesquisador aproxima-se dele “mediado pela razão”, alicerçado na teorização (a realização sobre a realidade; a elaboração sobre um suposto real). É uma ruptura entre a noção tradicional de ciência, baseada no empirismo positivista, objetivista (e isso, para Bachelard, significava uma continuidade epistemológica em relação ao senso comum), e a nova ciência, cuja identidade epistemológica está mais além das meras aproximações empiristas com os objetos ou fenômenos e bem distinta do senso comum. Aqui, a idéia-chave é a de um racionalismo aplicado, proposto no lugar do empirismo. Além disso, este autor introduz ainda noções importantes como as que dizem respeito aos “obstáculos epistemológicos”, pertinentes ao campo das dimensões psicológicas das descobertas científicas.

O que sem dúvida entusiasma Bachelard na ciência contemporânea, e o que inspira toda sua reflexão epistemológica é o fato de que, em princípio, a ciência não depende mais da natureza. Isso parece ficar bem claro na obra de 1929, “*O valor indutivo da relatividade*”[...] O real não é, então, uma existência exógena; conhecer os mistérios da

---

<sup>8</sup> Os estudiosos de Bachelard fazem esta diferenciação: epistemologia e História da Ciência são a parte “diurna” de sua obra, ao passo que a noturna diz respeito a temas do imaginário poético (devaneios, sonhos, etc);

natureza já não é objetivo do cientista, pois este há muito abandonou a clássica pretensão de tornar-se “senhor e possuidor” dela. O real agora é criado pelo próprio cientista, ou antes, pela dinâmica intrínseca da cidade em que habita. (FERREIRA, 2003, p. 23)

Se na vertente epistemológica, especialmente em *La formation de l'Esprit Scientifique* (de 1937), Bachelard está buscando psicanalisar o conhecimento e os interesses que o estimulam, em *La Psychanalyse Du Feu* (de 1938), obra que pode ser considerada de transição entre as vertentes epistemológica e poética, ainda preocupado com uma psicanálise do espírito objetivo, conclui que na base de nossas *filias*, que levam a convicções subjetivas está a imaginação criadora, entendida como força de produção psíquica (GOMES, 2003, p. 11)

O que dizer, por sua vez, de quem descarta tanto a ênfase empirista quanto a racionalista? Que propõe uma visão anarquista, a qual advoga pela inexistência de regras metodológicas universais à prática científica? Pode-se dizer que estas credenciais pertencem, indubitavelmente, ao filósofo austríaco Paul Feyerabend, cujas posições vanguardistas - para não dizer ‘polêmicas’ - causaram forte impacto no campo da Filosofia da Ciência e na Sociologia do conhecimento. Pupilo de Karl Popper, Feyerabend rebateu as posições de seu tutor: criticou fortemente a falseabilidade com argumentos da história da mecânica quântica e negou toda perspectiva prescritiva do método científico por entender que esta limita e tolhe a produção científica. A síntese deste pensamento encontra-se em “Contra o Método”, obra bastante comentada do autor, publicada originalmente em inglês, em 1975. Logo no subtítulo da introdução desta mesma publicação, lê-se<sup>9</sup>: “A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais apto a estimular o progresso do que suas alternativas apregoam a lei e a ordem” (FEYERABEND, 2007, p. 30).

Feyerabend cita episódios emblemáticos da História da Ciência, a exemplo da revolução copernicana e das contribuições de Galileu, para mostrar que os saltos qualitativos em termos de descobertas científicas ocorreram precisamente quando os procedimentos metodológicos até então tradicionais foram substituídos por outros. Logo, fixar modelos de método científico só engessaria a produção de conhecimento, de modo que o que ajuda à ciência é mesmo o pluralismo metodológico, no qual não se impõem regras em termos de posturas metodológicas.

Fica evidente que tais violações não são eventos acidentais, não são o resultado de um conhecimento insuficiente ou de desatenção que

---

<sup>9</sup> Esta tradução é a que consta no exemplar publicado no Brasil em 2007, pela editora da Unesp. Ver referências.

poderia ter sido evitada. Pelo contrário, vemos que são necessárias para o progresso. Com efeito, um dos aspectos mais notáveis das recentes discussões na história e na filosofia da ciência é a compreensão de que eventos e desenvolvimentos como a invenção do atomismo na Antiguidade, a Revolução Copernicana, o surgimento do atomismo moderno [...] e a emergência gradual da teoria ondulatória da luz ocorreram apenas porque alguns pensadores decidiram não se deixar limitar por certas regras metodológicas “obvias”, ou porque as *violaram inadvertidamente*. (FEYERABEND, 2007, p. 37)

Em seu último livro<sup>10</sup>, intitulado “A Conquista da Abundância – uma história da abstração *versus* a riqueza do ser” (original em inglês, lançado em 1999), o autor desenvolve implicações das idéias contidas em “Contra o Método” e outras publicações anteriores. Em linhas gerais, Feyerabend ressalta a historicidade do conhecimento científico colocando que as “(...) teorias, fatos e procedimentos que constituem o conhecimento (científico) de uma época particular resultam de desenvolvimentos históricos específicos e altamente idiossincráticos” (FEYERABEND, 2005, p. 180), e isso pelo fato de que nossos próprios modos de pensar e falar são “(...) produtos de desenvolvimentos históricos idiossincráticos” (idem; p. 195). Inserida no mundo, nas relações eminentemente culturais, a ciência e seus produtores não estão isolados da realidade que os cerca, influenciando e sendo influenciados por ela: “(...) As nossas circunstâncias, inclusive todo o universo físico (...) não são simplesmente dadas. Elas respondem a nossas ações e idéias. Portanto, as teorias e os princípios devem ser usados com cuidado” (idem; p. 353).

Nesta mesma obra, Feyerabend coloca o discurso científico como uma ideologia, posta no mesmo patamar de outras (religião, por exemplo) e ataca o privilégio da ciência em relação a formas de conhecimento que lhe são distintas: “(...) A ciência certamente não é a única fonte de informação ontológica confiável” (FEYERABEND, 2005, p. 196). Por isso mesmo, lhe parece incabível usar de parâmetros da cultura científica para julgar a credibilidade de outros campos.

O que o filósofo nos apresenta aqui é uma ciência longe da auto-suficiência, compartimentada, permeada por lacunas visíveis e por certezas que, segundo ele, ainda estão mais para o plano das suposições; uma ciência que não dá conta da abundância do mundo que lhe contém. Todavia, defende que “não podemos prescindir do *know-how* científico” (FEYERABEND, 2005, p. 197), dadas as transformações irrefutáveis ocasionadas pela atividade e tecnologias da ciência ao longo da História.

---

<sup>10</sup> Feyerabend morreu em 1994.

Estamos presos em um ambiente científico. Precisamos de cientistas, engenheiros, filósofos com inclinação científica, sociólogos, etc. para lidar com as consequências. Meu ponto é que essas consequências não se apoiam em uma natureza *objetiva*, mas provêm de complicada inter-relação entre um material desconhecido e relativamente flexível e pesquisadores que afetam e são afetados pelo material que, afinal, é o material do qual foram moldados. (FEYERABEND, 2005, p. 197)

Simpático à causa da pluralidade metodológica e, por isso mesmo, epistemologicamente muito próximo de Feyerabend, está Edgar Morin, pensador francês multi-tarefa da contemporaneidade. É autor de cinquenta e seis obras e é considerado pai fundador da teoria da Complexidade. Em sua bibliografia, dedicou parte bastante representativa às discussões em torno da Filosofia, Sociologia e Epistemologia, mais precisamente na coleção “O Método”, composta de seis títulos.

Em “O Método 4 – As idéias”, Juremir Machado da Silva, tradutor da publicação, afirma<sup>11</sup>: “(...) Se Paul Feyerabend levantou-se ‘contra o método’, Morin emprega a sua inteligência para inventar métodos abertos, permeáveis, tolerantes, frutos da mistura, do cruzamento, da mestiçagem, do horror aos cultos herméticos de idéias sacralizadas e de salvadores ideológicos incontáveis. Morin e Feyerabend andam na mesma direção: a metodologia libertária.(...)”. Uma liberdade que, para Morin, perpassa invariavelmente pela transdisciplinaridade. Na introdução geral de seu “Método 3- O conhecimento do conhecimento”, o autor coloca que essa re-conexão seria o antídoto para a fratura fundamental da problemática do conhecimento: a “patologia do saber”, que consiste precisamente na disjunção e esfacelamento dos conhecimentos e afetaria não somente o incurso epistemológico (o conhecimento do conhecimento) como também as possibilidades de conhecimento acerca de nós próprios e de nosso entorno.

Além disso, Morin assume uma postura epistemológica que não se amarra a determinismos e que busca, na medida do possível, livrar-se de condicionamentos, de certezas.

Eis o nosso ponto de partida, ao mesmo tempo ponto de chegada histórico [...]. Partimos do reconhecimento do caráter multidimensional do fenômeno do conhecimento; do reconhecimento da obscuridade escondida no coração de uma noção destinada ao esclarecimento de todas as coisas; da ameaça vinda do conhecimento e que nos leva a buscar uma relação civilizada entre nós e o nosso conhecimento; de uma crise característica do conhecimento contemporâneo, sem dúvida inseparável da crise do nosso século. Partimos, no núcleo dessa crise, e mesmo aprofundado-a, da aquisição final da modernidade, referente ao problema

---

<sup>11</sup> Trecho extraído da apresentação feita na orelha do livro.

original do pensamento: a descoberta de que não há nenhum fundamento seguro para o conhecimento e de que este comporta sombras, zonas cegas, buracos negros. (MORIN, 2008a, p. 23)

Procura por um “metaponto de vista”, enfoques multifacetados (a união entre as abordagens biológica, antropológica e sociológica), dialogia entre filosofia e ciência, inclusão do sujeito no decurso epistemológico como consciência valiosa e introdutora do elemento histórico-cultural do conhecimento e a manutenção de um raciocínio epistêmico aberto são elementos chave na compreensão da postura de Edgar Morin perante os problemas do saber. Poder-se-ia perguntar: tudo isso para resultar em alguma metodologia específica ou ao menos em recomendações do que esta poderia ser? Não; “(...) as metodologias são guias *a priori* que programam as pesquisas, enquanto que o método derivado do nosso percurso será uma ajuda à estratégia (a qual compreenderá utilmente, certo, segmentos programados, isto é, ‘metodologias’, mas comportará necessariamente descoberta e inovação)” (MORIN, 2008a; p. 35-36).

Como uma feliz ironia, para Morin, o método de seu Método se autoproduziu, como ele mesmo atesta: “(...) A necessidade de pôr em comunicação os conhecimentos dispersos para desembocar num conhecimento do conhecimento e a necessidade de superar alternativas e concepções mutiladoras (que separam ou unificam abusivamente) contribuíram para a auto-elaboração de um método voltado para o pensamento menos mutilador possível e a maior consciência das mutilações inevitavelmente operadas para dialogar com o real.” (MORIN, 2008a, p. 37). Mais curioso é ver o pensador francês afirmar que encerra o Método 3 com uma única convicção: a de que seu texto terminará incompleto (MORIN, 2008a, p.39), dadas as muitas lacunas a preencher que superavam as vicissitudes de seu contexto. Não há problema: no pensamento complexo, quanto mais novas perguntas surgem no caminho pelas respostas, mais se pode achar que se está no rumo certo.

Na ala de Feyerabend e Morin, no que classificamos como um teórico mais “moderado”, está Alan Chalmers, filósofo inglês que publicou “O que é ciência, afinal?” (publicado originalmente em 1976 e uma segunda edição, revista e ampliada, em 1982<sup>12</sup>). Nesta obra, discorre as características daquilo que acredita ser um entendimento mais aproximado do adequado em termos de uma *epistème* da ciência e sua prática. Denominou sua abordagem de “Objetivismo”.

---

<sup>12</sup> Publicado no Brasil apenas em 1993.

Objetivismo, quanto ao conhecimento humano, é um ponto de vista que enfatiza que itens do conhecimento desde proposições simples até teorias complexas, possuem propriedades e características que transcendem as crenças e estados de consciência dos indivíduos que os projetam e contemplam (...). O objetivismo é oposto à perspectiva a que me referirei como individualismo, segundo a qual o conhecimento é compreendido em termos das crenças dos indivíduos.

[...] O objetivista dá prioridade, em sua análise do conhecimento, às características dos itens ou corpos de conhecimento com que se confrontam os indivíduos, independentemente das atitudes, crenças ou outros estados subjetivos daqueles indivíduos. Falando de forma imprecisa, o conhecimento é tratado como algo exterior, antes que interior, às mentes ou cérebros dos indivíduos. [...] As proposições podem ter, portanto, propriedades, independentemente de qualquer indivíduo estar cômico delas. Elas possuem propriedades ‘objetivas’. O labirinto de proposições que envolve um corpo de conhecimento em algum estágio de seu desenvolvimento terá, semelhantemente, propriedades que os próprios indivíduos que nele trabalham desconhecem (CHALMERS, 1993, p. 151, 154 - 155).

Para ilustrar esta característica, o autor cita que teorias científicas podem ter desdobramentos imprevistos pelos seus próprios proponentes, a exemplo de propriedades que podem ou não serem descobertas ou produzidas e que podem ou não ser compreendidas por cientistas ou grupos de cientistas. Para ele, estas “surpresas” existem para serem reveladas pela prática científica adicional<sup>13</sup>, no desenvolvimento destas teorias, de modo que as situações problemáticas possuem uma “existência objetiva”. Contudo, coloca que “(...) as situações problemáticas existem dentro da estrutura da ciência, quer sejam apreciadas e aproveitadas pelos cientistas ou não” (CHALMERS, 1993, p. 157).

Chalmers (1993, p. 159) também destaca a ciência como uma prática social, isto é, como produto de uma “(...) atividade social complexa, mais que como a crença ou possessão de um indivíduo”.

Qualquer que seja a confiança do experimentador individual na confiabilidade dos resultados que produz, esta confiança subjetiva não será suficiente para qualificar aqueles resultados como parte do conhecimento científico. Os resultados devem ser capazes de resistir a procedimentos de testes adicionais conduzidos, talvez em primeiro lugar, pelos colegas do experimentador e depois, se a estrutura social da ciência for semelhante a da nossa, pelos árbitros dos periódicos. (CHALMERS, 1993, p. 159)

---

<sup>13</sup> Para facilitar a compreensão: podemos entender os fenômenos como sinônimos a esses “desdobramentos”, “propriedades” ou “situações problemáticas”. O autor tenta exprimir que eles existem independentemente de estarmos cômicos deles ou não (os fenômenos).

Comentando as posições de Feyerabend, Chalmers apresenta pontos de convergência e de discordância. Por exemplo: Chalmers está de acordo com a recusa de Feyerabend à abordagem do método científico de forma prescritiva, isto é, aquela que dita como devem ser feitas as escolhas e as decisões dos cientistas. No que tange à incomensurabilidade, contudo, este autor guarda algumas reservas. Esta consiste no seguinte: para Feyerabend, certas teorias não poderiam ser comparadas quando suas bases de referência fossem extremamente distintas, de modo a serem consideradas por este autor como incomensuráveis entre si. Chalmers, por sua vez, argumenta que o fato de teorias serem incomensuráveis não significa que elas não possam ser absolutamente comparadas; uma das formas de fazê-lo, para ele, é confrontar cada uma com uma série de situações observáveis e registrar o grau em que cada uma das teorias é compatível com aquelas situações, as quais deverão ser interpretadas em seus próprios termos.

Outro ponto: Feyerabend postula que as escolhas de teoria e, por tabela, de critérios, estão fortemente ligadas a fatores subjetivos. A divergência aqui se dá mais em termos de grau do que propriamente de ponto de vista. Chalmers (1993, p. 179-180) admite que de fato “(...) haverá algum elemento subjetivo envolvido quando um cientista escolhe adotar ou trabalhar numa teoria e não em outra (...)”, mas acredita que fatores da ordem da subjetividade não são preponderantes no produto final do raciocínio do cientista:

Estou cômico de que as preferências dos indivíduos não são determinadas apenas pela argumentação racional e sei também que elas serão fortemente moldadas e influenciadas pelas condições materiais nas quais existe e age o indivíduo. [...] Contudo, os julgamentos e desejos subjetivos dos indivíduos não são sacrossantos nem simplesmente dados. Estão abertos à crítica e à mudança pelos argumentos e pela alteração das condições materiais. (CHALMERS, 1993, p. 180)

Já nas colocações de Feyerabend sobre não acreditar na superioridade da ciência sobre outras áreas de conhecimento, Chalmers se contrapõe, embora admita uma fragilidade na sua própria réplica:

Embora eu concorde com o ponto básico de Feyerabend aqui, o uso que quero dar a ele é um tanto diferente. A falsa suposição de que há um método científico universal a que devem se conformar todas as formas de conhecimento desempenha um papel prejudicial em nossa sociedade, aqui e agora, especialmente considerando-se o fato de que a versão do método científico a que geralmente se recorre é grosseiramente empiricista ou indutivista [...] Feyerabend contrasta a

ciência com o vodu, com a astrologia e coisas semelhantes e argumenta que estes últimos não podem ser excluídos recorrendo-se a algum critério de cientificidade ou racionalidade. Há dois motivos para que eu esteja infeliz com esta ênfase. O primeiro é que não estou convencido de que um estudo detalhado como vodu ou astrologia revelaria que eles possuem objetivos bem definidos e métodos de alcançá-los, embora, já que não fiz análise, devo admitir que isto é mais ou menos um preconceito. [...] O segundo motivo é que o *status* do vodu, da astrologia e similares não é um problema urgente em nossa sociedade, aqui e agora. Simplesmente não estamos numa posição de ter uma ‘livre escolha’ entre a ciência e o vodu, da racionalidade ocidental e a da tribo Nuer. (CHALMERS, 1993, p. 183-184)

Chalmers (1993, p. 184-186) tece considerações sobre o ponto de vista “libertário” das idéias de Feyerabend, enxergando aí pontos positivos e negativos. Para o primeiro, a ótica anarquista deste último ganha sustentação à medida que promove uma humanização da ciência, conferindo mais liberdade aos indivíduos quando encoraja à remoção das restrições metodológicas e até mesmo à livre escolha para outras formas de conhecimento além da ciência. Porém, quando as afirmações do austríaco incentivam os homens da ciência a seguirem suas “(...) inclinações individuais e fazerem o que quiserem” (CHALMERS, 1993, p. 187), o resultado que pode ser obtido a partir daí, para Chalmers, é a manutenção do que já temos: “(...) Caso seja adotado este ponto de vista, é provável que ele conduza a uma situação em que aqueles que já têm o acesso ao poder o retenham. Como disse John Krige (...), ‘vale tudo... significa que, na prática, *tudo permanece*’” (IDEM).

## 1.2 Uma visão que nos parece pertinente

O passeio ao longo deste itinerário do pensamento científico ocidental suscitou-nos reflexões. Particularmente no diálogo com as perspectivas teóricas dos autores que referenciamos, construímos um panorama daquilo que consideramos ser uma visão mais pertinente sobre ciência: sua razão de ser, suas características, sua relação com outras vias de saberes. Amparamo-nos, sobretudo, nas contribuições de Feyerabend, Morin e Chalmers, tomando para com eles uma postura de negociação: aderimos a alguns aspectos e nos resguardamos de outros, os quais não nos pareceram suficientemente amplos. Muito embora nossa percepção não tenha nenhuma pretensão de validação epistêmica a rigor e nem tampouco seja a que interessa prioritariamente para este trabalho (na verdade, é percepção daqueles que entrevistamos sobre este tema<sup>14</sup> que

---

<sup>14</sup> Capítulo 3; este ponto será desenvolvido nas etapas seguintes.



ocupa tal papel), é válido expor o resultado da elaboração crítica que as leituras desta parte específica nos provocaram.

Preferimos explicitar em tópicos, de modo a sintetizar nosso discurso. Seguem abaixo:

- a) Ciência, antes de ser uma atividade, é um fenômeno vinculado a uma estrutura social e cultural. Assim, pode-se dizer que ela é uma prática social. Tem caráter processual e não segue uma ordem linear de desenvolvimento, pois traz em sua história um passado de desconstruções e revisões; quanto a isso, a incerteza é sua companheira e não sua inimiga<sup>15</sup>;
- b) Os fenômenos existem independentemente de nós; o conhecimento produzido sobre eles, em termos de ciência (ou seja, o saber científico), no entanto, depende da mediação humana e é a legitimação destes fenômenos e da própria ciência enquanto esfera produtora de conhecimento<sup>16</sup>; suas subdivisões (áreas, sub-áreas, campos, etc) demonstram o caráter multidimensional e/ou multifacetado dos objetos que investiga e/ou analisa;
- c) Como resultado de sua imersão no tecido social, seus critérios de validação perpassam filtros mistos, permeados por elementos objetivos e subjetivos; hierarquizada, é atravessada por lutas de poder e por isso não escapa à ação ideológica: a ciência em si, no seu âmbito macro, pode ser considerada uma ideologia específica<sup>17</sup>, mas se tomada no âmbito micro, perceberemos que abriga diversas ideologias;
- d) Mantém uma relação de retroalimentação com seus produtores: os cientistas a produzem e também são “produzidos”<sup>18</sup> por ela;
- e) Não consolidou um método universal e nem tampouco uniforme; as diferentes áreas têm diferentes abordagens, de modo que podemos até encontrar mais de uma abordagem na mesma área; essa diversidade é um dos grandes trunfos para a prática científica;
- f) Não é a única fonte de conhecimento e nem é, em princípio, superior a outras; muito embora esta superioridade da ciência seja bastante forte no contexto

---

<sup>15</sup> A possibilidade das desconstruções e revisões também está no presente e se inclina para o futuro.

<sup>16</sup> Vale lembrar: não é a única. Também produzimos conhecimento por mediações de outros ordens (família, mídia, etc). São conhecimentos distintos do científico.

<sup>17</sup> Estamos entendendo ideologia aqui como uma representação social organizada; um sistema de idéias ou pensamentos organizados coletivamente que constitui uma visão de mundo específica (SODRÉ, 2009, p. 9-10).

<sup>18</sup> No sentido de “reconfigurados”, de alguma maneira; algo próprio de uma relação de interação.

ocidental, de forma quase que naturalizada; é pertinente conferir voz a outros produtores de conhecimento (religião, sabedoria popular, dentre outros), sem que isso signifique prescindir da ciência;

Fazemos nossas as palavras de Chalmers (1993, p. 215) quando ele diz que não existe um conceito de ciência que seja consolidado universalmente, nem tampouco de método científico, pois “(...) não temos os recursos para chegar a tais noções e defendê-las”. De fato não há. Aqueles que o tentaram propor fracassaram, pois depararam-se com uma “abundância” – para recuperar Feyerabend – exponencialmente maior que nossas capacidades de enquadramento.

Não obstante, o “vale-tudo”<sup>19</sup>, conforme cita Chalmers, também não nos ajuda muito. A ciência é uma forma de produção de conhecimento que tem características próprias, tais como a justificação baseada em consistência lógica e fundamentação empírica, sujeição das teorias à avaliação dos pares e gerenciamento cumulativo do conhecimento (a capacidade de, formalmente, reunir e acumular conhecimento sobre um determinado objeto). Eliminar de vez os traços distintivos que conferem ao conhecimento científico a sua identidade abre um precedente indesejado: como se vai discernir o que é científico e o que não é, se todo método é válido? Até onde se pode admitir que tudo é válido em termos de metodologia com fins científicos?

O caso - parece-nos - não é o de “apagar” as fronteiras, mas de afrouxá-las um pouco, saindo de uma ciência de tez rígida e aparência auto-suficiente para uma que admite não dar conta de tudo e aceita dialogar com outros entes do saber. Nesse sentido, também socorre-nos aquilo que a ciência aprendeu com seus erros, isto é, o conhecimento acumulado sobre o que *não* fazer; as posturas que *não* devemos assumir, alinhadas a certas noções do pensamento complexo onde as coisas podem ser uma e outra ao mesmo tempo, onde tomamos a parte para nos acercar do todo – este grande “todo” do conhecimento, tão inabarcável à nossa compreensão.

### 1.3 Discurso midiático sobre ciência

---

<sup>19</sup> Recuperando sob este termo o espírito da anarquia metodológica proposta por Feyerabend; Chalmers usa esta expressão, literalmente, falando do ponto de vista do filósofo austríaco.

Nesta última seção, vamos captar algo da percepção da mídia sobre ciência. Dizemos “algo” porque sabemos que não conseguiríamos trazer para estas páginas o “todo” do discurso midiático sobre este tema. Uma vez que entendemos a mídia como um fenômeno de caráter processual e em curso<sup>20</sup>, visualizar completamente a questão seria por demais pretensioso de nossa parte; nossa situação aqui é semelhante a de se ter acesso a apenas um *frame* de uma película ainda em desenvolvimento.

Não obstante, emoldurar a integralidade desta discussão (ou seja, um estado da arte sobre o discurso midiático relacionado à ciência) demandaria muito mais tempo do que o disponível; na verdade, suscitaria um novo trabalho. Por outro lado, colegas pesquisadores já realizaram incursões neste intuito, e elas nos fornecem conteúdo significativo para ajudar-nos a compor a imagem que a mídia constrói acerca da ciência.

Analisando reportagens sobre ciência no programa de TV “Fantástico”, da emissora Globo, RONDELLI (2004, p. 139), identifica “(...) uma franca tendência a apresentar a informação científica como unívoca e incontestável”. Citando Boaventura de S. Santos<sup>21</sup>, a autora entende que esse movimento recupera uma visão particular de ciência.

Como já foi demonstrado, o Fantástico tende a apresentar a informação científica não apenas como correta, mas em geral como a única correta a respeito de um determinado assunto, assumindo um pressuposto adotado pela própria ciência, particularmente pelo positivismo lógico, que concebe a si própria como “*o aparelho privilegiado da representação do mundo*”. Contudo, em alguns poucos casos, o discurso do programa foi outro, não só por oferecer alternativas ou permitir a dúvida em relação à informação científica, mas também por confrontá-las. (RONDELLI, 2004, p. 110)

Rondelli (2004) capta ainda outros elementos que também agregam para o delineamento de uma concepção carregada de positivismo. Trata-se da abordagem linear do processo de construção do saber científico, a qual omite as discussões relativas ao método, aos critérios de validação e confiabilidade, por exemplo.

Compreender ciência vai além de conhecer termos técnicos, compreender ciência inclui conhecer um pouco sobre a forma de produzir esse conhecimento, implica em conhecer processos e não apenas resultados. Nesse sentido, o Fantástico não é tão bem-sucedido, já que boa parte da informação científica que aparece no

---

<sup>20</sup> Este ponto será mais elaborado no capítulo seguinte.

<sup>21</sup> A referência da citação usada por Rondelli (2004) é: SANTOS, Boaventura S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 3a. ed. São Paulo: Edições afrontamentos, 1990. Também usamos esta obra. Ver referências.

programa se dedica a explicar algum fato, ou seja, já vem pronta e dada como certa, sem que se considere como os especialistas chegaram a tais conclusões. Em raras ocasiões há menção ao processo de pesquisa científica, normalmente as informações aparecem e têm como único embasamento a credibilidade do especialista. (RONDELLI, 2004, p. 133)

Outro ponto levantado, o qual se apresenta como uma continuidade do que destacamos anteriormente, é a divulgação do conhecimento científico sem vinculá-lo à atividade de pesquisa propriamente dita. Isso nos provoca para questionar quais os referenciais que são propostos midiaticamente em termos de sujeitos produtores do conhecimento científico.

Sob essa óptica, a primeira observação a ser feita é que o Fantástico não dedica muito espaço a divulgação das atividades de pesquisa científica. De fato, a maior parte da informação científica que apresenta é utilizada como embasamento de reportagens que tem outro foco que não a ciência. Das 44 matérias analisadas, apenas oito fazem referências diretas a pesquisas em andamento, das quais a metade se referiam a pesquisa nacional. Outro dado interessante é que apenas duas matérias, *O sonho da maternidade* e *Pega na mentira*, tinham a pesquisa acadêmica como eixo sobre o qual a reportagem se desenvolvia. (RONDELLI, 2004, p. 136)

Além disso, Rondelli (2004, p. 140) afirma que a divulgação de ciência observada em suas análises não estabeleceu uma aproximação convincente entre o cidadão telespectador e o mundo acadêmico; nas matérias onde verificou que isso ocorreu, constatou que a ênfase ficou na capacidade da ciência influenciar o cotidiano, porém de maneira superficial, sem adensamento, sem evidenciar pontos importantes como as relações entre o campo científico e as esferas política e econômica.

Também na seara televisiva, Alberguini (2007) investigou a cobertura de ciência, tecnologia e inovação (CT&I)<sup>22</sup> em telejornais brasileiros de canal aberto, no horário nobre<sup>23</sup>. Além da análise das reportagens, a autora realizou também um estudo de recepção com as matérias selecionadas, mediante a técnica dos grupos focais.

Alberguini (2007, p. 271) percebe que há uma presença considerável desta temática nos telejornais, embora esta não seja constante. Para a autora, existe uma

---

<sup>22</sup> Apesar de agregar os elementos “tecnologia” e “inovação”, o recorte temático de Alberguini (2007) é semelhante ao do trabalho citado anteriormente e ao nosso.

<sup>23</sup> Os telejornais listados foram: Jornal da Band, Jornal Nacional, Jornal da Record, Jornal da Cultura e SBT Brasil.

influência nesses programas exercida pela presença e/ou ausência de eventos e pautas que são gerados nas assessorias de comunicação de organizações ligadas à ciência e tecnologia. Das 44 matérias relacionadas na amostra da pesquisa, a maioria (28) era de reportagens, seguidas por um reduzido quantitativo de notas simples (8) e notas cobertas (8) (IDEM, p. 272).

No que tange à qualidade de abordagem dos assuntos, Alberguini (2007) visualiza uma relação com o formato da matéria. Para ela, a formatação não define, a princípio, a qualidade da informação, mas “(...) aponta o investimento da empresa jornalística na temática e indica possibilidades de aprofundamento/contextualização do fato” (ALBERGUINI, 2007, p. 272). Na pesquisa, a maioria das matérias consideradas contextualizadas era de reportagens<sup>24</sup>.

Por outro lado, observa que há disparidades na distribuição das matérias por áreas do conhecimento científico. A tendência no período pesquisado “(...) foi de divulgar, em maior número, pesquisas das áreas de Ciências Exatas e da Terra (17, das 44 matérias da amostra) e das Ciências Biológicas, Ambientais e da Saúde (11 matérias)” (ALBERGUINI, 2007, p. 272). O silenciamento em torno das Ciências Humanas e Sociais nos sugere para o reforço daquele ideal positivista, sobre o qual já comentamos nesta seção. Aqui, a questão se expande para muitas possíveis explicações: seriam estas “menos ciência” que as demais, de modo que isso evidenciaria a subsistência de um preconceito interno<sup>25</sup>? Faz-se pouca pesquisa nestes domínios ou divulga-se mal (no sentido de se fazer chegar aos núcleos produtores de notícia) o que se faz? As bases mais sólidas para sair das especulações imaginativas e dar respostas fundamentadas a essas perguntas ultrapassa a tarefa que temos de levar a cabo neste capítulo. É oportuno, mesmo assim, deixar explícitas estas indagações.

Além disso, Alberguini (2007, p. 273) verificou outro silenciamento: em relação às origens das pesquisas científicas. Nas poucas onde fez-se esse registro, a maioria das instituições em questão eram de âmbito público. Esta omissão de dados faz eco à provocação que lançamos anteriormente sobre o foco “linear” no trato de ciência.

---

<sup>24</sup> Vale registrar que foram consideradas também algumas notas, tanto notas simples (lidas pelo apresentador do telejornal, sem uso de imagens do fato noticiado) quanto notas cobertas (há o uso de imagens do fato noticiado, exibidas simultaneamente à fala do apresentador).

<sup>25</sup> Por fatores como cronologia mais recente, menor tangibilidade e maior flutuação empírica de seus objetos, essas ciências teriam um estatuto científico inferior às demais, as quais também seriam mais antigas e consolidadas.

Um ponto positivo registrado foi a predominância na divulgação de ciência, tecnologia e inovação produzida no Brasil (ALBERGUINI, 2007, p. 273). Todavia, notou-se a concentração das matérias em um eixo geográfico, a desprezo das demais regiões do país.

Se, por um lado, a maior parte das matérias sobre CT&I são sobre pesquisas nacionais, a localização das instituições responsáveis pela pesquisa revela, por outro, a disparidade flagrante entre as regiões brasileiras. Com exceção das nove pesquisas realizadas pelo IBGE em âmbito nacional, a quase totalidade das matérias trata da divulgação de pesquisas realizadas, majoritariamente, por institutos públicos de pesquisa e universidades da região Sudeste do País (principalmente Rio de Janeiro e São Paulo). No caso das universidades públicas, há prevalência da divulgação de pesquisas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade de São Paulo (USP). Tal concentração revela o descaso dos telejornais investigados por pesquisas realizadas nas demais regiões brasileiras (apenas uma matéria tratou de pesquisa realizada na região Norte, fora, portanto, do eixo Rio-São Paulo) ou a falta de profissionalização das assessorias de comunicação dessas instituições. (ALBERGUINI, 2007, p. 273)

Por fim, em aspectos mais globais, esta autora conclui que a visão proposta nas matérias que analisou ressaltava “(...) as características positivas, ligadas ao avanço, aos benefícios sociais, econômicos, ambientais, entre outros (...)” (ALBERGUINI, 2007, p. 274). Para ela, a imagem de ciência verificada no discurso midiático analisado era “elogiativa”, mas equilibrada (sem enaltecer ou depreciar) (IDEM).

Na etapa dos grupos focais, contudo, percebeu que os telespectadores – independentemente de nível sócio-econômico e educativo - realizavam uma discussão aguçada sobre as matérias, identificando aspectos que lhes pareceram confusos ou negligenciados (IDEM, p. 275). Alguns dos pontos que citamos aqui não passaram despercebidos aos entrevistados na pesquisa de Alberguini (2007).

Até agora, ambas as pesquisas utilizadas situaram-se no âmbito da mídia televisiva. Em termos de mídia impressa, recuperamos um trabalho nosso, anterior a este<sup>26</sup>. Nele, propusemos a aplicação de uma determinada linha teórica<sup>27</sup> à compreensão do jornalismo científico, no intuito de estabelecer um quadro teórico alinhado às particularidades dessa especialização da prática jornalística. No decurso da empreitada,

---

<sup>26</sup> 2007. Trata-se da monografia de conclusão da graduação, intitulada “Ciência e Jornalismo: reflexões sobre a teoria e prática do jornalismo científico no Brasil”.

<sup>27</sup> Estudos Culturais, mais precisamente em Stuart Hall, com seu modelo de codificação e decodificação.

fizemos a análise da editoria de ciência do jornal Folha de S. Paulo, selecionando uma amostra dada pela compilação do caderno durante três meses.

Em nosso trabalho, percebemos como a diferença dos “mundos” do cientista e do jornalista são um dado importante para entender as diferenças de abordagem de um e de outro em relação à informação proveniente da investigação científica. Também visualizamos como o caderno de ciência do jornal selecionado privilegia, em termos de fonte de pauta, as revistas científicas internacionais de renome, como “Science”<sup>28</sup>, “Nature”<sup>29</sup> e “PNAS”<sup>30</sup> (ARAÚJO, 2007, p. 52), o que denotou a confiabilidade do veículo no critério de validação por pares. Identificamos ainda o déficit na divulgação de pesquisa brasileira e na distribuição das notícias por áreas do conhecimento, onde novamente os assuntos relacionados às Ciências Humanas e Sociais foram minoria<sup>31</sup> (IDEM, p. 53).

Algumas das observações destacadas nos trabalhos elencados até aqui nos fornecem substrato para compor a visão de ciência proposta pelo discurso midiático. De forma geral, trata-se de uma que é alinhada à **concepção positivista** (ciência com status superior e como único meio do autêntico progresso; arraigada no empirismo indutivista, isto é, na experiência com o observável e no desprezo pelo não-observável, não-sensível). Por isso mesmo, confere **mais visibilidade a certas áreas do conhecimento em detrimento de outras**. Conforme observamos, a escolha de assuntos relacionados às Ciências Humanas e Sociais é bem reduzida quando comparada às Ciências Naturais.

A ciência social será sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais; tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, com vistas à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético (SANTOS; 2003, p. 38-39 *apud* RONDELLI; 2004, p. 56)

Ainda recuperando Santos (2003), Rondelli (2004, p. 56) entende que foram justamente esses traços distintivos das ciências sociais que, na ótica positivista,

---

<sup>28</sup> Revista da Associação Americana para o Progresso da Ciência.

<sup>29</sup> Periódico norte-americano.

<sup>30</sup> Revista da Academia Nacional Norte-americana de Ciências.

<sup>31</sup> Ponderamos aqui por observar que o jornal destinava boa parte desse tipo de notícia ao caderno “Mais!” (um suplemento cultural).

acabaram lhe imprimindo essa aura de inferioridade. Porém, estas mesmas características se revelariam como a chance de continuidade no avanço das ciências naturais quando estas atingem seus limites.

Ademais, a ciência é proposta midiaticamente como um **processo linear**. A grosso modo, não há uma representação adequada daquilo que é a construção do conhecimento científico, uma vez que são omitidas ou precariamente apresentadas as questões relativas ao método, aos critérios de validação e mecanismos de confiabilidade, dentre outros aspectos. Em lugar da heterogeneidade (debate, dissenso e negociações argumentativas) que é característica deste processo, é apresentado um panorama predominantemente homogêneo, com poucas vozes dissonantes. Não obstante, persiste ainda uma certa espetacularização da ciência, seja na figura do cientista ou do produto final: “(...) Nos casos específicos das matérias sobre Invenções, nota-se que a imagem criada por repórteres e apresentadores em torno da figura do inventor é caricatural. (...)” (ALBERGUINI, 2007, p. 274).

Em síntese: a visão de ciência apresentada no discurso midiático é, de maneira geral, perpassada pela concepção positivista. É claro que admitimos que possam existir expressões midiáticas específicas que fujam dessa visão, mas acreditamos que estas sejam casos particulares. A visão dominante, por assim dizer, é a que mencionamos.

É a partir desse prisma positivista que se propõe uma ciência auto-legitimada, que enfatiza um coletivo restrito de áreas do conhecimento, onde alguns grupos de ciência são mais “científicos” (mais confiáveis e mais consolidados) que outros. Além disso, se evidencia uma ciência cujas lutas simbólicas e/ou ideológicas são mínimas: a figura do cientista/pesquisador/produtor de ciência é representada como um sujeito realizador de descobertas espetaculares e o produto de suas pesquisas é mais ou menos<sup>32</sup> celebrado à medida que propicia repercussões concretas no cotidiano da sociedade. Conforme nos lembram MOREIRA e MASSARANI (2002, p. 63-64), na divulgação científica feita no Brasil, predomina o “modelo de déficit”, no qual a sociedade é tida como analfabeta no campo da ciência e o conhecimento científico é considerado “salvador”, libertário.

---

<sup>32</sup> Reforçamos que a idéia aqui é de intensidade e não de aproximação.



## CAPÍTULO DOIS

### Midiatização, Consumo e Memória

Já não é mais novidade falar que vivemos em uma sociedade “mediatizada”, isto é, perpassada pelo fenômeno sócio-cultural da mediatização. Consiste na diluição das mídias no cotidiano do indivíduo, de modo que os meios e as dimensões imbricadas neles passam a ser elementos integrantes do processo de estruturação da sociedade e da elaboração da realidade (noção do real). O fluxo da informação e o processo de produção e apropriação de sentidos são reconfigurados no curso deste fenômeno, desdobrando-se em diversas práticas sociais, evidenciadas de maneira tão clara em nosso tempo pelas novas sociabilidades.

Quando nos referimos às novas práticas sociais, a idéia que queremos recuperar alude a uma novidade no modo de presença do indivíduo na existência; a um modo de experiência distinto em relação a períodos históricos e tipos de sociedade precedentes. É claro que estas sociabilidades reconfiguradas não são produto somente da dimensão midiática, mesmo porque esta mantém estreita relação com as demais dimensões (econômica, política, cultural, dentre outros) da vida social e não pode ser compreendida à parte disso. Porém, também não se pode obscurecer o fato de que, à medida que se entrelinha com a vida cotidiana, a mídia “medeia” os fluxos culturais e modula novos valores e práticas.

Pois a mídia é, se nada mais, cotidiana, uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática, para outro. Do rádio para o jornal, para o telefone. Da televisão para o aparelho de som, para a Internet. Em público e privadamente, sozinhos e com os outros. É no mundo mundano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e manutenção do senso comum. (SILVERSTONE, 2005, p. 20)

Fausto Neto (2008, p. 2) acredita que a mediatização “(...) resulta da evolução de processos midiáticos que se instauram nas sociedades industriais”. Esses processos dizem respeito à convergência de fatores sócio-tecnológicos, principalmente nas últimas três décadas, os quais produziram profundas e complexas alterações na nossa

constituição societária. O autor fala da disseminação de protocolos técnicos em toda extensão da organização social e da intensificação da transformação de tecnologias em meios de produção, circulação e recepção de discursos. Para ele, o que precisamente distingue esta sociedade midiaticizada de sua precedente é o protagonismo dos meios nos modos de estruturação e funcionamento das dinâmicas sociais.

Já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a “cultura da mídia”. Sua existência não se constitui fenômeno auxiliar, na medida em que as práticas sociais, os processos interacionais e a própria organização social, se fazem tomando como referência o modo de existência desta cultura, suas lógicas e suas operações. (FAUSTO NETO, 2008, p. 4)

Sodré (2002), por sua vez, compreende a midiaticização em termos de uma “qualificação virtualizante” da vida. Observando a passagem do que denomina “mídia tradicional ou linear” para as teletecnologias e/ou comunicação em rede, verifica a mudança de paradigma de uma comunicação centralizada, vertical e unidirecional para um universo de novas possibilidades no bojo da hipermídia, a exemplo da interatividade e multimídia. Possibilidades essas que, para o autor, se realizam e se evidenciam em uma tendência à virtualização.

Tudo isto, associado a um tipo de poder designável como ‘ciberocracia’, confirma a hipótese, já não tão nova, de que a sociedade contemporânea (dita “pós-industrial”) rege-se pela *mediaticização*, quer dizer, pela tendência à virtualização ou telerealização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação. A estas se deve a multiplicação das tecnointerações setoriais. (SODRÉ, 2002, p. 21)

Dessa forma, Muniz Sodré (2002, p. 25-26) menciona a existência de um “quarto bios”. Recuperando aqui as idéias aristotélicas em relação às dimensões da existência, a quarta – e hodierna – ambiência seria precisamente a midiática, companheira da vida contemplativa (*bios theoretikos*), política (*bios politikos*) e do prazer (*bios apolaustikos*). Em outras palavras, este autor expressa a “afetação das formas de vida tradicionais por uma qualificação de natureza informacional”.

Estamos tomando aqui, quanto à midiaticização, o pensamento de autores que nos levam a perceber a “onipresença da realidade midiática” (SANTAELLA, 2002) em nosso contexto. Isso significa, em outras palavras, a diluição da cultura midiática em termos de vida em sociedade e, mais precisamente nos últimos trinta anos, de uma cultura midiática alinhada ao virtual, às tecnologias advindas das telecomunicações. É oportuno, pois, esclarecer que estamos lidando com uma noção de cultura que compreende “(...) tanto os significados e os valores que surgem e se difundem nas classes e grupos sociais, quanto as práticas efetivamente realizadas, por meio das quais valores e significados estão expressos e nas quais estão contidos<sup>33</sup>” (WOLF, 2005, p. 103). E, falando da cultura midiática, tratamos de uma vertente cultural cujas origens remontam à cultura de massas<sup>34</sup>, a qual, de acordo com Morin (1997), é um sistema cultural específico, produzido segundo as normas da fabricação industrial e difundido pela mídia para gigantescos aglomerados de indivíduos. Como “produto”, esta cultura massiva é “consumida” no cotidiano, materializando-se na vida privada, em uma dinâmica de acrescentar-se a culturas existentes (idem). Características essas que permanecem na cultura midiática até a contemporaneidade.

Examinando a intensiva influência dos meios de comunicação no nosso cotidiano, podemos considerar a cultura da mídia como corolário da cultura de massas. Não por acaso, autores contemporâneos como Douglas Kellner classificam a cultura midiática como hegemônica, mas o fazem com critério.  
(CASTRO e ROCHA, 2009, p. 5)

É necessário, porém, fazer aqui uma importante ressalva. Falamos de uma cultura midiática que se espraia na vida cotidiana, que toma parte no processo de estruturação social. Até usamos a expressão “onipresença”, em citação anterior. Não queremos dizer, contudo, que estamos pendendo para um quadro onde a mídia é onipotente, ou seja, aquele em que os meios todo-poderosos, quase que como deuses *ex-machina*<sup>35</sup>, penetram em todos os espaços da experiência para manipular indivíduos dóceis ou coletividades indefesas; para condicionar suas escolhas, como um titereiro<sup>36</sup>. Em nossa opinião, incorrer nesta perspectiva traz implicações problemáticas, as quais

---

<sup>33</sup> Trata-se do entendimento de cultura segundo a linha dos Estudos Culturais; esta citação, particularmente, recupera a ótica do coletivo fundador (Birmingham, Inglaterra).

<sup>34</sup> Bojo circunstancial do conceito de “indústria cultural”, cunhado por teóricos da Escola de Frankfurt, na primeira metade do século XX.

<sup>35</sup> Sodré (2002) faz semelhante ressalva, usando essa expressão em latim.

<sup>36</sup> É aquele que faz mover títeres ou fantoches, marionetes. Também chamado “bonequeiro”. Fonte: Dicionário Aulete (<http://aulete.uol.com.br>).

subestimam o receptor: desconsideram sua liberdade de escolha, minimizam sua capacidade crítica e comprometem seu potencial de resignificação e produção de sentido enquanto sujeito ativo nos processos de troca simbólica. Na verdade, alocar-se em qualquer um dos extremos – dominados ou plenamente autônomos - para explicar a relação que temos com a mídia não se verifica como uma postura sensata para quem transita na pesquisa em comunicação; as contribuições dos estudos culturais em seu desdobramento latinoamericano<sup>37</sup>, por exemplo, evidenciaram isso de forma bastante clara.

O próprio Sodré (2002) faz ressalvas importantes no sentido de evitar recair no entendimento sobre um suposto primado da mídia<sup>38</sup>, principalmente diante da expansão das novas tecnologias da informação e da comunicação. Enquanto alguns teóricos enxergam nestas transformações a porta aberta para a colonização da subjetividade por parte dos meios, mediante o alcance do ápice de seu poder hipnotizador, este autor entende que as teletecnologias se revelaram “francamente conservadoras das velhas estruturas de poder”, ainda que tenham de fato possibilitado algumas vias de democratização. Por não achar que houve ruptura nestas transformações, o termo “revolução” lhe parece descabido. Prefere “reconfiguração”, pois as novas mídias guardam características das lineares; trata-se, em sua opinião, de uma “hibridização dos meios com uma reciclagem de conteúdos”, onde os receptores que já não eram manipulados antes também não o são agora.

De todo modo, em termos de relação entre sujeitos e cultura midiática, nos parece mais cabível falar em processos complexos de negociação, assinalados por continuidades e discontinuidades. Em coexistência da cultura midiática com outras formas de cultura, fomentando um envoltório cultural heterogêneo, por assim dizer “híbrido” (CANCLÍNI, 2006). Tal postura apresenta-se, para nós, mais consoante com uma percepção adequada: nem desmerece ou desvaloriza a força simbólica do campo midiático e nem reduz a capacidade crítica e proativa dos sujeitos receptores. De resto, colocamo-nos entre aqueles que entendem que a sociedade se sabe midiaticizada sim,

---

<sup>37</sup> Será utilizado em nosso referencial teórico, conforme se verá no desenvolvimento a seguir.

<sup>38</sup> “Primado” no sentido absolutizante do termo. Mídia como detentora de um poder soberano e absoluto.

ainda que em diversos graus de consciência, e, bem ou mal, se organiza para lidar com a sua mídia<sup>39</sup> (BRAGA, 2006).

Chegamos então a um dos pontos cruciais deste trabalho. Se, por um lado, entendemos que a mídia se dilui no cotidiano e nos fornece elementos consistentes o suficiente para atestarmos sua presença e influência simbólica em nossa experiência, por outro, descartamos a visão que se concentra em noções de manipulação e/ou coação por parte dos meios em relação aos indivíduos. Sendo assim, o que de fato a mídia faz? Como lidamos com esta mídia? De que forma suas referências passam a povoar nossa visão de mundo e se reproduzem em nossas concepções, valores? Antes de tudo, de que mídia estamos falando, afinal?

Precisaremos examinar a mídia como **um processo**, como **uma coisa em curso e uma coisa feita**, e **uma coisa em curso e feita em todos os níveis**, onde quer que as pessoas se congreguem no espaço real ou virtual, onde se comunicam, onde procuram persuadir, informar, entreter, educar [...] Entender a mídia como um processo – e reconhecer que o processo é fundamental e eternamente social – é insistir na mídia como historicamente específica. [...] Entender a mídia como processo também implica um reconhecimento de que ele é fundamentalmente político ou talvez, mais estritamente, politicamente econômico.(SILVERSTONE, 2005, p. 16-17; destaque nosso)

No eco das considerações de Silverstone (2005), estamos concebendo mídia para além dos suportes técnicos, isto é, dos meios propriamente ditos. Ela é um ente social que diz respeito às construções de significados, valores e práticas<sup>40</sup> (WOLF, 2005, p. 103), e por isso mesmo está relacionada à experiência do indivíduo, à tessitura dos modos de vida em sociedade, nas suas diversas esferas de socialização. Conforme aponta Sodré (2002), ela é ambiência; é mediação (BARBERO, 2006); é fenômeno sócio-cultural em contínuo, o qual se articula e dialoga com outras dimensões (política, econômica, histórico-conjuntural) e não existe apartada delas.

## 2.1 Sociedade midiaticizada: arena “de” e “para” consumo

Fausto Neto (2008) tenta demonstrar como a midiaticização torna-se moduladora de práticas sociais, alterando nosso modo de experiência:

---

<sup>39</sup> Este comentário sinaliza mais uma inclinação em nossa postura teórico-metodológica e por isso consideramos pertinente situá-lo. Porém, essa questão em si não será desenvolvida aqui. Isso suscitaria uma outra direção, um outro trabalho.

<sup>40</sup> Novamente, adotamos uma ótica proveniente dos Estudos Culturais.

As mídias perdem este lugar de auxiliaridade e passam a se constituir uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais. A expansão da mediatização como um ambiente, com tecnologias elegendo novas formas de vida, com as interações sendo afetadas e/ou configuradas por novas estratégias e modos de organização, colocaria todos – produtores e consumidores – em uma mesma realidade, aquela de fluxos e que permitiria conhecer e reconhecer, ao mesmo tempo (FAUSTO NETO, 2008, p. 5)

O autor utiliza aqui uma nomenclatura cara à compreensão que queremos desenvolver neste trabalho; ele situa os sujeitos como “produtores e consumidores”. Estes termos nos valem para exprimir o entendimento que temos de que nossa relação com os meios e sua cultura pode ser compreendida pelo viés do **consumo**.

Considerando a notável concentração da indústria midiática em gigantescos conglomerados transnacionais, por um lado, e a progressiva privatização dos estados nacionais num mundo cada vez mais globalizado, torna-se relevante destacar as enormes tensões entre o local e o global num jogo comunicativo extremamente desigual entre hegemônicos e subalternos. No bojo da cultura midiática majoritária, observamos uma clara tendência à pasteurização e à homogeneização de uma cultura-mundo. Em decorrência da intensa mercantilização da cultura, temos **o deslocamento do receptor de bens culturais para o consumidor de produtos culturais**. Trata-se de uma transformação sutil, porém nem por isso menos significativa. (CASTRO e ROCHA, 2009, p. 5; destaque nosso)

Consumimos a mídia. Consumimos pela mídia. Aprendemos como e o que consumir pela mídia. Somos persuadidos a consumir pela mídia. [...] Consumimos objetos. Consumimos bens. Consumimos informação. Mas, nesse consumo, em sua trivialidade cotidiana, construímos nossos próprios significados, negociamos nossos valores e, ao fazê-lo, tornamos nosso mundo significativo. (SILVERSTONE, 2005, p. 150)

Consumo este onde os elementos midiáticos dos quais o indivíduo se apropria entrelaçam-se com outros de sua experiência. Sobre estes outros, evocamos atores de natureza não-midiática, provenientes do contexto (relações sociais diretas e indiretas; grupo ou setor sócio-econômico, dentre outros) e da subjetividade (aqui, nos será válido pôr em relevo mais adiante a dimensão da memória).

Para esclarecer do que estamos falando exatamente quando situamos estes “outros”, é pertinente pontuar sobre a perspectiva das mediações, de Martín-Barbero. Elas são elementos constituintes de nossa experiência; são dimensões intrínsecas ao viver em sociedade, as quais possuem um efeito engendradora de nossa forma de vida. Para Martino (2009, p. 179), mediações são “(...) as estruturas de construção de sentido

às quais o receptor está vinculado”, e abarcam aspectos como história pessoal, cultural de grupo, relações sociais imediatas e capacidade cognitiva, para dar exemplos. A mídia, por sua vez, também é uma mediação<sup>41</sup>.

As mediações são “(...) os conhecimentos e práticas sociais das pessoas” (MARTINO, 2009, p. 180) e dizem respeito às condições materiais e simbólicas do contexto do receptor, as quais têm desdobramentos sobre o processo de recepção. Elas “(...) são os elementos responsáveis pelas reapropriações e reconstruções levadas a efeito pelo receptor” (IDEM).

Porém, tão importante quanto entender o que são as mediações e como elas atuam é perceber o ponto de vista que essa linha teórica nos propõe diante dos processos comunicativos. Talvez este ponto em particular seja o mais relevante para a ótica que desenvolvemos neste trabalho, o qual interferiu diretamente em nossa articulação teórico-metodológica.

A Teoria das Mediações propõe uma substituição do aspecto linear ‘produção-recepção’ por uma complexa dialética do processo de recepção, no qual a imagem – seja da mídia, seja da mercadoria – é compreendida como parte de um fluxo maior de mensagens e práticas. Isso permite compreender as múltiplas dimensões da recepção como uma dialética entre dominação e resistência diante do consumo de bens materiais e simbólicos. (MARTINO, 2009, p. 182)

As mediações estruturam, organizam e reorganizam a percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade. Por essa razão, a atenção concentra-se nos movimentos, nas dinâmicas e daí que a pesquisa sobre os usos nos obriga, então, a deslocar-nos do espaço dos meios ao lugar em que se produz sentido. (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 67).

Assim, dentro desta proposta, tentamos pensar os processos de comunicação a partir de dois referenciais primordiais: a cultura e o receptor. Essa forma de aproximação significa, nas palavras do próprio Barbero (2006, p. 287), “(...) deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias”. Dito de outra forma: debruçar-se sobre os fenômenos e processos comunicacionais a partir de um “lugar novo” (BARBERO, 2006, p. 290), com uma postura que valoriza as variáveis do contexto, das interações e dos sujeitos.

---

<sup>41</sup> Daí surge um trocadilho: a mediação da mídia seria uma “mídiação” (POLITSCHUK, TRINTA; 2003).

Vale ressaltar que a noção de cultura embutida no pensamento deste autor refere-se à gama de práticas, símbolos e representações que compõem o contexto simbólico/ideológico da sociedade; uma noção que corrobora a que expressamos anteriormente. Além disso, o receptor é um sujeito: não é “massa” e nem “público”, mas um produtor de sentidos<sup>42</sup>.

Dessa maneira, as mediações também nos valem como uma espécie de “pano de fundo” sobre o qual as apropriações do conteúdo midiático se debruçam; aí, também se articulam. Estes mecanismos, os quais desenvolveremos mais à frente, estão diretamente relacionados com a construção de nossas visões de mundo.

A perspectiva das mediações mantém íntima relação com a teoria sociocultural do consumo, principalmente nas idéias de Canclíni (1999), autor que nos valerá para tratar do consumo midiático, mais adiante. Além de alinhar consumo à recepção, ele mostra como as práticas de consumo são, na verdade, práticas sociais. O consumo é visto como vetor de produção de sentido e ressignificação à medida que é mediação nas trocas objetivas e simbólicas entre os indivíduos.

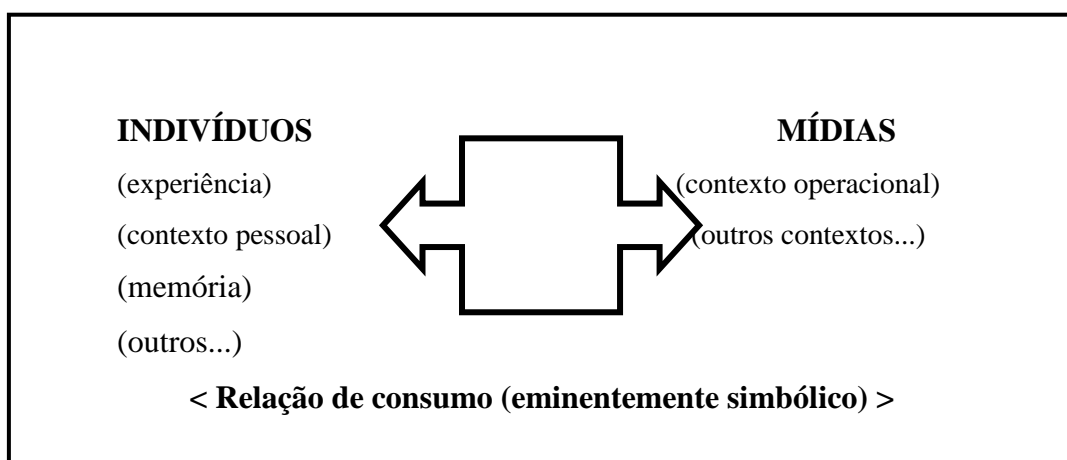


Figura 01 – Esquema da interação indivíduos/mídia;

### 2.1.1 O que é consumo

Em uma perspectiva histórica, de acordo com Lipovetsky (2007, p. 23), a expressão “sociedade de consumo” aparece nos anos 20, populariza-se nos anos 50 e 60 e continua até nossos dias. Esta sintetiza bem o entendimento de que este é um dos processos centrais na dinâmica das sociedades contemporâneas, as quais experimentam

<sup>42</sup> Ótica desenvolvida mais objetivamente por Canclíni; a desenvolveremos em seguida.



ordenamentos e fluxos estreitamente vinculados ao consumo. Deste modo, quando tratamos aqui sobre “consumir”, estamos nos remetendo, em âmbito geral, a uma prática social que acontece na confluência entre vida cotidiana, cultura, ordem político-econômica e o campo midiático, sempre tecendo uma relação de retroalimentação com estas dimensões.

Um dos pioneiros nas reflexões teóricas sobre consumo, Baudrillard (2005)<sup>43</sup> o entende como atividade social irracional; como fuga do real operada por meio da manipulação de signos. Ele é também um dos primeiros a observar a relação entre consumo e cotidianidade, e por isso mesmo percebe que o envolvimento do indivíduo no ato de consumir é total. Este mesmo autor identifica os ciclos de moda a reger o ritmo do consumo, aos quais denomina de “economia das reciclagens”. Estas vigoram na cultura, na natureza e até nos corpos e estão intimamente relacionadas à efemeridade, isto é, a curta vida útil de seus objetos e produtos. Estar a par da última novidade é condição para ser incluído nesta sociedade.

As noções de manipulação, fuga e irracionalidade conferem-nos dados para esboçar uma percepção negativista por parte deste teórico à medida que suas propostas constroem um indivíduo demasiado tímido – para dizer o mínimo - diante das trocas materiais e culturais. Nem a dimensão simbólica escapa na visão de Baudrillard (2005): quando trata dos leitores da “Science et Vie”<sup>44</sup>, revista francesa especializada em ciência, de tiragem mensal, observa que a motivação para o consumo simbólico se dá muito mais em função de uma potencial mobilidade social, a partir do capital apropriado, do que propriamente de uma formação cultural em si. Daí, estaríamos diante de um processo de banalização, o qual traduziria um movimento maior de inversão na função da cultura, cuja conseqüência é o fato desta tornar-se um objeto de consumo como qualquer outro.

E onde estão as mídias na ótica de Baudrillard? Elas desempenham um papel definidor justamente neste processo de “dessacralização” da cultura, de desvirtuamento de sua função original: “a comunicação de massa exclui a cultura e o saber”, visto que expurga os “verdadeiros processos simbólicos ou didáticos” e oferece em seu lugar um

---

<sup>43</sup> Vale lembrar que a 1ª edição de sua obra sobre consumo é publicada em 1970 (“Sociedade de Consumo”), em francês.

<sup>44</sup> Lançada em 1913 pela Excelsior publicações; ainda está no mercado. <http://www.science-et-vie.com/>

“código formal de sinais cuidadosamente esvaziados de todo conteúdo de sentido”, compondo uma pseudo-realidade (BAUDRILLARD, 2005, p. 108).

Há que se fazer separações claras às idéias do filósofo francês. Parecem-nos oportunas suas observações sobre as mudanças então emergentes no papel da cultura, bem como em seus processos de produção e de apropriação. Ele vislumbrava os inícios daquilo que se consolidaria mais fortemente sob a alcunha de “Indústria Cultural”. Por outro lado, tal concepção do consumo e de sua dinâmica não nos parece adequada à nossa ótica, pois vitimiza indivíduo e coletividade nos processos de troca cultural, seja ela material ou simbólica. Nem por isso a perspectiva de Baudrillard perde seu valor; suas proposições permanecem em nível de autor “ao mesmo tempo clássico e contemporâneo” indispensável nas leituras de quem se debruce sobre o fenômeno do consumo<sup>45</sup>.

Outros autores, mais contemporâneos, adotam uma ótica diferenciada para tratar de consumo. Featherstone (1995), por exemplo, o contextualiza na lógica do estilo de vida, da mercantilização do gosto, tentando entender qual o é o conceito e o papel dos estilos de vida na sociedade de consumo. Para ele, falar em “cultura de consumo” significa “(...) enfatizar que o mundo das mercadorias e seus princípios de estruturação são centrais para a compreensão da sociedade contemporânea” (FEATHERSTONE, 1995, p. 121), e esta se desdobra em duas abordagens: a primeira, uma “dimensão cultural da economia”, a qual implica na “simbolização e o uso de bens materiais como ‘comunicadores’, não apenas como utilidades” (IDEM); e uma “economia dos bens culturais”, que consiste em “princípios de mercado que operam dentro da esfera dos estilos de vida, bens culturais e mercadorias” (IBIDEM).

Conforme este mesmo autor, na cultura de consumo, a estilização do gosto não representa a autonomização absoluta ou a alteridade total, mas pelo contrário: a vinculação com o social – o social como referência no partilhamento dos significados – está relacionada ao declínio das uniformidades, de maneira que “(...) a cultura de consumo parece ser capaz de se aproximar mais da libertação da individualidade e das diferenças que sempre prometeu” (FEATHERSTONE, 1995, p.124).

---

<sup>45</sup> Além disso, Baudrillard trabalha suas reflexões pela ótica dos signos; uma angulação que não é pertinente para o viés que adotamos aqui.

Bauman (2008), por sua vez, assume em sua abordagem, um tom que, em nossa opinião, faz-nos lembrar um pouco da ótica de Baudrillard. Para este filósofo polonês, a reconstrução das relações humanas à semelhança das relações mercantis é o que define a sociedade de consumidores da contemporaneidade: uma que interpela seus membros na condição de consumidores e que não conhece exceções (nem de gênero, nem de idade e nem de classe) (BAUMAN, 2008, p. 19). Dessa forma, a relação cartesiana entre consumidor (sujeito) e mercadoria (objeto), a qual pressupunha uma separação concreta e objetiva, foi transformada: essa separação não mais existe, e o que se observa é precisamente o embaçamento e, em última análise, a eliminação dessas divisões. As pessoas são ao mesmo tempo os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem, principalmente na dimensão do mercado de trabalho (este como um dos muitos mercados nos quais se inscreve a existência) (BAUMAN, 2008, p. 20).

Segundo Bauman (2008, p. 70), o consumismo é um “modo peculiar pelo qual os membros de uma sociedade de consumidores pensam em seus comportamentos ou pelo qual se comportam ‘de forma irrefletida’”. Individualista por excelência, a cultura consumista preconiza que consumir é condição de afiliação social. A grande ironia, contudo, é que essa mesma cultura, segundo o autor, não propicia vínculos duradouros.

Esse mesmo consumismo associa a felicidade não à satisfação de necessidades, mas sim a um volume e intensidade de desejos sempre crescente. Dessa forma, para o autor, ingredientes como a instabilidade dos desejos, a insaciabilidade das necessidades, imediatismo (consumo instantâneo) e o rápido descarte ou substituição dos objetos resultam no engendramento do “ambiente líquido” atual da existência humana.

Do ponto de vista que empreendemos neste trabalho, sobretudo quanto à ótica que tomamos em relação à dimensão midiática, consideramos que a perspectiva mais pertinente em termos de pensar o consumo (e principalmente pensá-lo em nível do simbólico), dada sua abrangência, é aquela contida nas proposições de Canclíni (1999), cuja visão apurou-se para mais além dos “meios manipuladores” no embate com “dóceis audiências”.

O consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Esta caracterização ajuda a enxergar os atos pelos quais consumimos como algo mais do que simples exercícios de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas, ou atitudes individuais (CANCLÍNI, 1999, p. 77)

Para este autor, o consumo é um “espaço de interação, no qual produtores e emissores não só devem seduzir os destinatários, mas também justificar-se racionalmente”, caracterizado por regras móveis, onde “consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo” (CANCLÍNI, 1999, p. 79). Esta concepção aproxima-se muito do que exprimimos anteriormente, quando falávamos de “complexos processos de negociação” para captar sinteticamente como consideramos ser nossa relação com a mídia. Aqui, estamos diante de sujeitos potencialmente mais ativos nas trocas culturais. Canclíni (1999) também propõe uma nova concepção de mercado. Este não é mais visto como “simples lugar de troca de mercadorias, mas como parte de interações socioculturais mais complexas” (CANCLÍNI, 1999, p. 90).

Para desenvolver a contento as propostas deste autor, articulando-as mais estreitamente com a reflexão de nosso trabalho, faz-se necessário adentrar no âmbito da teorização sobre memória, midiaticização e consumo. É o que faremos a seguir.

## **2.2 Consumo midiático e Memória: a midiaticização internalizada pelos sujeitos**

Chegamos ao ponto onde é necessário desenvolver as hipóteses fundamentais deste trabalho e esclarecer suas conexões. Assinalamos um contexto de sociedade midiaticizada, isto é, uma em que as mídias se diluem no cotidiano de maneira tal que sua cultura torna-se um elemento ordenador de fluxos na estruturação social e uma referência de suma importância para a construção da noção de realidade. Assim, a apropriação de sentido que fazemos a partir dos conteúdos midiáticos se espraia para todas as esferas de nossa vida. No entanto, isso não se dá de forma absoluta, direta, livre de cruzamentos e/ou reverberações com outros elementos de nossa experiência; muito pelo contrário. Nesse processo de entrelaçamento, estes “outros” são aqui recuperados sob a perspectiva das mediações de Barbero (2006), a qual diz respeito à articulação das apreensões feitas a partir da mídia com interações advindas de outras práticas sociais (cotidiano, história pessoal, cultura de grupo, relações sociais imediatas e capacidade cognitiva, dentre outras dimensões específicas de socialização). Sob esta ótica, entendemos que estamos lidando com estruturas simbólicas dinâmicas, inseridas em complexos processos de negociação (MARTINO, 2009).

Pontuamos, em seguida, que nossa compreensão acerca da relação que tecemos com a mídia e sua cultura também encontra respaldo na perspectiva dos estudos sobre consumo. Neste caso, um consumo de natureza eminentemente simbólica. Somos ao mesmo tempo consumidores, receptores e produtores de bens simbólicos, e construímos ressignificações enquanto indivíduos ativos neste processo de apropriação e reapropriação (CANCLÍNI, 1999).

Para completar o quadro de referência que ampara este trabalho, cabe trazer aqui a dimensão da memória. Recuperada sob a ótica da história de vida, a memória diz respeito ao acervo pessoal de registros de nossa experiência como um todo, ainda que essa se desdobre em múltiplos episódios, tais como as faces de um diamante que é perpassado por um feixe de luz. Dito de outra forma, trata-se de uma “instância reconstituidora do passado” que habita dentro de nós (SARLO, 2007, p. 28). Os registros são trazidos à tona sob a forma de relatos verbais ou não-verbais, nos quais a figura do sujeito denota um testemunho.

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no *comum*. (SARLO, 2007, p. 24-25).

Tratando de memória, necessariamente fazemos parada em uma temporalidade que remete ao passado. Segundo Beatriz Sarlo (2007, p. 9-10), há aí algo de “inabordável”, isto é, que não podemos visualizar e entender completamente, o qual apenas patologias psicológicas, intelectuais ou morais seriam capazes de reprimir. Mesmo assim, o passado “continua ali, longe e perto, espreitando o presente como a lembrança que irrompe no momento em que menos se espera (...)” ou da qual não se quer ou não se pode lembrar. Entre lembranças e esquecimentos, vemo-nos às voltas com mecanismos cognitivos tão propriamente nossos, mas aos quais não controlamos por meio de decisão, inteligência ou vontade: “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente” (SARLO, 2007, p. 9).

Para Maurice Halbwachs (2004), a experiência da memória não é estritamente individual, pessoal puramente. Nossas impressões podem se apoiar não somente sobre

nossa lembrança, mas também sobre as dos outros. Assim, teríamos então, na evocação do lembrar, uma experiência partilhada por várias pessoas.

Este pensador francês ousa dizer que nossas lembranças permanecem coletivas mesmo que tratemos de momentos onde somente nós estivemos presentes. As experiências individuais são também coletivas por que “nunca estamos sós”: levamos os outros dentro de nós (HALBWACHS, 2004, p. 30). Logo, o ato de lembrar é coletivo e pessoal ao mesmo tempo, onde o indivíduo entra e sai de grupos sociais.

Consideremos o sujeito em questão e as testemunhas como componentes de um mesmo grupo, os quais partilham alguma identificação e passado. O autor entende que os membros do grupo são definidos em função do lugar que ocupam em relação aos demais, naquele tal grupo. Nós os reconhecemos por meio do partilhamento de vínculo: o grupo é o elo em comum; não os reconhecemos por relações que tenham mantido em outros ambientes (HALBWACHS, 2004, p. 34). Podem até existir “comunidades paralelas”, isto é, grupos menores que co-existam com aquele e que compartilhem membros e lembranças. O importante é frisar que, para este teórico, a representatividade da lembrança está diretamente relacionada ao tempo de duração do grupo; eis aqui uma variável forte para entender se ela será facilmente recuperada ou não. Quando o vínculo é efêmero, a lembrança tem menos força (recai com mais facilidade no esquecimento). Isso pode se dar para um membro do grupo ou para todos os membros.

Vejam um professor que ensinou durante dez ou quinze anos em um liceu. Ele encontra um de seus antigos alunos, e mal o reconhece. Este fala de seus colegas de outrora. Ele recorda os lugares que ocupavam nos diversos bancos de sala de aula. Evoca muitos dos acontecimentos de ordem escolar que se produziram nessa sala de aula, durante esse ano [...] Ora, é bem possível que, de tudo isso, o professor não tenha guardado nenhuma lembrança. Entretanto, seu aluno não se engana. [...] Como esqueceu tudo isso? [...] É porque o grupo que constitui uma classe é essencialmente efêmero, [...] O ano acabado, os alunos se dispersam, e essa classe definida e particular não se organiza nunca mais. [...] Para os alunos, ela viverá por algum tempo ainda; [...] Para o mestre, será completamente diferente. (HALBWACHS, 2004, 33-34)

É bem verdade que este autor não evidencia o uso de um conceito – na acepção mais teoricamente consolidada da palavra - no tocante aos grupos. Por outro lado, percebe-se claramente qual o sentido pretendido por ele no termo: tratar-se-iam de “(...) sociedades de toda natureza que os homens formam entre si (...)” (HALBWACHS, 2004, p. 35). Já a lembrança seria “(...) em larga medida uma reconstrução do passado

com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (...)” (IDEM, p. 75-76).

Em síntese, a tese central de Halbwachs – e a que nos serve como subsídio teórico - consiste na proposta da memória como dimensão eminentemente coletiva: “(...) só temos a capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar em uma ou mais correntes de pensamento coletivo” (HALBWACHS, 2004, p. 40). Diante dela, ele se permite indagar sobre a possibilidade de alguma memória individual:

Nada prova que todas as noções e imagens tomadas dos meios sociais de que fazemos parte, e que intervêm na memória, não cubram, como uma tela de cinema, uma lembrança individual, mesmo no caos em que não a percebemos (HALBWACHS, 2004, p. 41).

Admitindo a possibilidade de uma tal base individual como alicerce de toda lembrança, Halbwachs (2004, p. 41) a denomina “intuição sensível”. Mesmo assim, esta nos seria inacessível em seu estado puro, livre das interferências do pensamento coletivo. O autor exemplifica esse fenômeno com situações nas quais as lembranças mais íntimas e pessoais são, contraditoriamente, as que mais temos dificuldade de evocar, ao passo que aquelas que são publicamente partilhadas se mostram mais fáceis de serem recuperadas. Por fim, a memória poderia ser desdobrada como articulação da base individual (a “intuição sensível”) com o pensamento coletivo, em uma dinâmica de sobreposição.

Assim, os fatos e as noções que temos mais facilidade em lembrar são do domínio comum, pelo menos para um ou alguns meios. Essas lembranças estão para ‘todo o mundo’ dentro desta medida, e é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los. Dos segundos, não podemos lembrar à vontade, diremos voluntariamente que eles não pertencem aos outros, mas a nós, porque ninguém além de nós pode conhecê-los. Por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios. (HALBWACHS, 2004, p. 53-54)

As proposições de Halbwachs são originariamente associadas ao campo da História, principalmente nas discussões pertinentes à epistemologia desta disciplina e ao

papel do historiador. A relação íntima entre História e memória suscitou trabalhos como o deste filósofo francês e de outros autores como Pierre Nora (1984) e Michael Pollak (1989 e 1992)<sup>46</sup>, os quais adotam abordagens bastante distintas da que escolhemos para esta pesquisa. Por isso mesmo, não os tomamos como referência teórica.

A diferença entre o que defende Pierre Nora nos dias de hoje para o que afirmava Halbwachs na década de 1920 é que para Halbwachs as lembranças seriam incorporadas pela história à medida em que fossem deixando de existir ou à medida em que os grupos que as sustentavam deixassem de existir. Nora, por outro lado, entende de forma mais ampla que a categoria memória deixou de existir porque passou a ser reivindicada pelo discurso histórico. Já Michael Pollak, não vê com tanto pessimismo as relações entre história e memória ou entre a memória oficial (nacional) e aquilo que denominou ‘memórias subterrâneas’ em referência às camadas populares. Para Pollak, estas memórias marginalizadas abriram novas possibilidades no terreno fértil da História Oral [...] Mais do que isso, o que a emergência destas memórias vem ocasionando, conforme aponta Pollak, é a disputa entre memórias ou a luta entre a memória oficial e as memórias subterrâneas. (CARVALHAL, 2006, p. 3)

Embora cronologicamente mais antigo<sup>47</sup>, o teor das idéias de Maurice Halbwachs permanece atual, em consonância com o olhar que preferimos ter perante nossa problemática. Vale mencionar que, no campo da comunicação, ele foi referência para contribuições importantes, a exemplo da pesquisa de BONIM (2006) e de GOULART e BARBOSA (2007).

Convém agora que demos fechamento às explicações sobre o corpo teórico sobre o qual esta dissertação lança suas bases. Falamos de midiatização para tratar do contexto; de consumo simbólico, dinâmicas de apropriação e ressignificação e diálogo com outras dimensões de nossa socialização (mediações) para visualizar nossa relação com a mídia. Por fim, chegamos ao território da memória com uma finalidade: por meio de discursos produzidos em seu âmbito, alcançarmos empiricamente o consumo midiático de um determinado grupo de pessoas sobre um assunto específico, “ciência”.

No capítulo a seguir, nas narrativas daqueles que foram entrevistados em nosso trabalho de campo, perceberemos como, através desses discursos de memória relacionados ao consumo midiático no recorte do tema em questão, essas pessoas reproduzem suas percepções reconfiguradas a partir da midiatização, deixando entrever as reverberações entre aquilo que se apropriaram na mídia com informações

---

<sup>46</sup> Dentre outros que aqui não serão utilizados, como Andreas Huyssen, Tzevtan Todorov, Joel Candéau e P. Montesperelli. Os citados no texto foram aqueles aos quais tivemos contato por meio da leitura.

<sup>47</sup> Esta obra é publicada em 1920, sob o título de “La Mémoire Collective”.



provenientes de outras esferas (âmbito familiar, escolar, de trabalho, etc). Essa reconfiguração é, para nós, como que a “partícula visível” - se pudermos colocar assim - da mediação enquanto fenômeno sociocultural que se deseja captar. Junto a ela – e, possivelmente, tão imbricadas a ponto de não conseguirmos dissociá-las - estão as práticas sociais, as quais constituem-se como fio condutor de todo raciocínio teórico-metodológico elaborado nesta pesquisa.

## CAPÍTULO TRÊS

### Trabalho de Campo

No capítulo anterior, discorremos acerca da midiaticização como fenômeno sociocultural que tem influência sobre as práticas sociais e que está vinculado com a relação de consumo que os indivíduos tecem com a mídia e/ou por meio dela. Pontuamos acerca das mediações como elementos constituintes da experiência e também como panorama sobre o qual as apropriações do conteúdo midiático se debruçam e se articulam com sentidos provenientes de outras dimensões. Essas articulações (as reverberações e ressignificações que apontamos), sem dúvida, mantêm relação estreita com a composição de nossas visões de mundo, as quais contêm em boa medida elementos daquilo que nos é proposto midiaticamente.

Neste processo de consumo simbólico alocado nas fronteiras da mídia, estamos reunidos, ao mesmo tempo, em um grande grupo e em pequenos grupos paralelos, para recuperar aqui a noção de grupos de Halbwachs (2004). No grupo maior, estamos reunidos com todos os outros que consomem o mesmo conteúdo que nós, ainda que esse encontro supere as concepções tradicionais de espaço e tempo. Dependendo do suporte (televisão, rádio, Internet, dentre outros), poderemos equalizar alguma dessas variáveis ou não; poderemos trocar informações (comunicar) sobre aquele momento compartilhado ou não. De toda forma, continuaremos engajados na mesma atividade: este é o elo que nos une, quer tiremos proveito dele ou não.

Quanto aos grupos paralelos, menores apenas na quantidade de membros, as possibilidades são múltiplas. Podemos, no referido momento, estar no grupo familiar, doméstico; podemos estar nos domínios do trabalho ou da faculdade (educação formal; formação continuada), dos colegas que também torcem para o mesmo time de futebol ou dos que também são usuários de determinado produto de limpeza. O fato relevante é que, em ambos os grupos, a mídia nos reuniu de alguma forma. Ela pode ser o elo preponderante ou não, mas de certa maneira realizou um compartilhamento de vínculo, isto é, promoveu um grupo social.

No âmbito desses grupos pelos quais passeamos sócio culturalmente, expomos nossas percepções, nossas visões de mundo, e também internalizamos algo da percepção coletiva com a qual tivemos contato. Fazemos trocas simbólicas. Em nós, estão verdadeiros “palimpsestos”, isto é, tramas de textos entrecruzados cuja procedência mescla fontes midiáticas e não-midiáticas, as quais se inscrevem na memória dos sujeitos (BONIM, 2006, p. 134). Aqui, a noção de “mediapaisagem” de Arjun Appadurai (2004) ajuda-nos a compreender a parte desta tessitura de idéias que cabe à mídia, isto é, o processo pelo qual ela nos fornece elementos para compor nossa visão de mundo. Trata-se da “(...) distribuição da capacidade eletrônica para produzir e disseminar informação (jornais, revistas, estações de televisão e estúdios de produção de filmes) que estão agora ao dispor de um número crescente de interesses privados e público em todo o mundo e das imagens do mundo criadas por esses meios de comunicação” (APPADURAI, 2004, p. 53). Embora o enfoque deste conceito oriente-se para um viés distinto do qual escolhemos<sup>48</sup>, ele nos vale para exprimir a percepção de como aquilo que é difundido pela mídia favorece a “pluralidade de mundos imaginados” por nós enquanto sociedade, em diversas escalas.

Acrescentemos, então, estas idéias à plataforma dos grupos de Halbwachs (2004), considerando que a mídia nos constitui como grupo em diversos graus e maneiras. Quando atribuímos a nós aquilo que nos foi inspirado pelo grupo, parece que “vibramos em uníssono” com ele de modo que não sabemos mais qual é o ponto de partida destas vibrações (HALBWACHS, 2004, p. 51).

Quantas vezes exprimimos então, com uma convicção que parece toda pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. Elas correspondem tão bem a nossa maneira de ver que nos espantáramos descobrindo qual é o autor, e que não somos nós. ‘Já tínhamos pensado nisso’: nós não percebemos que não somos senão um eco. (HALBWACHS, 2004, p. 51).

Para este autor, o gesto de atribuir tão somente a si próprio aquilo que na verdade provém do pensamento coletivo é fruto do que chama de “estados complexos”, os quais acontecem quando várias correntes de pensamento se entrecruzam no indivíduo, produzindo uma intensidade desigual de influências. A distinção entre elas se torna menos evidente.

---

<sup>48</sup> Este diz respeito à imagem, que também consiste de um marco conceitual com denso arcabouço teórico (teoria da imagem e/ou sociologia do imaginário).

Ora, acontece que em caso semelhante as influências sociais se fazem mais complexas, porque mais numerosas, mais entrecruzadas. É uma razão para que as desenredemos menos, e que as distingamos mais confusamente. Percebemos cada meio à luz do outro ou dos outros, ao mesmo tempo que a sua; e temos a impressão de lhe resistir. Sem dúvida, deste conflito ou desta combinação de influências, cada uma delas deveria sobressair mais nitidamente. Mas porque esses meios se afrontam, temos a impressão de que não estamos engajados nem em um, nem em outro (HALBWACHS, 2004, p. 52).

Neste ponto, cabe uma reserva de nossa parte em relação ao pensamento do autor. É necessário pensar essa dinâmica para mais além de um jogo de resistência e dominação, no qual esta última se realiza pela naturalização dos modos de pensar. Também não nos parece equilibrado pender para uma racionalidade absoluta, que processa friamente cada vestígio de ideologia, de vinculações precedentes para cada idéia que se apresenta à frente. O adequado, neste caso, nos parece ser a aproximação que considera a fluidez destes mecanismos simbólicos, onde existem pontos de flutuação, de aquiescência e de discordância.

Mas retomemos nosso foco. Estamos no(s) grupo(s) de consumo de mídia. Estamos neste(s) e em vários outros grupos cujo elo encontra-se em motivações de ordem não-midiática (família, escola, religião, opção sexual, dentre outros). Lá e cá, entramos em contato com as correntes de pensamento coletivo e formamos nossas opiniões, nossas visões de mundo. Internalizamos algo destas correntes. Expressamos nossas visões. Afetamos e somos afetados. No entremeio deste processo, entramos em contato com a cultura midiática e nos apropriamos dela. A ressignificamos de alguma forma, consciente ou inconscientemente. Disseminamos essas ressignificações. Pronto: eis um rascunho da complexa teia de fluxos e contra-fluxos simbólicos na qual nos embrenhamos cotidianamente.

Como captar essa midiatização enquanto fenômeno sensível, componente de nosso dia-a-dia, empiricamente? Como visualizar o indivíduo, agente no processo de consumo midiático que faz parte de nossa vivência? Essas ressignificações se confirmam na prática e de fato se traduzem em práticas sociais? Ou tudo que foi disposto até aqui, articulado teoricamente com base nos autores, não passaria de inflexões ensaísticas, com pouco ou nenhum respaldo do ponto de vista concreto? A resposta para esta problemática - ou os componentes da resposta - nos aguardavam no trabalho de campo. Somente esta etapa poderia fornecer luzes a essas inquietações e consolidar (ou desconstruir) nosso direcionamento investigativo.

### 3.1 Método e técnicas

Segundo Santaella (2001, p. 148), o método de pesquisa inclui procedimentos, técnicas e instrumentos, mas não se confunde com eles, pois estes são partes do método. O método é “(...) a elaboração consciente e organizada dos diversos procedimentos que nos orientam para realizar o ato reflexivo, isto é, a operação discursiva de nossa mente” (RUDIO, 1992 *apud* SANTAELLA, 2001, p. 133).

Amparando-nos em BASTOS (1999) *apud* LAKATOS e MARCONI (1992), entendemos que este trabalho baseia-se nos métodos dedutivo (parte de premissas gerais para predizer fenômenos particulares) e dialético (problematiza o conhecimento “dentro de um contínuo em constantes mudanças” e de inacabamento, “que contém um todo que abarca contrários em incessantes conflitos”), buscando uma aproximação de cunho construcionista<sup>49</sup>, isto é, ampla, situando o objeto como cultural e historicamente situado; focada nos sujeitos sem perder de vista seu contexto, seu entorno. Já em termos de técnica, lançou-se mão das entrevistas em profundidade, de modo a visar uma abordagem qualitativa.

Em se tratando de mediação e consumo, as técnicas que são utilizadas pelos pesquisadores variam. Não se pode dizer que há um método ou técnica “consagrada” para esta temática (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005), isto é, que a tradição da pesquisa focada neste recorte já tenha consolidado alguma técnica. Inclusive, essa é uma das críticas comumente dirigidas a quem escolhe pousar empiricamente nestas paragens.

Os mesmos críticos, contudo, não têm resposta para tal problema. Há que se ponderar neste particular: por um lado, é bem verdade que se torna mais difícil aproximar-se e/ou tentar aferir algum tipo de tangibilidade a fenômenos cujo desenvolvimento e “produto final” se encontram prioritariamente no indivíduo, no âmbito dos seus processos mentais, mesmo que ele os materialize socialmente e isso se torne mais visível na coletividade. Santaella (2001) recorda-nos que o grau de precisão das teorias é maior nas ciências naturais do que nas sociais e psicológicas, sendo menor ainda nas Humanidades e chegando ao ápice da imprecisão nas Artes. Por outro lado, os

---

<sup>49</sup> O construcionismo é fundado por Scheler e Manheim; tem encontrado espaço nos estudos da comunicação desde a segunda metade do século XX (SANTAELLA, 2001).

desafios específicos presentes no percurso metodológico de cada área – e nas suas subdivisões internas - não devem ser encarados como barreiras intransponíveis. Já se tem registro de intentos bem-sucedidos (CANCLÍNI, 1999; BACCEGA, 2008; ROCHA e SILVA, 2007; BORELLI et al, 2009; SILVA e PAVAN, 2010; dentre outros), os quais nos fornecem estímulo e referências para também nos aventurarmos neste sentido.

Retomando o itinerário conduzido neste trabalho, pontuamos que a entrevista em profundidade é:

Técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística. (DUARTE, 2006, p. 62)

Esta técnica trata de uma conversação orientada, isto é, com objetivos. Por isso, exige elaboração e explicitação de procedimentos metodológicos específicos tais como definição do marco conceitual na qual se origina, critério de seleção de fontes, aspectos de realização e o uso adequado das informações (DUARTE, 2006, p. 64).

As entrevistas são classificadas como aberta, semi-aberta e fechada. As primeiras são aquelas onde o entrevistador parte de uma questão ampla, um tema central, e deixa a conversa fluir livremente. Nas semi-abertas, o entrevistador tem um roteiro de questões para guiá-lo, as quais geralmente estão apoiadas no referencial teórico e/ou na problemática de pesquisa. Este roteiro geralmente tem entre quatro e sete pontos, os quais são tratados individualmente como perguntas abertas, de maneira que só se passa à questão seguinte quando o entrevistado esgota sua fala. Isso permite o surgimento de novas questões no decorrer da entrevista. Já nas do tipo fechadas, o entrevistador tem questionários estruturados com as mesmas perguntas para todos os entrevistados. Aqui, o entrevistador apenas capta as respostas, sem discutir sobre elas com seu respondente.

Nesta pesquisa, foi utilizada a modalidade semi-aberta. Consideramos oportuno utilizar um roteiro de tópicos para evitar digressões fora do tema abordado, privilegiando a discussão de cada um desses pontos com o entrevistado até exaurir sua elaboração acerca do que lhe fora perguntado.

Por seu caráter eminentemente qualitativo, na entrevista em profundidade é preferível ter poucas fontes, mas que propiciem material importante ao estudo, que muitos entrevistados sem grande contribuição. Segundo DUARTE (2006, p. 68), a amostra aqui não tem o significado usual de representatividade estatística de um determinado universo, mas adquire a noção da capacidade que as fontes têm para dar informações confiáveis e relevantes sobre o tema da pesquisa. Desta maneira, mediante os direcionamentos de orientação, foi definido para este trabalho um total de dez entrevistados.

Definiu-se um perfil: de ambos os sexos, cujas idades estivessem entre 18 e 35 anos. Entendemos que dentro desta faixa etária conseguiríamos alcançar um público jovem, em princípio mais familiarizado com os segmentos de mídia disponíveis no contexto sociocultural brasileiro e potiguar (veículos impressos, rádio, televisão e Internet); logo, seriam usuários mais prováveis destas mídias. Além disso, estariam situados em um estágio de vida no qual boa parte da educação formal (nível médio completo ou incompleto; nível superior em andamento ou concluído) já teria sido cumprida, em tese; esse dado nos sinalizava que os entrevistados já seriam, em algum grau, iniciados no tema que tomamos como recorte (“ciência”). Por fim, preferimos optar por indivíduos legalmente responsáveis, isto é, maiores de dezoito anos, para eliminar a questão da autorização de pais ou tutores, o que certamente se tornaria um complicador para nossa gestão de tempo e de informações na pesquisa.

### **3.2 A pesquisa *in loco*: estrutura e características**

O trabalho de campo foi realizado nas dependências de um ambiente industrial, em uma fábrica norte-riograndense relacionada à Tecnologia da Informação. Seu anonimato será mantido, visto que esta foi uma das condições estabelecidas pela gerência da mesma para que obtivéssemos autorização de realizar a pesquisa com seus funcionários. Toda negociação sobre os critérios para seleção de fontes e detalhes sobre a execução das entrevistas deu-se no diálogo com o setor de Recursos Humanos.

A escolha pelo ambiente fabril para a realização da etapa empírica se deu por uma confluência de motivações. A primeira delas foi fugir da obviedade: ao invés de ir a escolas, universidades ou lugares semelhantes, seria mais interessante procurar

espaços os quais fossem, em princípio, mais alinhados ao cotidiano, destituídos de uma “aura institucional” de cientificidade. Entendemos que assim estaríamos mais propensos a encontrar, naqueles que manifestassem interesse em ciência, uma disposição de consumo mais espontânea e menos conjuntural. Nesse sentido, poderíamos ter recorrido a ambientes como praças públicas ou shoppings (hipóteses inclusive aventadas), mas preferimos descartá-los pelas seguintes razões: no primeiro caso, levaríamos mais tempo para conseguir consentimento dos entrevistados (fatores como idade e conscientização sobre participar de pesquisas acadêmicas) e o ambiente aberto não favoreceria o registro gravado das entrevistas (barulho de carros, buzinas, etc; dada a natureza qualitativa de nossa técnica, a clareza nas gravações era fundamental para a posterior escuta), bem como poderia comprometer sua fluidez pela falta de privacidade (um lugar onde estivesse apenas o pesquisador e o respondente). No segundo caso, o desestímulo maior residiu na burocracia para conseguir a devida autorização para abordar as pessoas.

Até chegar à fábrica na qual realizamos a pesquisa, passamos por três tentativas em indústrias diferentes. Percebemos que, mesmo explicando a natureza do trabalho e tornando claro que nosso intento não tinha nenhum cunho estratégico-mercadológico ou analítico do ponto de vista gerencial-administrativo, havia uma resistência relacionada a esses fatores por parte dessas instituições. Vale mencionar o cuidado que tomamos no sentido de sempre levar carta de apresentação do programa de pós-graduação ao qual estamos vinculados, bem como o termo de consentimento<sup>50</sup>.

A escolha por um ambiente de trabalho também se mostrou mais vantajosa por eliminar de pronto as restrições de idade (menores de dezoito anos requereriam autorização dos pais ou responsáveis) e por proporcionar, no menor tempo possível e no mesmo lugar, uma diversidade de níveis de formação (educação formal). Além de otimizar nosso cronograma, este último fator nos pareceu um elemento que favoreceria a variedade de opiniões, o que se desdobraria em mais riqueza no material coletado para nossas análises.

Não selecionamos os entrevistados um por um. Esse procedimento foi feito pelo setor de RH **mediante direcionamentos feitos por nós**. Os orientamos no sentido do que delineamos no perfil e quanto à diversidade de funções ocupadas dentro da

---

<sup>50</sup> Disponível nos anexos deste trabalho.



empresa. Alertamos para que não fossem convidados apenas integrantes de um mesmo setor ou cuja maioria estivesse lotada no mesmo cargo ou função. Entendemos que isso nos possibilitaria mais pluralidade de pontos de vista dentro de nossa amostra.

Uma vez que a seleção direta das pessoas foi realizada pelo RH da empresa, não tendo o pesquisador qualquer intervenção objetiva nesse sentido, dizemos que nossa seleção foi probabilística (dentro desses critérios mais amplos, a definição dos entrevistados não dependeu do julgamento do pesquisador) e não-intencional (DUARTE, 2006, p. 69).

O instrumento de coleta utilizado foi a gravação de áudio. Por isso, quanto ao local de realização das entrevistas, pedimos uma sala reservada, onde predominasse o silêncio e o pesquisador ficasse sozinho com o entrevistado, de modo a deixá-lo à vontade e sem interferências que comprometessem o fluxo de idéias e o diálogo. Esta solicitação foi atendida, de maneira que as entrevistas transcorreram sem problemas.

No tocante ao tempo máximo de duração das entrevistas, nos foi pedido que levássemos em conta o fato de estar retirando os funcionários de seu ambiente produtivo em horário de trabalho. Sensíveis a esta circunstância, definimos que o tempo máximo seria de 60' (sessenta minutos). No entanto, durante a realização das entrevistas, percebeu-se que a conversa com as fontes, na maioria das vezes, não extrapolava os trinta minutos.

Por fim, acertados os parâmetros da realização desta pesquisa, ela foi executada na primeira semana do mês de Agosto de 2010, durante três dias. O quantitativo planejado foi contemplado e todas as entrevistas transcorreram positivamente.

### **3.3 Roteiro de tópicos utilizado**

O roteiro utilizado para as entrevistas semi-abertas é o que segue:

#### *ROTEIRO DE TÓPICOS – PESQUISA DE CAMPO*

1) **Apresentação da pesquisa;**

Explicações iniciais;

Leitura do termo de consentimento e esclarecimento de dúvidas;

Foco da pesquisa é a relação entre ciência e mídia;

2) **‘Warm-up’**: aquecimento; primeiras perguntas sobre o uso dos meios;

Qual é o meio de comunicação que você mais usa para se informar sobre o que está acontecendo?

- a) Jornal impresso (jornal de papel)<sup>1</sup> ( )
- b) Revistas
- c) Rádio<sup>2</sup> ( )
- d) Televisão<sup>3</sup> ( )
- e) Internet<sup>4</sup> ( )

<sup>1</sup>= qual jornal :

Jornal local ( ) Jornais nacionais ( ) Outro \_\_\_\_\_

<sup>2</sup>= qual tipo de frequência de rádio:

AM ( ) FM ( ) Outro \_\_\_\_\_

<sup>3</sup>= que modalidade de televisão:

TV aberta ( ) TV por assinatura ou cabo ( )

<sup>4</sup>= que tipo de página você acessa:

Portais de Notícia ( ) Sites específicos ( ) Blogs ( ) Outro \_\_\_\_\_

3) **Tem interesse sobre Ciência?**

4) **Se tem**, como se faz para se informar sobre isso por meio da mídia?

Qual é seu último registro de algo interessante que vc viu/leu/ouviu sobre este assunto?

Vc lembra?

Que consequência/efeito/desdobramento isso teve para você?

**Se não tem**, perguntar por algum registro (memória) de coisa interessante vista na mídia;

5) **Para você, o que é Ciência?**

6) **Há diferença, para você, entre o conhecimento científico e outras formas de conhecimento?**

A sexta e última pergunta foi incluída durante as entrevistas; ela não estava prevista no roteiro inicial. Dada a riqueza das respostas que os entrevistados davam, julgou-se oportuno incluir no diálogo. Percebemos que, ao tentarem expor uma definição de ciência (quinta pergunta), recorriam mais a explicações sobre tipos de conhecimento – saberes que representam ou não a idéia de ciência - do que

propriamente um conceito, uma noção. Podemos dizer que, na prática, uma resposta se entremeou com a outra e isso agregou dados interessantes às conversas.

Assim, os tópicos mais significativos para nossa análise residem nos itens de 3 a 6. No terceiro item, introduzimos a temática “ciência” de forma direta; sabemos que ela é o nosso recorte, o assunto que nos servirá como porta de entrada para visualizar a relação do entrevistado com as mídias e sua cultura. É claro que esta não seria a única opção; poderíamos ter escolhido outro tema para realizar a mesma empreitada. Contudo, “pinçar” a ciência - ainda que não seja aquela em seu estado mais original, uma vez que está no âmbito do discurso midiático e é modificada por ele - nos permite perceber, por tabela, do ponto de vista do receptor, como as mídias estão contribuindo com seu papel de difusão de conhecimento, de colaboradoras na formação intelectual/cultural do indivíduo em tempos de aprendizado multi-tarefa, isto é, um no qual a aquisição de saberes não se dá apenas nos domínios escolares, nos territórios tradicionais da educação formal<sup>51</sup>, mas se amplia para vias alternativas.

No quarto item, procuramos captar por meio do “fazer memória” de nossos entrevistados (leia-se aqui as narrativas proferidas pelos sujeitos) a midiaticização enquanto fenômeno. Este, hodierno, cotidiano, sensível em algum grau. Imbricado a ele, está o consumo midiático: simbólico, onde o indivíduo é um agente ressignificador em potencial; nestas re-elaborações, encontraríamos o horizonte das práticas sociais.

Na quinta e na sexta pergunta, objetivamos visualizar a matriz de pensamento dos nossos entrevistados sobre o nosso recorte. Aqui, percebemos repertório cultural; níveis de iniciação no campo científico e, sobretudo, visão acerca de ciência; não obstante, percebemos como as apropriações midiáticas vão agregando elementos para este repertório, fornecendo assim referências para construção desta visão que o indivíduo tem/faz de ciência. Aparecem com mais força, ou de maneira mais evidente, os palimpsestos dos quais falamos anteriormente.

### **3.4 Análises: organização e categorias**

Segundo DUARTE (2006, p. 79), categorias “(...) são estruturas analíticas construídas pelo pesquisador que reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir do fracionamento e da classificação em temas autônomos, mas inter-

---

<sup>51</sup> O livro, o professor e o ambiente de ensino, por exemplo.

relacionados”. Em outras palavras, são instrumentos de organização do material coletado mediante as respostas dos entrevistados. São como que “caixas”, nas quais o pesquisador vai depositando conteúdos afins, isto é, elementos de diferentes respondentes que tratam do mesmo assunto ou aspecto focado na entrevista (cruzamento). As categorias são delineadas em torno de uma “coerência interna” (DUARTE, 2006, p. 79), após seleção de trechos das respostas e agrupamento das mesmas sob um mesmo ponto de análise.

A fundamentação teórica vem em auxílio das reflexões tecidas aqui, fazendo a articulação entre as partes que compõem o trabalho e culminam com a etapa empírica. De acordo com Duarte (2006, p. 79), nas entrevistas semi-abertas, as categorias têm origem no marco teórico e são consolidadas no roteiro de perguntas semi-estruturadas.

Seguindo esta lógica, organizamos o bloco analítico deste trabalho em duas partes maiores, que serão nossas categorias: a primeira, intitulada “discursos de memória midiaticizada”, foca-se na midiaticização e no consumo e toma como base de dados a fala dos entrevistados nas respostas às perguntas três e quatro. A última parte, “percepções de ciência”, centraliza-se nas matrizes de pensamento sobre o tema. Toma como base de dados as respostas dos entrevistados às perguntas cinco e seis.

Para ambas as partes, utilizaremos operadores analíticos. Eles foram definidos segundo premissas advindas da perspectiva das mediações, de modo que direcionamos nossas reflexões centrando-nos em três variáveis, as quais constituem mediações: “família e cotidiano”, “repertório cultural e formação continuada” e “crenças”.

Vale ressaltar que as categorias dialogam entre si. Não delimitamos marcações rígidas entre uma e outra, pois isso contradiria a postura teórico-metodológica a qual nos propusemos. É bom lembrar que o diálogo com os entrevistados se deu em um fluxo contínuo, precedente às estruturações desta etapa. Também por isso consideramos positivo preservar esta integralidade das idéias no trato das análises.

Sobre o escopo de nossos operadores, isto é, das mediações que tomamos como angulação para aproximarmos de nosso objeto, fixamos um horizonte conceitual. Quanto à “família e cotidiano”, tratamos do ambiente familiar e/ou doméstico<sup>52</sup> como um lugar primeiro de socialização, isto é, uma esfera fundamental na constituição da

---

<sup>52</sup> Fique claro que não estamos restringindo a noção familiar aos laços biológicos.

experiência do indivíduo. Nas palavras de Barbero (2006, p. 295), está aí a “situação primordial de reconhecimento”, no qual a cotidianidade familiar é um “lugar social de uma interpelação fundamental para os setores populares”. É também no âmbito familiar que transcorre o tempo da cotidianidade, “(...) um tempo repetitivo, que começa e acaba para recomeçar (...)” (BARBERO, 2006, p. 297); este tempo comporta a recursividade das interações, das práticas e dos fluxos que dão sentido ao dia-a-dia dos sujeitos e são naturalizados no “comum”, no ordinário da rotina diária.

Já em “repertório cultural e formação continuada”, fazemos referência ao acervo intelectual do indivíduo e as competências desenvolvidas a partir deste, considerando aqui matizes de conhecimento provenientes tanto da educação formal quanto de outras fontes, as quais constituem saberes de outras ordens (cunho artístico-cultural, cunho popular ou vinculado a alguma tradição específica, experiência de vida, etc). Preferimos aliar a expressão “formação continuada” neste operador para enfatizar o caráter processual e contínuo na construção deste repertório. Ele é compreendido aqui como algo em curso, relativo a uma aprendizagem que, em última estância, alcança os limites da própria existência<sup>53</sup>.

Nas “crenças”, detemo-nos no campo dos saberes dignos de credibilidade e adesão por parte do indivíduo, isto é, aqueles nos quais ele acredita e deposita confiança, em graus diversos. Entram neste hall as crenças de cunho religioso, científico e popular (vinculadas ao senso comum), dentre outras. Muito embora esta nomenclatura não seja usada por Barbero (2006) como uma mediação específica a rigor<sup>54</sup>, pensamos que não fugimos da idéia deste autor quando desmembramos as crenças e as elevamos como parâmetro significativo o suficiente para constituir uma mediação particular. O universo das crenças também está inserido na cotidianidade como um filtro mediador do mundo à nossa volta; elas dizem respeito a um campo de representações bastante considerado pelos sujeitos, conforme percebemos na fala de nossos entrevistados.

---

<sup>53</sup> Ou seja, um aprendizado que parte de coisas específicas para, ao final, chegar à dimensão do próprio “viver” dentro do contexto atual; a experiência de “existir”, em âmbito macro.

<sup>54</sup> O autor fala da religião como uma mediação específica importante, por exemplo. Julgamos pertinente ampliar o leque para “crenças”, considerando outros elementos além da dimensão religiosa, mas que também compartilham deste universo semântico.

Por fim, para efeitos textuais<sup>55</sup> e de manutenção do acordo feito com a empresa e com cada participante desta pesquisa (sigilo de suas identidades), indicaremos os entrevistados por pseudônimos. Estes foram atribuídos de modo a preservar apenas a identificação do gênero (masculino ou feminino). Os dispomos de acordo com a ordem de realização das entrevistas.

1. João (nível superior incompleto; 31 anos; setor administrativo);
2. Antônio (nível superior como tecnólogo; 26 anos; setor de criação);
3. Isabel (nível médio; 22 anos; setor administrativo);
4. Charles (nível superior incompleto; 23 anos; setor técnico);
5. Gastão (nível superior em curso; 24 anos; setor de produção);
6. Bertoldo (nível superior incompleto; 34 anos; setor técnico);
7. Lavínia (nível médio; 22 anos; setor administrativo);
8. Francisco (nível superior em curso; 31 anos; setor técnico);
9. Inácio (nível superior em curso; 34 anos; setor de criação);
10. Cíntia (nível superior como tecnóloga; 30 anos; setor de controle);

### 3.5 Análises

#### 3.5.1 Discursos de memória midiaticizada

Na fala de alguns entrevistados, percebemos que a formação intelectual exerce forte influência mediadora enquanto **delimitador de conteúdo no consumo midiático**. Compreendendo que formação intelectual e repertório acumulado (em termos de saberes relacionados à educação formal) mantêm íntima relação com a área de atuação profissional, verificamos que o consumo de mídia está, não raro, em um primeiro momento, vinculado à demanda de qualificação para o mercado de trabalho. O “estar informado” quanto a motivações de ordem pessoal aparece depois. Os registros midiáticos lembrados eram, na maioria, mais pertinentes às áreas de trabalho dos nossos respondentes do que propriamente ao tema que lhes propusemos. Esse traço sobressaiu-se fortemente na conversa com Bertoldo e Charles; eles falaram demoradamente sobre o consumo de informação na mídia relacionado às suas áreas de interesse antes que

---

<sup>55</sup> Não achamos interessante designar os entrevistados numericamente. Preferimos manter a personalidade com o uso de pseudônimos.

podéssemos adentrar no nosso recorte temático<sup>56</sup>. O primeiro, por exemplo, mencionou a nanotecnologia, citando uma matéria que viu no site “Convergência digital”, hospedado pelo portal Uol, que falava de tendências para “nanotecnologizar” baterias e demais aparelhos. Trata-se de “(...) *fazer uma coisa que ocupava um espaço maior, fazer a mesma coisa em um espaço menor e acrescentar mais recursos*”. O último, por sua vez, lembrou primeiramente da entrevista de Steve Ballmer, diretor da Microsoft, falando sobre as ferramentas de comunicação instantânea via Internet. O entrevistado cita uma declaração por Bauer, onde o Brasil seria o país com o mais alto número de usuários de MSN no mundo até 2012 ou 2014 (o entrevistado não sabia precisar qual dessas duas datas era a correta). A visita se deu pelo lançamento de uma versão nova deste software, e, segundo reportou Charles, a escolha do Brasil para o evento se deu pelos altos índices dos brasileiros em relação à quantidade de horas na Internet.

Nesse sentido, percebemos que o viés midiático aparece como agregador a uma formação inicial, esta construída em termos de escola e ensino superior. A componente midiática é apropriada com mais ênfase em termos de formação continuada. Aqui, talvez não estejamos afirmando nada de novo; o dado relevante, contudo, nos parece ser a **visualização dos fluxos de consumo simbólico, em seus ordenamentos**; a dinâmica da interação, nas aproximações iniciais entre indivíduo e fenômeno<sup>57</sup>.

Abaixo, elaboramos tabelas que expressam os hábitos de consumo midiático dos nossos entrevistados, conforme seu acesso e uso dos meios. Muito embora este dado – eminentemente quantitativo – não diga tudo que traduz as práticas relativas ao consumo midiático destes indivíduos, ela aponta elementos significativos nessa direção. Além disso, também nos sinaliza algo da **mediatização que se realiza em termos concretos como uma tendência à virtualização**<sup>58</sup>, a um **multimedialismo centrado nas hipermídias, na cibercultura**. Note-se que, à exceção de Lavínia, todos os demais situaram a Internet em primeiro lugar, citando os demais meios que utilizam em segundo e/ou terceiro plano.

---

<sup>56</sup> E, conforme é orientado na entrevistas em profundidade, tivemos que deixar o entrevistado esgotar sua fala para passar às questões seguintes; nesse caso, esperar até que pudéssemos ter abertura para adentrar na parte substancial da entrevista.

<sup>57</sup> Mediatização.

<sup>58</sup> Situamos Sodré (2002) sobre este assunto, no capítulo anterior.

<b>Jornal impresso</b>	<b>Revistas</b>	<b>Rádio</b>	<b>Televisão</b>	<b>Internet</b>
<b><u>1</u></b>	<b><u>4</u></b>	<b><u>2</u></b>	<b><u>6</u></b>	<b><u>10</u></b>
Francisco	Charles, Bertoldo, Francisco e Lavínia	Lavínia e Cíntia	Antônio, Gastão, Bertoldo, Lavínia, Inácio e Cíntia	Todos

Tabela 01 - Qual o meio de comunicação que mais usa para se informar?

<b>De 06 a 08 horas por dia</b> (consumo que se dá em horário de trabalho; motivações relativas a este fim)	<b><u>3</u></b>  João, Isabel e Gastão
<b>10 horas, em média</b> (consumo que se dá para além do horário de trabalho; há interesse do indivíduo em realizá- lo durante seu tempo livre, geralmente antes do expediente ou após seu retorno ao ambiente doméstico)	<b><u>7</u></b>  Antônio, Charles, Bertoldo, Lavínia, Francisco, Inácio e Cíntia

Tabela 02- Quantas horas por dia são despendidas no consumo midiático?

Vale ressaltar que, na tabela acima, a mensuração deu-se em termos de rotina de nossos entrevistados durante os dias úteis da semana (de segunda à sexta-feira), não abrangendo seus hábitos em dias de sábado e domingo, quando não ocorre o regime de trabalho formal. Nos fins de semana, o consumo midiático deles assume outros ordenamentos (quantidade de horas, preferência por determinados meios em relação a outros) por motivações diversas (lazer pessoal ou familiar, descanso, dentre outros), os quais não nos interessam detalhar e/ou aprofundar. O cálculo dos valores mencionados na tabela perpassa uma lógica simples: o expediente diário semanal corresponde a seis ou oito horas, de modo que um consumo mais restrito ao ambiente de trabalho seja mais ou menos equivalente a isso; no caso daqueles que citaram um consumo para além desse período, convencionamos quantificar esse excedente em duas horas além do relacionado ao expediente, incluindo neste índice os telejornais (alguns os assistem



antes de sair para trabalhar, pela manhã, enquanto outros o fazem ao retornar para casa, à noite, ou no fim de noite/madrugada, após retornar da faculdade), os filmes (preferencialmente à noite), a leitura de revistas e/ou jornais e os programas de rádio (situação semelhante a do consumo de telejornais).

Merece registro e comentário nosso a dimensão da **cotidianidade familiar**. Neste ponto, verificamos como **esta mediação é um articulador subsequente** (um contexto mais alinhado ao processo de ressignificação e posterior produção de sentido, este agora reconfigurado) em termos de consumo midiático: o comentário de algum tema apropriado a partir da mídia com outros sujeitos integrantes ou pertinentes a essa dimensão. Isabel, durante o período que tinha assinatura semanal de uma revista especializada em ciência (um ano), fazia a troca da mesma com o primo que assinava uma publicação semelhante para, posteriormente, comentar com ele a respeito do que tinha considerado mais interessante. João fez menção a um debate com amigos, colegas da faculdade em que cursava na época, em torno do assunto “aquecimento global”, o qual tinha visto na capa de uma revista, a qual não lembrava exatamente qual era, mas acreditava se tratar da revista *Veja*: “(...) *A gente discutia bastante. Tem até um autor, que eu também não me lembro o nome, que um amigo me falou, que me recomendou a leitura, que ele defende a tese de que o ser humano é o câncer da terra; que a terra tem vida; é um ser que tem vida; claro, não pensa, mas como se fosse mais ou menos animado, aí eu achei bastante interessante mas não me aprofundei também não*”.

Cabe ainda fazermos um comentário acerca da relação que observamos entre as mediações e os mecanismos de memória manifestos no relato de nossos entrevistados. Recuperando o pensamento de Halbwachs (2004), expresso por nós no capítulo anterior, entendemos que, **à medida que promove um partilhamento de vínculo, determinada mediação enseja um grupo social**, e logo implica em **uma dimensão de memória coletiva a perpassar seus membros**. Nesse sentido, este autor nos coloca que a representatividade da lembrança está diretamente proporcional ao tempo de duração do grupo e à força do vínculo para os integrantes do grupo. **Quando os vínculos são efêmeros, a lembrança tem menos força: ela é facilmente esquecida. O contrário também procede: vínculos resistentes e/ou duradouros mantêm a lembrança viva no plano consciente por mais tempo**. Pudemos enxergar isso no discurso dos nossos respondentes. João, por exemplo, apresenta dificuldade inicialmente para lembrar de algum registro midiático relacionado à ciência; posteriormente, recupera com mais

facilidade uma lembrança ligada ao convívio com os colegas da faculdade (transcrevemos neste trecho as nossas perguntas, identificadas por “P”, para facilitar o entendimento):

*“(...) Tô puxando bem mais pra trás agora. Que foi uma coisa muito antiga que eu me lembrei agora. Não sei se pode ser relacionado ao tema, que era sobre, mas aí era só um tema de revista como você falou (...) Que era sobre a questão global; não sei se vai se relacionar...Uma questão que era levantada sobre se a...Bastante polêmica, inclusive...Se a terra hoje consome mais do que o planeta pode oferecer; aliás, se os humanos hoje consomem mais do que a terra pode oferecer. Ahn...Não sei se mais para cá eu tenha visto alguma coisa mais relevante.”*

*P: Quando você viu essa capa da veja, isso te suscitou alguma leitura secundária, em outros meios, ou alguma atenção mais focada neste assunto...?*

*“(...) Não, a princípio não. Até eu estava estudando na época, não consegui... Perdi o foco um pouco...A gente...É claro que tem discussões na faculdade, mas nada assim...Mais bate-papos informais, trocas de idéias, nada assim que eu parei para me atentar a uma leitura...Até mesmo na revista eu só me atentei ao tema, o que a gente chama de “sutiã”, né? Mas a revista, nem sequer eu li também”*

*P: E você faz faculdade ainda?*

*“Não, eu tranquei. Tô falando disso porque faz pouco tempo. Aí, a gente discutia bastante. Tem até um autor, que eu também não me lembro o nome, que um amigo me falou, que me recomendou a leitura, que ele defende a tese de que o ser humano é o câncer da terra; que a terra tem vida; é um ser que tem vida; claro, não pensa, mas como se fosse mais ou menos animado, aí eu achei bastante interessante mas não me aprofundei também não”*

Dinâmica semelhante aconteceu no relato de Antônio, que começou a buscar conteúdo relacionado à Ufologia a partir do contato com um amigo que gostava do assunto e lhe mostrava revistas especializadas. Isabel menciona lembranças referentes a animais (clonagem e uma matéria sobre um porco que brilha no escuro) e associa seu gosto por eles ao âmbito doméstico: sua família tinha o hábito de criar animais, de modo que ela “sempre gostou” deles, mas não de todos: de alguns tinha medo, mas depois passou a gostar. Francisco, por sua vez, correlaciona o interesse pela Astronomia ao período de sua pré-adolescência.

Por outro lado, quão surpreendente nos foi perceber que, no âmbito da mediatização, **a ficção comunica mais ciência que os gêneros informativos**. Alguns dos entrevistados apresentaram mais referências de ciência relacionadas a formatos

ficcionais, principalmente em cinema e documentários feitos para televisão com viés ficcional (canais a cabo ou por assinatura). Foram feitas citações a filmes como “Armagedom”, “O livro de Eli”, “O dia em que a terra parou” e “A Estrada”, além do documentário “A Terra sem ninguém”, exibido pelo History Channel (versão do canal em português). Esse dado rompeu com nossas expectativas, pois esperávamos pela predominância de lembranças relacionadas a reportagens ou outros formatos eminentemente informativos e/ou opinativos, tanto em televisão como nos demais (Internet, revistas especializadas ou em jornal impresso). Admitíamos até uma possível menção a um artigo de algum cientista ou jornalista. Mas fomos oportunamente desconstruídos.

João, por exemplo, estabelece comentários críticos sobre a questão do aquecimento global a partir das lembranças associadas a dois filmes; note-se a teia que o entrevistado vai compondo, conectando um assunto ao outro; a partir da reflexão feita por ele nos filmes (apropriação/reapropriação), ele migra para dimensões aparentemente não relacionadas:

*(...) Por exemplo, aquele filme que foi um remake agora, com o Keanu Reeves, ‘O dia em que a terra parou’, porque que ele foi feito agora? (...) mas aquele filme já é de 58, nem lembro; poxa vida, o pessoal já tinha essa preocupação naquela época, alguma coisa deve estar acontecendo mesmo, embora muita gente comente que o aquecimento global é lorota, é coisa que foi inventado, mas acho que não; e aí você vai assistir outro; coincidentemente eu assisti dois filmes no final de semana que falavam já de um caos, não sei se você já assistiu “A estrada” (...) Puxa vida, pouco tempo que eu assisti dois filmes com o mesmo tema e isso, assim, já tá ficando rotineiro, inclusive; se a gente for falar sobre aquecimento global (...) Se a gente realmente for conversar sobre aquecimento global, o cinema já é um braço, que se for pra alertar, se for realmente pra alertar ou só fazer filme mesmo, se for só para trabalhar em obras, literaturas que tão sendo faladas, mesmo que fictícias, chama a atenção de uma certa maneira. Eu estava até conversando um tempo desses sobre essas questões e (...) Não sei se os partidos políticos que têm essa bandeira de ambientais solicitam ou gritam por um espaço maior de uma maneira oportunista ou realmente de uma necessidade. Partido verde, por exemplo, não*

*sei se... Não é uma coincidência, claro, que a nossa prefeita é do Partido Verde, mas ele vai ganhando um pouco mais força; não sei se é um oportunismo, não sei se é uma coisa à toa, não sei se isso vai ser uma ideologia mais para frente (...)*

Essa aproximação com a ciência, operada pela ficção, mantém relação importante com o campo da tecnologia:

Assim, a ficção científica é uma narrativa resultante do processo da tecnociência e sua construção só foi possível porque seus autores procuraram explicitar as possibilidades ficcionais que a tecnologia de cada época, cada tempo, permitia. Acabaram por obter, assim, uma interseção entre narrativas, relatos e técnicas, ou seja, entre a arte e a ciência, cruzando as criações tecnológicas com os diálogos narrativos, ficcionais e literários. Como consequência direta, diminuíram as distâncias entre o universo científico, a linguagem da arte e a vida cotidiana. (COUTINHO, 2008, p. 18)

No caso de nossos respondentes, as narrativas de ficção científica de fato estreitaram dois “mundos”: o dos sujeitos e o da ciência, ainda que estas não tenham como objetivo primordial uma alfabetização científica a rigor. Sob um olhar mais criterioso, perceberemos que este tipo de ficção incorre, por vezes, em erros científicos (COUTINHO, 2008). Contudo, não há problema; este é o território da ficção, da literatura, da arte; a licença poética abre tal precedente.

Segundo MEDEIROS (2011, p. 38), “(...) a ficção científica não é sobre ciência, mas sobre a idéia que fazemos dela. Desse modo, torna-se possível dizer que o mais importante não é o futuro, mas como é projetado o futuro no presente”. Estas proposições da autora nos servem para, aqui, estabelecer duas importantes conexões com os discursos de nossos entrevistados, mediante o nosso enfoque de pesquisa: o primeiro ponto é apreender que as narrativas de ficção científica apresentam, sobretudo, uma visão de ciência, uma percepção sobre o agir científico, seu método e suas implicações; o segundo é que, dado o caráter antecipatório característico à maioria dessas narrativas, elas propõem, além de uma visão específica de ciência, uma projeção sobre o futuro, de maneira tal que este futuro é fortemente perpassado pela ciência<sup>59</sup>, como que em boa medida alicerçado em referências científicas.

Gastão resumiu emblematicamente essa relação entre ciência e futuro a partir das narrativas de ficção científica. Para ele, a ciência não somente “(...) é o futuro”, mas

---

<sup>59</sup> Isso, de alguma forma, nos relembra o pensamento positivista de Comte: ciência/progresso/futuro.

um que é “(...) *bem diferente do que é agora (...)*”, intimamente associado à tecnologia “(...) *de ponta, senão não consegue bons resultados*”. Esse caminho de mudanças rumo ao futuro comportaria, na visão do entrevistado, mudanças em regime gradativo, sem rupturas bruscas ou repentinas.

São bastante visíveis, na visão expressa por Gastão, traços que tendem para a concepção positivista da ciência, principalmente no que alude ao ideal de progresso. As referências à tecnologia como braço forte da prática científica na aurora de uma nova realidade, de uma nova experiência, também são bastante sugestivas nesse sentido.

O fluxo do consumo midiático expresso no enlevo dos gêneros ficcionais sobre os informativos em termos de ciência, em nosso trabalho, nos direciona para indagações de maior vulto em torno de nossa problemática: em termos de midiaticização, o que isso nos diz? A quais desdobramentos nos provoca?

A resposta mais pertinente talvez seja a de que **o fenômeno da midiaticização se confirma empiricamente, porém segundo fluxos os mais diversos possíveis**; perfazendo caminhos que recobrem um amplo espectro, do tradicional ou marginal/alternativo. O consumo midiático ligado à temática “ciência”, neste caso, deu-se mais em âmbito de entretenimento do que propriamente de informação. Nesse sentido, “(...) pensar no consumo e pensar o consumo do entretenimento implica assim investigar as possibilidades estéticas e éticas por ele engendradas (...)” (CASTRO e ROCHA, 2009, p. 3). Não nos cabe aqui levar a contento essa investigação; ela demandaria adensamento teórico-metodológico suficiente para suscitar um outro trabalho. É válido, contudo, admiti-la e registrá-la.

### 3.5.2 Percepções de ciência

Estamos lidando, nesta parte, com os termos “visão” e “percepção” como sinônimos, os quais também podem ser captados sob a ótica das representações. Além disso, pontuamos que a visão ou percepção que o indivíduo tem sobre um determinado assunto é um dado construído, não-natural, cuja elaboração é um processo simultaneamente cognitivo e sócio-cultural. Com a percepção que se tem, formulam-se opiniões (discursos, verbais ou não-verbais), as quais constituem a externalização das representações. Manifestando nossas opiniões, em um contexto dialogal, expomos nossas visões; nos propomos à negociação discursiva simbólica. Como expressa FOUCAULT (1999), o sujeito que deseja posicionar-se no mundo o faz

discursivamente. E é na fala<sup>60</sup> destes que nos apoiamos para encontrar acesso às visões/percepções sobre ciência.

No discurso de nossos entrevistados, encontramos elementos que recuperam a visão positivista da ciência, sobre a qual falamos no capítulo primeiro, particularmente quando tratávamos da que é proposta no discurso midiático. Dada a relação das respostas dos entrevistados sobre os registros midiáticos acerca do tema e a visão de ciência que tinham, entendemos que há sim uma estreita vinculação entre o consumo midiático e formulação de percepção em torno de ciência.

É claro que a apropriação de sentidos proveniente deste consumo simbólico pela/na mídia dialoga com as apropriações vindas de outras fontes. Não é que o indivíduo “absorva” o que lhe é proposto midiaticamente tal e qual e apenas reproduza isso na elaboração de sua visão; há, neste ínterim, um importante processo de resignificação, sobre o qual já tratamos mais demoradamente no capítulo dois.

Logo, o intuito de não pender para extremos nos leva à escolha pelo caminho do meio: não se trata de dizer que os entrevistados exprimem uma visão positivista porque essa é a que lhes é apresentada pela mídia; se trata, na verdade, de perceber que **essa matriz positivista na visão de ciência deles tem, de fato, uma forte componente midiática, mas que ela não é absoluta e nem é a única a compor tal panorama.** Além disso, faz-se necessário retomar também neste ponto a idéia dos palimpsestos (BONIM, 2006), trazidos por nós também nos capítulo dois: a visão dos nossos entrevistados tem uma matriz positivista, mas também contém elementos não-positivistas. Por vezes, na fala do mesmo respondente, isto é, no discurso da mesma pessoa, surgiram traços de um e de outro compondo uma mesma percepção.

Não obstante, é preciso aclarar o espectro de nossas considerações: na fala dos entrevistados, não estamos detidos apenas na produção de sentido, pois esses sentidos manifestos denotam, mais a fundo, práticas sociais. Além do fato dessas dimensões estarem imbricadas<sup>61</sup>, há de notar-se que a visão expressa por eles diz respeito a uma prática: uma postura, um posicionamento e/ou atitude propriamente dita.

---

<sup>60</sup> FIORIN (1993) preconiza que a fala é a exteriorização “psico-físico-fisiológica” do discurso.

<sup>61</sup> Não achamos uma sem a outra, empiricamente falando. Na fala dos entrevistados, não se acessa uma sem encontrar por tabela a outra, pelo menos em nosso caso.

Feitos esses esclarecimentos, podemos continuar no desenvolvimento da matriz positivista como fortemente enraizada na visão de nossos entrevistados. O dado mais contundente nesse sentido é a tendência para a **percepção da ciência como fonte de conhecimento superior em relação a outras formas**; o conhecimento científico como mais credível em relação a outros por gozar de um status de “verdade”, baseado em fatos provados e comprovados. Essa visão foi unânime em nossos entrevistados, mas se expressou em diferentes graus de adesão.

Isabel e Charles sintetizaram bem essa inclinação em suas respostas. Para ele, que tem nível superior incompleto, “*ciência são coisas que a gente pode provar; (...) A ciência é uma ciência exata; (...)*”. Ela, que concluiu o nível médio, classificou o conhecimento científico como “*mais completo*” e “*mais profundo*”, e por isso “*melhor*”. Isabel não mencionou outras formas de conhecimento distintas do científico, diferentemente de alguns entrevistados. Por outro lado, ao falar em um tipo de conhecimento que é “mais”, deixa subentendido que existem outros que são “menos”, ainda que não os denomine.

Nesse âmbito, três tipos de conhecimento foram os apontados pelos demais: senso comum, as crenças de ordem religiosa e as crenças de tradição cultural ou sabedoria popular, conforme quadro abaixo<sup>62</sup>.

<b>Senso comum</b>	<b>Crenças religiosas</b>	<b>Sabedoria popular</b>	<b>Não citou</b>
<b><u>4</u></b>	<b><u>4</u></b>	<b><u>4</u></b>	<b><u>1</u></b>
João, Antônio, Inácio e Cíntia	Antônio, Charles, Bertoldo e Francisco	Gastão, Lavínia, Inácio e Cíntia	Isabel

**Tabela 03 - Outros tipos de conhecimento além do científico**

João, que tem nível superior incompleto, nos deu uma resposta peculiar. Para ele, o conhecimento de senso comum é tanto aquele que permeou nossa conversa na condução da entrevista (o conhecimento ao qual ele recorria para nos responder) como também é o proposto pela mídia. No seu entender, a mídia lida com um conhecimento da ordem do senso comum, e mesmo quando ela trata de assuntos relativos à ciência, não produz conhecimento científico: “*(...) A mídia falar sobre um assunto em termos de*

<sup>62</sup> Conforme se notará na tabela, alguns entrevistados citaram mais de um tipo; por isso, seus nomes aparecerem em mais de um campo.

*ciência não faz aquele conteúdo ser científico. O estudo científico é o artigo; o artigo científico que deu origem àquele assunto. (...)*”.

Segundo SANTAELLA (2001, p. 106), o conhecimento do senso comum é “[...]conhecimento acrítico, imediatista, crédulo e sem sofisticação. Não problematiza a relação sujeito e objeto. Acredita no que vê e assume informações de terceiros sem as criticar[...]”. Comparado ao conhecimento científico, que é submetido a um ritual de escrutínio em termos de consistência e aprovação, o senso comum de fato parece-nos menos sofisticado e acrítico, como nos dizeres da autora. Essa sofisticação e essa menor ênfase da crítica, contudo, devem ser apreendidas em termos de rigor e não de superioridade, principalmente em níveis absolutos. Ainda que seus parâmetros possam ser considerados mais frouxos em relação a outras formas de conhecimento, o senso comum não pode ser descredenciado como fonte legítima. Pensemos em termos de cotidiano; ninguém detém um repertório teórico que seja “global” o suficiente para perfazer todos os campos da ciência e, por tabela, aproximar-se dos fenômenos componentes da existência com um olhar estritamente científico, orientando-se segundo referências e posturas “puras” de ciência. Nem mesmo os cientistas de ofício, que, de acordo com Santaella (idem), fazem uso do senso comum nos assuntos que fogem de sua área específica.

O fluxo rápido do cotidiano, em suas atividades mais ordinárias e imediatas, não comporta as problematizações epistêmicas, que demandam mais elaboração. Por isso, para nós, é cabível e pertinente associar o senso comum ao decurso da cotidianidade, ao passo que as discussões de maior vulto fazem mais sentido em outros domínios, os quais se realizam em temporalidades distintas<sup>63</sup>. A ciência é um deles, certamente.

Mas o que dizer da mídia que lida eminentemente com o senso comum, conforme afirmou nosso entrevistado? Para nós, o comentário merece antes de tudo um esclarecimento. Se nos posicionarmos no mesmo referencial do respondente, isto é, no campo do senso comum, a resposta dada por ele até que parece bastante pertinente. Todavia, não é esse o nosso caso. Nós nos posicionamos a partir de um campo científico; não obstante, um campo que mantém estreitíssima relação com o(s) fenômeno(s) que observa, no qual estamos inseridos. É pressuposto, então, que o

---

<sup>63</sup> É claro que a atividade científica, assim como outras elaborações, transcorre dentro de um tempo cronológico, o qual implica em um cotidiano. No entanto, o cotidiano científico diz respeito a uma temporalidade bem mais diluída, por assim dizer, em comparação ao cotidiano da existência.



embasamento teórico-metodológico do qual lançamos mão nos ajude a contemplar a questão amparando-nos em observações mais consolidadas.

O conhecimento proposto pela mídia trabalha sim, em boa medida, com o senso comum. A dimensão da cotidianidade, por exemplo, pode ser destacada como um ponto de contato entre uma e o outro, uma vez que esta mediação de cunho temporal é um regulador de fluxos tanto lá quanto cá. Lembremo-nos de Silverstone (2005, p. 20), autor citado no capítulo anterior, quando ele nos aponta que a mídia apresenta referências para a “(...) condução da vida diária, para a produção e manutenção do senso comum”.

Entretanto, não podemos concordar que a mídia se resuma a revisitar senso comum, pura e simplesmente. O conhecimento proposto pela mídia apresenta diferenças em relação a este. É crítico à medida que traz diferentes pontos de vista sobre o mesmo objeto, logo traz algum grau de problematização em sua abordagem e abre espaço para questionamentos quanto à credulidade; está estreitamente vinculado ao contexto histórico-circunstancial de produção e recepção, mas nem por isso necessariamente imediatista, no sentido de “precipitado”; por fim, implica em processos de elaboração que seguem critérios específicos, os quais podem ser entendidos como níveis de sofisticação, de burilamento. Temos aqui traços distintivos que variam tanto em grau<sup>64</sup> quanto em natureza.

A mídia se apropria de outros conhecimentos também (científico, religioso, tradicional-popular, etc), congregando-os no cabedal significativo sob o qual vai agir simbolicamente e produzir novos discursos<sup>65</sup>. Dessa forma, entendemos que o mais adequado, neste ponto, é dizer que **a mídia produz um conhecimento “reconfigurado”**, cujas bases remontam a procedências exteriores a ela. Se dizemos que a mídia produz conhecimento<sup>66</sup>, então é necessário evidenciar que **ele é bricolagem; é entrecruzado de idéias cujas matrizes são anteriores**<sup>67</sup>. Há também de se dizer que este “conhecimento midiático” diz respeito a um **processo de produção**

---

<sup>64</sup> Maior e menor grau de elaboração implica em maior e menor grau de sofisticação; os processos de produção, por sua vez, são claramente diferentes. Ex: produção de uma reportagem sobre determinado assunto e conversa com um amigo sobre o mesmo assunto.

<sup>65</sup> Falamos mais sobre isso no nosso trabalho anterior (ARAÚJO, 2007), usando Stuart Hall como referência, em sua perspectiva de “codificação” e “decodificação”.

<sup>66</sup> Eis aqui uma questão espinhosa, bastante polêmica, sobre a qual não vamos deter muito tempo.

<sup>67</sup> Ciência, religiões e tradições populares são, grosso modo, anteriores.

**específico, no qual há um tratamento próprio**<sup>68</sup>. O agir midiático reconfigura forma e conteúdo, mesmo que, neste último aspecto, preserve as origens conceituais<sup>69</sup>. Nem tanto ao ar, nem tanto à terra.

Retomando a questão da superioridade da ciência em relação a outras formas de conhecimento segundo nossos entrevistados, as crenças religiosas apareceram com substancial ênfase. Percebemos aqui dois aspectos: como, na visão de nossos respondentes, **“ciência” e “religião” são posicionados não apenas como distintos, mas em nível de opostos**; e como ainda **é atribuída à concepção científica uma maior confiabilidade**, baseada em seu caráter aparentemente mais **tangível** em comparação às crenças.

Para Bertoldo, por exemplo, o acreditar na ciência implica em uma postura de quem não se furta a questionar sobre o mundo à sua volta, enquanto que o acreditar na religião lhe evoca o conformismo<sup>70</sup>. Embora não tenha adesão por nenhuma religião, ele diz acreditar na fé<sup>71</sup>, de modo geral: *“(...) a fé, na ciência ou na religião, remove montanhas”*. Já para Antônio e Charles, a discussão em torno da origem do homem e da vida no planeta apareceu como assunto emblemático do contraste entre o conhecimento científico e o conhecimento situado na ordem das crenças religiosas.

A fala destes dois entrevistados, no entanto, comportou em alguns momentos reflexões que fugiram do positivismo, alinhando-se a uma perspectiva mais abrangente e dialogal desses campos de conhecimento. Após afirmar que a ciência *“diz muito do que a gente quer saber sobre nossas origens”*, Antônio fez a ressalva de que *“(...) nunca o ser humano vai ter certeza cem por cento da ciência”*<sup>72</sup>. Charles, por sua vez, comentou: *“Eu acredito na ciência, mas não descarto a hipótese do outro lado, a parte religiosa. (...) Por causa da prova, [a ciência] é mais confiável”*. Enquanto o primeiro introduziu a variável da incerteza como elemento presente tanto na ciência quanto na religião, o segundo assumiu uma postura de negociação e coexistência entre uma e outra, muito embora, ao final, faça uma escolha valorativa tendenciosa para critérios da

---

<sup>68</sup> A linguagem jornalística, por exemplo, segue regras próprias. A linguagem fotográfica também. Podemos estender isso a outras expressões midiáticas.

<sup>69</sup> Acrescente-se: falar em cultura midiática – como fizemos no cap. dois – coaduna-se com o que propomos em termos de conhecimento midiático.

<sup>70</sup> O entrevistado usou este termo, literalmente.

<sup>71</sup> A fé entendida como expectativa de superar desafios, de transpor obstáculos, baseada na autoconfiança.

<sup>72</sup> Essa fala do entrevistado nos surpreendeu. A nossa expectativa era de que ele dissesse isso a respeito das crenças religiosas ou de algum aspecto correlato a elas.

concepção positivista. Nota-se que ambos os entrevistados iniciaram suas falas neste ponto situando ciência e religião como os opostos que descrevemos anteriormente, mas no decorrer de sua elaboração, conforme os trechos transcritos acima, acabaram por apresentar contrapontos a essa visão. Terá a cultura midiática alguma influência na composição desta visão mais ampla? Não podemos dizê-lo; as respostas dos entrevistados não apontam qualquer dado nesse sentido. Os registros mencionados por eles acerca das crenças religiosas remetiam a experiências presenciais, em Igrejas. Isso nos sugere que, neste caso, a mediação extra-midiática<sup>73</sup> pode ter colaborado mais.

Nesta mesma linha de percepção (para além da superioridade da ciência), Gastão, estudante de nível superior com formação técnica no setor agrícola, situou a sabedoria popular – um conhecimento ligado à tradição, de ordem vivencial - em um patamar de equivalência ao científico, mas com distinções. Narrando episódios pregressos de sua experiência como técnico no diálogo com agricultores bastante simples, com graus mínimos de formação, enfatizou que “(...) *os dois conhecem praticamente as mesmas coisas, mas com nomes diferentes, de maneiras diferentes*”. Fez menção ainda à disciplina específica que tratava da linguagem e dos hábitos do homem do campo, a qual cursou na época da formação enquanto técnico agrícola. Nota-se aqui, com peculiar atenção, a valorização de um saber extra-científico - constituinte de um conhecimento de outra ordem - integrado a uma formação de caráter científico<sup>74</sup>, fomentando no indivíduo submetido a essa formação um novo olhar. Em outras palavras: a formação relativa à educação formal<sup>75</sup>, neste caso, lhe despertou para outros saberes e para a legitimidade destes, mesmo nos lugares ou nas pessoas aparentemente improváveis.

Inácio e Cíntia corroboraram esta visão, ainda que em menor grau. Embora ambos considerem as proposições científicas mais confiáveis, expressaram valorização pela perspectiva do conhecimento vivencial, transmitido tradicionalmente. Para Inácio, na hora de escolher entre tomar um medicamento ou um chá para alívio de certos tipos de enfermidade, “(...) *guardadas as devidas proporções, talvez não haja muita diferença entre um e outro*”. Cíntia, por sua vez, destacou que, em muitas situações, a

---

<sup>73</sup> As crenças, segundo o que definimos no escopo de nosso terceiro operador analítico.

<sup>74</sup> Mesmo se tratando de nível técnico, consideramos que o conhecimento em questão aqui é de matriz científica.

<sup>75</sup> Mediação; nosso segundo operador analítico.

vivência abrange situações que escapam ao científico, e isso demonstra que ambas as formas de conhecimento são válidas.

Outro elemento perceptível nas entrevistas, o qual também faz alusão à concepção positivista, foi a **concentração de referências que privilegiam certas áreas da ciência, principalmente as ciências exatas e naturais**. Apenas um dos entrevistados<sup>76</sup> faz alusão às ciências sociais e nenhum fala das ciências humanas.

Em termos de **visão acerca do processo de construção do conhecimento na ciência**, visualizamos que boa parte de nossos respondentes detém uma **perspectiva não-linear**, mais ampla. Isso ficou sensível mediante a consciência de que, no campo científico, **várias teorias significam uma pluralidade de opiniões de pesquisadores** em torno de um mesmo objeto, conforme expressaram João e Francisco. O discurso científico não foi visto como consensual e/ou uniforme, mas como polifônico. João exemplifica: *“(...) até mesmo no estudo da História; eu tô lendo um livro, mas que aquele autor foi influenciado por outras idéias, ou seja, a idéia daquele autor não é a História, a História não é aquele autor; de repente aquele autor até faz parte da História, mas são idéias que são... Por exemplo, ele se baseou em outras idéias que tiveram outras idéias como pontos de vista (...)”*.

Outro traço que reforçou essa perspectiva é a abordagem da ciência como um **processo contínuo-inacabado**, no qual a construção de conhecimento está em curso. Bertoldo expressa bem este espírito quando diz que, na ciência, um questionamento suscita outro, dando margem a uma investigação que sempre encontra novas indagações. É também o que diz, com outras palavras, Gastão: *“(...) em ciência, uma coisa puxa outra, uma descoberta puxa a outra, que puxa outra... E por aí vai (...)”*.

Algo que rompeu diametralmente com a concepção positivista foi a **visão do agir científico como promotor não somente de progresso para a sociedade, mas também nas implicações negativas ou perigosas** do trabalho de seus agentes ou do produto final de sua elaboração. Embora entenda que a função primordial da ciência seja resolver os problemas da humanidade, Isabel observa que ela também *“(...) pode atrapalhar”*, e ilustra: *“(...)Você sabendo como a droga funciona, você pode querer usar ela para o mal ou para o bem. Tipo assim, tem gente que pode usar a informação para o bem ou para o mal. (...) Tipo, cocaína serve para tal coisa, então vou usar para*

---

<sup>76</sup> João cita a ciência política. Lavínia menciona a comunicação, mas como um campo, não como área.

*dopar aquela menina e tal...*”. Inácio, ao definir ciência, afirma que ela “(...) envolve questões éticas, questões religiosas, questões de bem-estar social”, e pode nos trazer benefícios e malefícios. Quando questionado sobre exemplos de malefícios, cita a clonagem de seres humanos, em seus desdobramentos ainda desconhecidos pela Genética. Bertoldo, por sua vez, é incisivo ao citar o caso da bomba detonada sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz parte do trabalho acadêmico – e da vida – fazer escolhas. Esta pesquisa não poderia escapar a essa realidade, de modo que também tivemos que fazer opções teórico-metodológicas aqui. Fizemo-las, e chegando neste momento final, contemplando todo o caminho que trilhamos ao longo deste percurso, as corroboramos. A sensação que temos é que, de fato, elas foram um proveitoso guia; uma espécie de “mapa noturno” (BARBERO, 2006). Acompanharam-nos como interlocutores que sensibilizaram nossa percepção para captar, na fala de nossos entrevistados, reverberações de diferentes procedências, processos de ressignificação e produção de sentidos. Sobretudo, pelo exercício do ver e do ouvir, enxergar de forma mais abrangente o campo da comunicação, particularmente na esfera/território/momento da recepção. Primar por este ângulo de visão em nossos esforços de pesquisador fez toda a diferença, e isso nos parece mais evidente agora do que quando iniciamos.

Não obstante, percebemos como o trabalho pareceu, em determinado momento, como que “criar vida própria” e nos conduzir teórico-metodologicamente para autores aos quais nunca imaginamos. Foi assim com Alan Chalmers e Paul Feyerabend; repetiu-se em Baudrillard, Featherstone e Bauman<sup>77</sup>, ainda que não os tenhamos adotado como parte de nosso referencial teórico propriamente dito; aconteceu novamente quando fomos apresentados a Beatriz Sarlo e, mais recentemente, Maurice Halbwachs. Olhando para as conexões que fizemos entre o pensamento dos autores, constatamos que possivelmente tenhamos colocado na mesma mesa para dialogar um coletivo - em princípio – improvável. Porém, em nosso ponto de vista, esse diálogo fluiu; o resultado final parece-nos satisfatório, pertinente.

A midiaticização, enquanto fenômeno sobre o qual nos debruçamos, se verificou. Mas seus fluxos, seus ordenamentos não nos eram de todo previstos inicialmente, conforme explicamos no capítulo terceiro. Percebemos como ela se confirma, na prática, como uma tendência à virtualização; ao multimídiaalismo capitaneado pela hipermídia, pela cibercultura. Mas embora a preferência pelos meios se reconfigure, o uso de um e de outro se assemelha: a pauta de interesses dos entrevistados, quer seja na Internet, quer seja na televisão ou em mídias impressas, é a mesma. Quem quer

---

<sup>77</sup> Podemos incluir aqui Gilles Lipovetsky, a quem acabamos descartando no decurso de nosso trabalho, mas a cuja leitura também foi uma proveitosa novidade.

informação sobre ciência ou outro assunto (esporte, tecnologia, etc) vai buscá-la; o meio não inibe ou incita esse movimento em princípio. Nesse sentido, a mediação da mídia (ou “mídiação”) não mudou muita coisa. Pelo menos não para nossos entrevistados.

Por outro lado, onde a ficção aproximou mais os sujeitos do mundo da ciência, há um “agir” midiático que não pode ser desconsiderado. Ele não foge ao escopo da cultura da consumo pertinente ao contexto da sociedade midiaticizada. Visões específicas da ciência são ensejadas, propostas. Consumidores apropriaram, ressignificaram e se tornaram produtores de sentido, manifestando suas percepções, evidenciando práticas sociais. A mídia encontrou eco nas representações manifestas pelos entrevistados.

No que tange às mediações e campo da memória, entendemos que esta associação se confirmou no relato de nossos entrevistados. A hipótese de Halbwachs (2004) de que a representatividade da lembrança está diretamente proporcional ao tempo de duração do grupo e à força do vínculo para seus integrantes obteve respaldo em nossa empiria. No partilhamento de vínculo, a mediação propiciou um grupo social, cujo desdobramento foi uma dimensão de memória coletiva a perpassar seus membros. Quando os vínculos eram efêmeros, a lembrança era mais fraca ou ausente do plano da consciência. O contrário também ocorreu: vínculos resistentes e/ou duradouros mantiveram a lembrança viva por mais tempo.

Além disso, visualizamos as mediações extra-midiáticas ora delimitando conteúdo *a priori*, ora articulando conteúdo *a posteriore*. É claro que a mecânica real das mediações – sempre analisada sob um ponto de vista interacional – é muito mais dinâmica, muito mais dialética; híbrida, até. Estamos bem lembrados de que o fenômeno que tomamos como objeto é fundamentalmente processual. Nossa captação dele pode ser apenas um *frame*. Nem por isso perde sua consistência, sua validade.

Não obstante, a tendência à concepção positivista da ciência ainda é presente no discurso midiático sobre ciência, conforme pudemos observar em nosso empírico. É bom deixar claro que estamos falando de uma inclinação a uma determinada matriz de pensamento, sem absolutizá-la, deixando margens para abarcar outras noções na composição das visões acerca de ciência. Faz-se necessário adotar esta postura moderada porque foi isso que encontramos em nosso trabalho. Vale lembrar como, por

vezes, percebíamos na fala da mesma pessoa pontos de aquiescência e de ruptura com o ideal científico calcado no positivismo.

Isso nos permitiu entrever tessituras híbridas nas visões de nossos entrevistados. Ao passo que encontramos indicadores pendentes para a concepção positivista (percepção da ciência como fonte de conhecimento superior em relação a outras formas; ciência e conhecimento proveniente das crenças religiosas como distintos e opostos, bem como a atribuição de confiabilidade à concepção científica baseada motivações da ordem da tangibilidade, concentração de referências que privilegiam certas áreas da ciência, principalmente as ciências exatas e naturais ), também identificamos aqueles sugestivos a visões mais abrangentes (processo de construção do conhecimento na ciência segundo uma perspectiva não-linear; processo contínuo-inacabado; visão do agir científico como promotor não somente de progresso para a sociedade; consciência das implicações éticas).

Os palimpsestos se revelaram aí: nos traços de negociação que ora remetiam ao discurso midiático, como advindos do consumo simbólico no âmbito da mídia; ora remetiam a outras procedências, a exemplo das mediações de âmbito familiar. Esta polivalência de afetações culturais desvela, em última análise, a própria complexidade da experiência dos sujeitos.

O que dizer da mídia, a partir disso tudo?

Entendemos que o mais sensato é nem condená-la e nem absolvê-la de todo. É seu papel aproximar as pessoas da ciência? Sim. É possível contextualizar de maneira mais satisfatória as matérias que versam sobre este recorte? Sim. É possível, diante do ritmo acelerado dos fluxos da informação na contemporaneidade, almejar esta contextualização sempre? Talvez não. Há limitações de diversas ordens: institucionais, temporais, econômicas, político-ideológicas... O que nos socorre aqui, possivelmente, sejam duas medidas a serem tomadas no que tange ao profissional da comunicação: a busca pela qualificação no sentido de especializar-se neste recorte; de conhecer o campo da ciência, sua história, suas lógicas de produção de conhecimento, suas lutas de poder, etc; e o zelo pela amplitude no trato da informação, que significa não se contentar apenas em dar conta das cinco perguntas que formam um 'lead'; grosso modo, significa primar pelo melhor acercamento possível na abordagem. A qualificação específica que citamos ajuda a abrir o olhar nesse sentido.



Em uma perspectiva macro, vamos posicionar a mídia no caminho do contínuo-inacabado; da aprendizagem, da maturação de suas maneiras de pensar ciência e comunicá-la ao público. Visualizamos fragilidades, mas também visualizamos elementos que sugeriram perspectivas mais abrangentes do processo de construção do conhecimento científico.

De resto, precisamos assinalar os limites das observações e análises que produzimos mediante nosso trabalho de campo. É bem possível que, se aplicássemos a mesma metodologia, com a mesma técnica, seguindo o mesmo roteiro de perguntas, com um público diverso de entrevistados, pudéssemos nos deparar com resultados diferentes dos que apontamos aqui. Por isso, todas as reflexões que conduzimos até então não podem ser tomadas à guisa de generalização. Não pretendemos isso; o que sinalizamos pode ser levado em conta como tendência, inclinação. Vale recuperar novamente a concepção do *frame* que falamos anteriormente; a validade existe pelo acesso que nos dá em termos de nos permitir visualizar algo do fenômeno que enfocamos. Somado ao eco de trabalhos semelhantes e/ou complementares, aí sim podemos pensar em formulações mais condizentes com um âmbito mais integral, mais global. Mesmo assim, nunca definitivo ou encerrado.

Este trabalho nos abriu a visão para um horizonte de pesquisas bastante vasto a ser mais intensamente desbravado, principalmente no que diz respeito aos estudos de recepção. Embora tenhamos orientado nosso olhar para contemplar todo este percurso a partir deste prisma, sabemos que esta pesquisa não se constitui como um estudo de recepção a rigor, na acepção mais teórico-metodologicamente consolidada. Isso requereria um adensamento maior de leituras, bem como a opção por técnicas de pesquisa mais laboriosas e um cronograma mais largo.

Essas condições estão disponíveis para o futuro. A intenção de prosseguir na pesquisa em comunicação em termos de Doutorado subsiste. Mais precisamente pelo horizonte da recepção, mediante novas racionalidades e novos recortes. A perspectiva dos estudos sobre consumo foi algo que também nos fascinou ao longo desta jornada. Novamente combinar essas duas linhas (recepção e consumo), porém segundo referenciais teóricos distintos dos que adotamos agora, é uma alternativa que nos parece convidativa. Firmar raízes em um campo onde muitos investigadores transitam, mas

poucos permanecem<sup>78</sup>, é o desejo que emerge de nossa parte neste fechamento, ao qual não vamos chamar de “fim”, mas sim de “recomeço”.

---

<sup>78</sup> Frase de Gabriel Cohn, notório pesquisador do campo.

## REFERÊNCIAS

ALBERGUINI, Audre Cristina. **A ciência nos telejornais brasileiros: o papel educativo e a compreensão pública das matérias de CT&I.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da UMESP- Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo (SP), 2007.

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras.** São Paulo: edições Loyola, 2005 (9ª edição).

ANDERY, Maria Amália; SÉRIO, Tereza M. Pires. Há uma ordem imutável na natureza e o conhecimento a reflete: Auguste Comte. *In* ANDERY, Maria Amália; MICHELETTO, Nilza; SÉRIO, Tereza M. Pires; RUBANO, Denise Rosana; MOROZ, Melania; PEREIRA, Maria Eliza; GIOIA, Sílvia C.; GIANFALDONI, Mônica; SAVIOLI, Maria Regina; ZANOTTO, Maria de Lourdes. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica.** Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2006, 15ª edição.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da Globalização: a modernidade sem peias.** Portugal: Editorial Teorema, 2004

ARAÚJO, Emily Gonzaga de. **Ciência e jornalismo: reflexões sobre a teoria e prática do jornalismo científico no Brasil.** Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Comunicação Social (curso de Jornalismo) da UFRN – universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal (RN), 2007.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico.** São Paulo: Martins Fontes, 2003, 6ª edição.

BACCEGA, Maria Aparecida (org). **Comunicação e Culturas do Consumo.** São Paulo: Atlas, 2008.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico.** Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1968.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2006 (4ª edição).

BARBOSA, Elyana. **Gaston Bachelard e o racionalismo aplicado.** *In* Cronos: revista do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, dossiê Gaston Bachelard, v.4, n. 1/2 (jan/dez 2003): Natal, EDUFRN.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo.** Portugal: Edições 70, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BONIN, Jiani Adriana. **Mídia e memórias: delineamentos para investigar palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção.** *Fronteiras/Estudos Midiáticos – Revista do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS*, v. 3, n. 2, maio/agosto, 2006.

BORELLI, Sílvia; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves; ROCHA, Rose de Melo. **Jovens na cena metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação.** 1a. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. v. 1. 184 p.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais da crítica midiática. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

CANCLÍNI, Néstor G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CARVALHAL, Juliana Pinto. **Maurice Halbwachs e a questão da memória**. Revista Espaço Acadêmico, n. 56 janeiro/2006. Disponível em [HTTP://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalhal.htm](http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalhal.htm) (acesso em 16/04/2011)

CASTRO, Gisela G. S.; ROCHA, Rose de Melo. **Consumindo o entretenimento**: dimensões comunicacionais de um processo sócio-cultural. Artigo apresentado ao GT Mídia e Entretenimento do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG. Belo Horizonte: junho de 2009.

CHALMERS, Alan F. **O que é ciência, afinal?** São Paulo: editora Brasiliense, 1993 (1ª edição em português).

COUTINHO, Andréa. **Ficção Científica**: narrativa do mundo contemporâneo. Revista de Letras – Universidade Católica de Brasília. Disponível em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/27/59>. Acesso em 16 de junho de 2011.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006 (2ª edição).

FAUSTO NETO, Antônio. **Fragments de uma analítica da midiatização**. Matrizes – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo. vol. 1, n. 2, abril/2008: São Paulo, Editora Paulus.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERREIRA, Fábio. **O valor ontológico do pensamento bachelardiano**. In Cronos: revista do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, dossiê Gaston Bachelard, v.4, n. 1/2 (jan/dez 2003): Natal, EDUFRN.

FEYERABEND, Paul K. **A conquista da abundância** – uma história da abstração *versus* a riqueza do ser. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

\_\_\_\_\_. **Contra o método**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1993 (3ª edição).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006 (14ª edição).

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. **Editorial**. In Cronos: revista do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, Dossiê Gaston Bachelard, v.4, n. 1/2 (jan/dez 2003): Natal, EDUFRN.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Ed. Atlas, 1992, 4ª edição.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: idéias, conceitos e métodos**. Petrópolis, RJ: editora Vozes, 2009.

MEDEIROS, Theresa Christina Barbosa de. **O futuro do presente: a mídia audiovisual e a sociedade contemporânea na ficção científica do cinema de animação**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN. Natal (RN), 2011.

MORIN, Edgar. **A cultura de massas no século XX: o espírito do tempo (neurose)**. São Paulo: Forense Universitária, 1977.

\_\_\_\_\_. **O método 3: conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008a.

\_\_\_\_\_. **O método 4: as idéias – hábitat, vida, costumes e organização**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008b.

MOSER, Paul K.; MULDER, Dwayne H.; TROUT, J.D. **A teoria do conhecimento: uma introdução temática**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

OLIVA, Alberto. Kuhn: o normal e o revolucionário na reprodução da racionalidade científica. In PORTOCARRERO, Vera (org). **Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas**. Rio de Janeiro: editora FIOCRUZ, 1994.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

POLITSCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática da Comunicação Social**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975 (2ª edição).

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BARBOSA, Marialva. **Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional**. Comunicação & Sociedade- Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UMESSP, v. 47, p. 99-114, 2007.

ROCHA, Rose de Melo; SILVA, Josimey Costa. **Consumo, cenários comunicacionais e subjetividades juvenis**. E-Compós (Brasília), v. 9, p. 9, 2007.

RONDELLI, Daniela Rubbo Rodrigues. **A ciência no picadeiro: uma análise das reportagens sobre ciência no programa Fantástico**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da UMESSP- Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo (SP), 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

\_\_\_\_\_. A crítica das mídias na entrada do século 21. In PRADO, José Luiz Aidar. **Crítica das práticas midiáticas**: da sociedade de massa às ciberculturas. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. São Paulo: Edições Afrontamentos, 1990 (3ª edição).

\_\_\_\_\_. **Um discurso sobre a ciência**. São Paulo: Cortez Editora, 2003 (1ª edição).

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SILVA, Josimey Costa; PAVAN, Maria Ângela. **Tatuagem: cultura de massas e afirmação subjetiva incorporadas**. Signos do consumo, v. 2, p. 67-81, 2010.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: edições Loyola, 2005 (2ª edição).

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A narração do fato**. Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

WOLF, Mauro. **Teoria das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005 (2ª edição).

## APÊNDICE

### Resumos das entrevistas<sup>79</sup>

#### 1 – JOÃO (21'58")

Nível superior incompleto;

Trabalha no setor administrativo da empresa;

Dos meios propostos, João faz mais uso da Internet, principalmente porque é aquele ao qual tem mais acesso, já que passa a maior parte diante do computador, em seu ambiente de trabalho. Costuma acessar portais de notícia como a Globo.com e G1. Jornais e revistas, os lê pouco, mas utiliza-se deles também.

Questionado sobre seu interesse em ciência, responde que tem interesse quando “(...) utiliza-se de uma leitura que não seja tão técnica”. Ainda que esse tema não lhe seja central em termos de suas preferências, afirma que “quando é de um assunto que é de fácil compreensão, que não necessita de um pré-requisitório, que você não tem nem idéia do que se fala, digamos que pra iniciantes, eu sempre dou uma olhada”.

#### *Ciência no cinema*

Já em relação ao registro em nível de memória, o entrevistado leva tempo para selecionar alguma lembrança relacionada aos meios de comunicação apresentados no início da entrevista (jornal impresso e demais meios impressos; rádio, TV e Internet), ao passo que as lembranças vinculadas ao cinema (modalidade que não foi incluída pelo entrevistador quando este exemplificava mídia) fluem facilmente. É interessante perceber como o imaginário do entrevistado tinha mais registros de elementos relacionados à ciência no patamar da ficção do que propriamente em termos do “real”, isto é, o que se espera dos meios de comunicação ligados à notícia e seus desenvolvimentos. O entrevistado citou filmes como “O dia em que a terra parou” (remake), “A Estrada” e “O livro de Eli”.

Ainda falando das lembranças, em termos de registro apropriado a partir da mídia, João estabelece ligações a partir da memória de uma capa de revista. Era a Veja, que, segundo ele, falava sobre um assunto ligado a desenvolvimento sustentável: “(...) Que era sobre a questão global (...) Uma questão que era levantada sobre se (...) a terra hoje consome mais do que o planeta pode oferecer; aliás, se os humanos hoje consomem

---

<sup>79</sup> Dispomos o resumo das entrevistas em texto corrido, pontuando os trechos mais importantes com citações diretas (uso das aspas nas transcrições literais). Vale lembrar que estes trechos estão disponibilizados em áudio, no CD que acompanha este trabalho.

mais do que a terra pode oferecer”. João passou pelo aquecimento global e para temas correlatos na mídia culminando com a discussão desses temas com colegas na faculdade em que cursava, à época: “(...) A gente discutia bastante. Tem até um autor, que eu também não me lembro o nome, que um amigo me falou, que me recomendou a leitura, que ele defende a tese de que o ser humano é o câncer da terra; que a terra tem vida; é um ser que tem vida; claro, não pensa, mas como se fosse mais ou menos animado, aí eu achei bastante interessante mas não me aprofundei também não”.

### *Mídia trabalha com senso comum*

Quanto ao conceito de ciência, João nos responde que a entende como um “estudo teórico das coisas”; a rigor, um “estudo teórico bem mais aprofundado de um determinado assunto”. E quando lhe é perguntado acerca das diferenças entre o conhecimento científico e outras formas de conhecimento, como por exemplo o senso comum, ele argumenta que senso comum seria “(...)o que a mídia me fornece”. Como ilustração, ele recupera a capa de revista Veja que guardou em sua memória e expõe: “(...) Esse bate-papo que eu tive contigo sobre a questão global, não sei se era o foco da questão, mas não é um estudo científico, claro. É um pensamento meu que, inclusive, ironicamente foi tema de uma revista Veja que eu vi o pessoal falar, e eu não li nem a revista, e a revista também não é um estudo científico, se bem que ela pode estar tratando sobre cientistas. Eu não leio artigos científicos. Uma leitura talvez científica seria, no mínimo, um artigo científico, uma revista onde as publicações são mais elaboradas, mas eu acho que a diferença está mais ou menos aí. Há uma diferença entre o interesse de saber e o interesse de estudar e saber mais do que parte das pessoas que sabem, assim... Menos”.

## **2 – ANTÔNIO (30’ 16”)**

Nível superior completo (tecnólogo);

Trabalha no setor de criação de projetos;

O entrevistado utiliza os meios não só para se informar, mas também em termos de ferramenta de pesquisa de trabalho na atividade que exerce atualmente. Ele coloca a pesquisa como parte do seu exercício profissional, não a situando no nível de um hábito pessoal ou curiosidade esporádica; e esta pesquisa, segundo ele, se dá primordialmente pelos meios (Internet, principalmente).

Antônio afirma que utiliza mais Internet e Televisão, sendo esta última apenas nos horários em que está em casa, geralmente ao final do dia (telejornais da noite e do



início da manhã; programas que estejam nesta faixa de horário); quanto ao rádio, utiliza-o para fins de entretenimento na programação esportiva (ouvir jogos de futebol principalmente na frequência AM).

Diz ter interesse em ciência. Observa que, inclusive, seu trabalho (informática) tem relação com algumas dimensões das quais entende serem pertinentes ao tema. Cita referências de portais de informação (Uol e Globo.com) que acessa para obter conteúdo sobre este tema. Quando questionado sobre seu registro midiático relacionado à ciência, menciona a exclusão de Plutão do coletivo de planetas componentes do sistema solar (seu rebaixamento da categoria de planeta), ilustrando um gosto particular seu sobre Astronomia (muito embora se refira a essa área como “Astrologia” e assim a denomine durante toda a entrevista; percebeu-se esse engano de nomenclatura de Antônio conforme ele foi discorrendo sobre o assunto, mas em nenhum momento foi corrigido pelo entrevistador) desde que teve contato com assuntos ligados à área nos livros de Física. Fala ainda de dúvidas levantadas a respeito da ida do homem à Lua também (outro registro recuperado em sua memória). Ele viu a notícia pela primeira vez na TV e, uma vez despertada a curiosidade, procurou pelo assunto posteriormente em páginas da web.

#### *Filmes de ficção científica*

Quando fala de seu gosto sobre Astronomia, que remonta aos tempos escolares, Antônio também fala de sua preferência por filmes de ficção (“Armagedon”, “2012”) e da relação desses filmes com a Astronomia, finalizando em outros registros midiáticos mais recentes pertinentes a essa área, os quais vai lembrando (descoberta de novas galáxias, por exemplo). Quando se trata da Astronomia, Antônio é bastante claro e enfático em dizer que as notícias relacionadas atraem sua atenção e que sua fonte de informação a respeito disso são as revistas, embora essa leitura não lhe seja freqüente e seu acesso a elas seja ocasional, mais acidental que proposital.

Uma outra área de seu interesse é a Ufologia. Antônio não se diz um entusiasta a ponto de acreditar ou não em vida em outros planetas, mas diz que este é um assunto que também lhe chama a atenção. O interesse ganhou fôlego por meio do convívio com um amigo de trabalho que comprava revistas de Ufologia e conversava com Antônio sobre as notícias que lia. O mesmo amigo passou a emprestar-lhe algumas revistas, de modo que seu interesse sobre a possibilidade extraterrestre aumentou. Atualmente, o

contato com o amigo em questão praticamente inexistente, já que o colega não trabalha mais na empresa. Por tabela, o acesso de João às revistas de ufologia diminuiu drasticamente desde então, mas ele compensa essa acessibilidade por meio da Internet.

### *A ciência é rica*

Quando questionado sobre o que é ciência, Antônio relacionou a idéia de ciência a algo que “(...) nos diz muito sobre a dúvida que a gente tem sobre as nossas origens”; inovação (“todo dia tem uma nova descoberta”); à incerteza de uma confiança plena na ciência acerca dessas respostas sobre nossos inícios e à ciência como detentora de um grande potencial de ajuda para a humanidade através da tecnologia. “A ciência é rica”, diz Antônio, querendo exprimir uma noção de riqueza diversa do âmbito material-financeiro.

Já na diferença entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento, Antônio responde que o elemento de distinção científica é a prova: o teste, a verificação. “Quando a ciência realiza uma pesquisa, (...) ela tem a prova daquilo ali, e o senso comum, às vezes, nem sempre é o que se parece (...)”, e daí já se teria, segundo ele, o motivo basilar da diferença entre ciência e religião (Antônio aponta a religião como um antônimo de ciência para ilustrar concretamente conhecimento científico e outros tipos de conhecimento, conforme lhe fora questionado). Assim, para ele, a ciência seria “mais exata” e mais confiável; Antônio deixa entrever que, para ele, quando acreditamos na ciência, não corremos o risco de sermos enganados, iludidos; de estarmos acreditando em algo que pode não ser o que parece, daí a maior confiabilidade e exatidão.

### **3 – ISABEL (19’50’)**

Nível médio completo;

Trabalha no setor administrativo;

Isabel utiliza preferencialmente a Internet, de modo que segue uma espécie de rotina informativa quando acessa a rede mundial diariamente: sempre confere o portal G1 e a página do jornal local Tribuna do Norte procurando “atualidades”. O tema “ciência” faz parte de sua pauta de interesses, muito embora já tenha ocupado mais sua atenção no passado, quando dispunha de mais tempo para ler. Isabel foi assinante da revista ‘Galileu’, periódico de circulação nacional voltado para a divulgação científica, e durante esse tempo (um ano, mais precisamente em 2008) aproveitava para fazer troca de revistas com um primo que assinava a Superinteressante. Quando questionada pelo

que a motivou a assinar a revista, Isabel conta que pediu ao pai a assinatura por curiosidade. A essa altura, ela já havia concluído o ensino médio e estudava para o vestibular. Quando perguntada se buscou a assinatura também pela preparação para aquelas provas, ela consentiu que este também tinha sido um fator levado em conta, mas a curiosidade foi de fato preponderante. E aqui Isabel assume seu gosto pela temática, mas pondera quando diz que nem todo assunto relacionado lhe causa interesse: “depende muito do assunto”, afirma.

No acervo de sua memória, Isabel menciona lembranças referentes a animais, pinçando assuntos como clonagem e o relato sobre um “porco que brilha”. Ela sempre gostou de animais, mas não de todos: de alguns, tinha medo no passado e depois passou a gostar deles (interesse mais recente); de outros, sempre gostou. Sua família já criou muitos animais, e daí ela associa seu gosto por eles.

Sobre o “porco que brilha”, Isabel não se lembrou muito bem dos pormenores da história. Lembrou, contudo, que leu a matéria na Galileu durante a época em que foi assinante, e que a matéria lhe chamou a atenção pela anormalidade do fato. Posteriormente, pela realidade de mudar de moradia, teve que cancelar a assinatura da revista e afirma que a partir de então não leu mais sobre ciência, de modo a não se lembrar de algum registro mais recente em relação a alguma coisa que viu/leu na mídia sobre o tema.

Ela continua se informando sobre ciência, porém de maneira diversa do que fazia anteriormente, quando utilizava primordialmente a revista. Quando acessa a Internet, também o faz, mesmo que mais superficialmente e menos frequentemente. Quando questionada sobre sua navegação na web, Isabel fala de uma leitura breve na página inicial do G1, sem clicar especificamente nos links das editorias ou seções temáticas da página. Ao final desta resposta, conclui com “... Mas eu sou muito interessada em ciência”.

### *Ciência é algo extraordinário*

Para Isabel, ciência é algo “extraordinário”, pois “sempre descobre algo novo”. “Descoberta”, “coisas inusitadas como o porco que brilha”, “saúde”, “cura de doenças”: essas são noções que lhe vieram à mente sobre o que é ciência; “Cura de AIDS, cura de câncer”, enfatiza: “sempre penso em cura quando penso em ciência”. Isabel associa uma idéia alinhada à uma função social específica da ciência com a própria ciência, de maneira que menciona um registro de memória relativo à saúde. Ela fala de uma matéria

que assistiu no noticiário de televisão sobre a possibilidade da cura para a AIDS em recém-nascidos como algo que lhe marcou, que lhe chamou a atenção, ainda que ela não tenha visto a matéria. Neste caso, a chamada da matéria, provavelmente anunciada no bloco anterior, foi o que lhe ficou registrado. Mais adiante, Isabel fala que costumava ler muito sobre drogas, pois tinha amigos usuários dessas substâncias e entendia que sua atitude de buscar informação sobre o assunto lhe ajudaria a ter argumentos mais consistentes para dialogar com eles no sentido de fazê-los desistir dessa prática.

### *Ciência que atrapalha*

Neste último trecho, Isabel fala de uma ciência que pode ajudar a resolver problemas da humanidade. Mas que também pode atrapalhar, conforme ela colocará em seguida: “(...) Você sabendo como a droga funciona, você pode querer usar ela para o mal ou para o bem. Tipo assim, tem gente que pode usar a informação para o bem ou para o mal. (...) Tipo, cocaína serve para tal coisa, então vou usar para dopar aquela menina e tal...”. Isabel não vivenciou ou conhece pessoas que passaram por esse tipo de situação. Aproximou-se dela por meio da mídia.

Quando comparado a outras formas de conhecimento, Isabel aponta que o conhecimento científico “é mais completo”, “mais profundo”; o conhecimento informal, conforme denomina Isabel, não seria tão completo; seria mais superficial (uma diferença de densidade). Além disso, para ela, o conhecimento científico é melhor que outros conhecimentos. Por melhor, também seria mais confiável.

### **4 – CHARLES (31’12”)**

Nível superior incompleto;

Trabalha no setor técnico;

Em uma linha de pensamento semelhante a Antônio, Charles entende que atualizar-se faz parte de seu trabalho, principalmente dentro da área em que atua (Informática). “Informação é poder”, afirma, e por isso mesmo a pesquisa faz parte de seu hábito profissional. Internet e revistas são os meios que mais utiliza, de maneira que assiste televisão geralmente ao fim do dia, quando retorna do trabalho ou da faculdade que faz à noite, em um quantitativo de tempo bastante reduzido em relação aos primeiros citados. Quando tem tempo, assiste o Jornal da Globo (último noticiário da emissora, exibido após as 23h).

Quando acessa a Internet, logo pela manhã, Charles tem uma rotina em termos de navegação virtual: as primeiras páginas que acessa são as páginas da Globo.com e do jornal local Tribuna do Norte, a fim de atualizar-se tanto em relação às novas tecnologias quanto para “ter uma visão global do que está acontecendo no mundo”. Depois, vai para as páginas de Informática (sites, blogs), direcionado para buscar conteúdo que lhe sirva em termos profissionais. No campo das revistas, Charles lê as específicas de sua área (“RN Informática”) e tem acesso a elas na empresa. Outras do tipo informativas, como “Veja” e “Época”, não as costuma ler.

Quando questionado sobre seu interesse em ciência, Charles admite que o tema lhe passa despercebido; que não faz parte de seu foco, não lhe desperta muito interesse. Já no tocante à memória de algum registro midiático, Charles cita primeiramente a entrevista de Steve Ballmer, diretor da Microsoft, falando sobre as ferramentas de comunicação instantânea via Internet. Charles fala prontamente de uma declaração proferida por Bauer, onde o Brasil seria o país com o mais alto número de usuários de MSN no mundo até 2012 ou 2014 (o entrevistado não sabia precisar qual dessas duas referências de data era a correta). A visita se deu pelo lançamento de uma versão nova deste programa, e, segundo reportou Charles, a escolha do Brasil para o evento se deu pelos altos índices dos brasileiros em relação à quantidade de horas na Internet.

Ainda no diálogo acerca dos registros, foi colocada para Charles pelo entrevistador a relação entre tecnologia e ciência, sabendo que a área de atuação dele está contida no âmbito tecnológico, portanto não muito distante do campo científico. Posta essa provocação e refeito o questionamento sobre a lembrança de alguma coisa vista na mídia sobre ciência, Charles fala de “computação nas nuvens”, que se trata da possibilidade de armazenar informações não mais no HD do computador em que se opera ou em outras unidades materiais, mas no próprio servidor (na rede, daí a conotação de “nuvens”), disponível ao acesso em qualquer lugar onde haja conexão à rede. É a “portabilidade dos arquivos”, conforme sintetiza Charles, que viu o assunto em uma matéria publicada no site da Globo.com, na seção sobre Tecnologia. Posteriormente, fez um curso voltado para assunto, de caráter presencial. E o fez porque percebeu naquele ponto específico a necessidade de qualificar-se para manter-se em dia com o seu mercado de trabalho.

*E ‘computação nas nuvens’ tem a ver com ciência, para você...?*

Sim. Charles entende que sim, pois associa isso à ciência da computação, onde, para ele, há pesquisa, e compreende que não seria possível chegar até a ‘computação nas nuvens’ sem pesquisa. Inclusive, “(...) toda a parte de Informática está envolvida com ciência”, acredita o entrevistado. “Pesquisa”, “Inovação” e “Atualização” lhe são palavras-chave tanto para o campo da tecnologia quanto para a ciência. A partir disso, quando lhe é perguntado sobre o que é ciência, responde: “Ciência... Envolve planejamento, envolve pesquisa, envolve ação, execução... E tudo isso para se chegar a um resultado, a alguma coisa. (...) A palavra que vem em mim é a palavra ciência; é uma palavra de pesquisa, de apresentação (...) é você pesquisar uma nova tecnologia, um novo medicamento, uma nova espécie de animal; pesquisar aquele novo ser, ver as características dele (...) pegar essas informações, organizar e apresentar para o... O mundo”.

O conhecimento científico seria, então, para Charles, aquele que podemos provar. Ele cita as ciências exatas como um exemplo desta capacidade de comprovação, de verificação, que confere cientificidade ao conhecimento. Fala também sobre as diversas explicações para a origem do homem, citando a vertente científica e a religiosa. Aqui, ele se divide na hora de escolher (sem que tenha sido questionado nesse sentido; o entrevistado toca nesse ponto espontaneamente): “(...)Por trabalhar na área de tecnologia, estar sempre alerta no mercado, estar sempre para acreditar no que tá vendo, no que tá funcionando; para isso estar funcionando eu tive que fazer isso, isso e isso, eu tive que provar... Eu acredito na ciência. Mas, pelo contrário, por questões culturais, de convivência na parte religiosa, eu não descarto a hipótese do outro lado”. Desta forma, em relação à certeza, o conhecimento científico lhe parece mais confiável, mas, por outro lado, Charles se diz “em cima do muro” na hora de optar pelo que quer acreditar.

## **5 – GASTÃO (31’46”)**

Nível superior em curso;  
Setor de produção;

Gastão se diz um homem atento quanto à sua necessidade de atualização. Utiliza mais a Internet como fonte de informação, de maneira que procura conteúdo tanto em termos profissionais, no que diz respeito a sua área, como também para inteirar-se dos acontecimentos (grandes portais, como Globo.com, Uol, Terra, e a página do jornal local Tribuna do Norte). Televisão, assiste pouco devido ao tempo reduzido que dispõe para estar em casa, mas quando pode opta por noticiários, geralmente matutinos e às

vezes os noturnos, dedicando mais atenção às notícias de economia e esporte. Além desses, vê programas de debate e/ou entrevista. Não costuma ouvir rádio e “nunca teve prazer” em ler jornal. Já em relação às revistas, lê as que são especializadas na sua área de atuação.

### *Conhecimento adquirido pela mídia*

Em seu interesse sobre ciência, Gastão diz ter uma postura de quem procura saber um pouco de tudo, sem especializar-se em algum assunto à exceção do que diz respeito à sua área. Porém, gosta de ver coisas ligadas à ciência quando percebe se tratar de uma “descoberta”, dependendo da ciência na qual esta esteja inserida. Ele explica que “alguma vez na vida aquilo vai servir para você, independente de você precisar agora ou daqui a um ano, a dois anos...Mas [é importante] você ter alguma informação daquilo”.

Questionado acerca de um registro de memória, Gastão lembra com facilidade das leituras que fez sobre clonagem e células-tronco. Ele sabe que as informações que adquiriu pelos meios lhe serviram como fonte alternativa de conhecimento sobre estes assuntos: “(...) o que eu pude absorver de informação, que não foi muita, até porque eu não tenho assim, um grau de instrução... É como eu sempre digo, esse tipo de coisa, como eu não tenho grau de estudo, eu tenho que buscar opiniões também, né... É bom ou é ruim...”.

Adiante, cita: “Eu gostei muito de acompanhar aquele caso da ovelha (...), tanto a questão de nascimento como a questão da evolução (...), e acompanhei muito, a questão do envelhecimento, essas coisas, apesar de ter sido um clone, ela envelheceu muito mais rápido (...)”. Gastão contou ter feito esse acompanhamento prioritariamente via Internet e através de vários sites. Quando questionado sobre o porquê da procura pela diversidade em torno do mesmo assunto, ele responde que costuma fazer isso quando o assunto lhe chama atenção, pois entende que cada relato implica em uma opinião, uma versão ou visão particular dos fatos.

### *Ciência é o futuro*

Ao ser perguntado sobre seu entendimento do que é ciência, Gastão responde prontamente que “ciência é o futuro”, e explica: “(...) Todas as descobertas hoje, de alguma forma vai afetar na sua vida; na sua vida daqui a 5 anos, a 10 anos (...) na ciência, eu sempre acho que uma coisa puxa a outra, uma descoberta que puxa outra

descoberta que puxa outra descoberta...Que de alguma forma, independente do lugar do mundo que seja, alguma coisa na sua vida pode lhe afetar” .

*...Você me falou do futuro. Mas o que é esse futuro?*

Segundo Gastão, o que ele tem certeza acerca desse futuro é que ele é bem diferente do que temos. Quando questionado se essa diferença seria boa ou ruim, ele afirma não saber e acha ser prudente abster-se desse tipo de juízo de valor, reportando-se a coisas que antes eram preditas como potencialmente negativas, e uma vez tornando-se realidade, se mostraram positivas. Nas entrelinhas de sua fala, Gastão deixa visível que esse futuro será construído em boa parte pela ciência, e que, além disso, também está - para ele - intimamente associado à tecnologia: “de ponta, senão não consegue bons resultados”.

Mas as nuances desse futuro imaginado por Gastão não param por aí. A quebra de barreiras geográficas e temporais por meio do uso de novas tecnologias de comunicação abriria novas possibilidades de cooperação no trabalho científico: “No futuro, também não tão longe, mas também não tão próximo (...) a informação... Hoje em dia já é a chave de tudo, mas a movimentação da informação, eu acho que vai ser predominante até mesmo nessa área da ciência; a questão de não existir mais um grupo específico(...) havendo essa integração (...) os resultados vão ser muitos melhores, até porque muita gente vai conseguir trabalhar junto. Já hoje você consegue trabalhar junto com uma pessoa que está em São Paulo, outra que está no interior do país, através da informação, pela tecnologia. É trabalhar junto.”. E isso traria resultados “maiores” para a pesquisa, conclui.

*Ruptura completa ou alguma continuidade?*

A transformação é gradativa, de acordo com Gastão. Mudanças que rompem totalmente e inauguram cenários completamente distintos de maneira rápida lhe parecem ocorrer apenas com “coisas grandes”, como guerras. Para ilustrar sua opinião, diz: “(...) Com relação à informação, ciência e tecnologia; se você comparar os países de ponta que usam bem, que têm bastante recurso, com outros países, que poderíamos até citar o Brasil, que não têm esse tipo de acesso, é um estilo de vida totalmente diferente. Lá, eles têm uma ciência, uma cultura bem mais evoluída; eles conseguem usar recursos muito mais que as pessoas daqui. Eu acho que algum dia as pessoas daqui vão chegar



naquele nível de lá. E quando a gente chegar lá, eles já vão estar muito mais... Em outro patamar (...)"

### *Uma questão de estilo*

Diante do último questionamento, acerca da distinção entre o conhecimento que advém da ciência e de outras formas de conhecimento, Gastão nos dá uma resposta no mínimo curiosa: "(...) eu também sou técnico agrícola e já estive estudando ciência agrícola; o estilo de pensamento deles é bem diferente; se você conversar, por exemplo, com uma pessoa na área de TI<sup>80</sup>, na área política, econômica (...) eu vejo um certo grau de igualdade, por exemplo, entre uma pessoa da área econômica e de área política; mas eu vejo a área científica igual como qualquer uma outra".

O que há de diferente, então? O entrevistado continua: "(...) A parte técnica (...) Por eles viverem mais na área da pesquisa, o que eles falam, o que eles conversam...A maneira de ser é diferente". Em seguida, ao ser colocado diante das diferenças em uma situação de diálogo entre um técnico agrícola e um agricultor, Gastão acredita que os dois conhecem as mesmas coisas, porém com nomes distintos. Lembra inclusive que, quando estudava para ser técnico agrícola, tinha uma disciplina específica voltada para aprender a conversar com as pessoas do campo. Um outro aspecto apontado pelo entrevistado dentro da situação proposta é a busca por parte do técnico em continuar seu processo de aprendizagem, ao passo que o agricultor não teria semelhante preocupação.

### **6 – BERTOLDO (36'54")**

Nível superior incompleto;  
Setor de Criação;

Bertoldo se encaixa no perfil do *workaholic*, isto é, das pessoas que respiram sua realidade profissional mesmo fora do ambiente corporativo. Atuando em Tecnologia da Informação, o uso que faz dos meios é intimamente vinculado a isso, de modo que o meio que mais utiliza é a Internet, dedicando a maior parte de sua navegação virtual a conteúdo relacionado com sua área (sites de fabricantes, blogs, fóruns de discussão sobre tópicos do mundo da informática). Mesmo quando acessa portais, a exemplo do Uol e outros, escolhe o que vai ler muito motivado pela vinculação da matéria com o

---

<sup>80</sup> Sigla para Tecnologia da Informação.

campo da tecnologia. Em sua fala, Bertoldo comenta que se interessa pelas notícias de economia, por exemplo, quando vê se tratar de algo relacionado ao PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), pois sabe que a Tecnologia da Informação é contemplada pelo governo neste pacote (“Internet para todos”). Lê revistas com frequência, sendo estas focadas em programação, redes e banco de dados. Em televisão, assiste preferencialmente noticiários (Jornal Nacional, Jornal da Band, Jornal da Record, Jornal da Globo) e às vezes filmes.

Dessa maneira, o interesse de Bertoldo em ciência percorre apenas as vias por onde esta se aproxima da tecnologia, de forma que o conteúdo midiático ao qual ele escolhe visualizar é aqueles cujas matérias combinam estes campos. No entanto, quando questionado pelo seu registro de memória, sua primeira menção é sobre o antigo embate entre as visões científica e religiosa acerca de certos fenômenos. Ele cita a notícia que viu – em uma revista semanal, de atualidades, possivelmente “Veja” ou “Época” - sobre a simulação do Big-Bang, feita na Suíça, onde cientistas tentavam reproduzir a origem do universo, e afirma sua postura diante da velha polêmica:“(…) Eu vejo que muitas pessoas utilizam a religião como...conformismo; sem pensar se isso é real ou não. Eu acho que tem aí um dado muito importante, que é a fé; seja na religião ou não, a fé, eu acho que... Movimenta montanhas. (...) Foi comprovado cientificamente que a pessoa que te fé...A possibilidade de se curar de doenças é superior a de uma pessoa que já se entregou”.

Bertoldo é o primeiro dos entrevistados até então a mencionar uma utilização do rádio para fins de informação. Ele registra que ouve as FMs 95 e 96 pela manhã, no trajeto de sua residência para deixar a filha na escola e ir ao trabalho, onde ouve os noticiários dessas emissoras contendo as principais manchetes dos jornais locais e nacionais.

### *Nanotecnologia*

Bertoldo fala de registros em sua memória midiática acerca de nanotecnologia. Quando questionado sobre detalhes de algum registro sobre nanotecnologia na mídia, ele fala das tendências em “nanotecnologizar” baterias e demais aparelhos em geral. Trata-se de “(...) fazer uma coisa que ocupava um espaço maior, fazer a mesma coisa em um espaço menor e acrescentar mais recursos”. Seria uma matéria que Bertoldo viu no site “Convergência digital”, hospedado pelo Uol.

### *Querer saber tudo*

“Eu vejo ciência, do meu ponto de vista, como uma área de querer saber tudo”, afirma Bertoldo; “de que são feitas as coisas, para que foram feitas, porque são desse jeito (...) eu vejo a ciência como uma constante, um motor, uma coisa que vai, vai, vai...de querer saber mais, mais, mais...”. Nessa inquietação sem fim pelo conhecimento, Bertoldo lembra a tênue linha que separa a ânsia pelo saber da obsessão, deixando entrever que aqueles que se iludem quanto à viabilidade de se chegar à verdade última sobre as coisas acabam por atingir a fronteira entre a genialidade e a loucura.

O entrevistado menciona uma outra característica: ciência como algo que produz interferências na vida das pessoas, para o bem ou para o mal, e exemplifica falando de clonagem. Ele levanta o ponto dos limites éticos envolvendo a clonagem, por exemplo: um casal que clona um filho falecido e decide gerar este embrião (clone) para “substituir” o filho original. Temos então, segundo Bertoldo, episódios que nos dizem que os desdobramentos do agir científico se espraiam para além da própria ciência, como também no caso da bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki (outro exemplo mencionado pelo entrevistado).

Quando questionado sobre a distinção entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento, Bertoldo associa o primeiro à criação, enquanto os demais estariam associados a desenvolvimento.

### **7 – LAVÍNIA (22’20”)**

Nível médio completo;  
Setor administrativo;

Dos meios de comunicação, o indicado por Lavínia como sendo aquele que ela mais utiliza foi televisão, seguida pela Internet e Rádio, respectivamente. Em termos de TV, ela costuma assistir dentro da programação aberta a jornais (preferencialmente os noturnos), novelas, programas de culinária, “um pouquinho de tudo”. Já teve acesso a TV a cabo no passado, porém não dispõe mais desse serviço. Quanto à Internet, consulta diariamente a página de notícias DN Online, mas também navega casualmente pelos grandes portais de nível nacional. Em relação ao rádio, utiliza-o mais para ouvir música e, às vezes, escuta trechos da Voz do Brasil.

Lavínia diz ter algum interesse sobre ciência. Uma ciência mais relacionada à atualidades e coisas do futuro, diz ela, de maneira que não é muito curiosa a respeito do tema, mas de vez em quando dá uma olhada em alguma coisa que lhe chama a atenção. Quando questionada acerca de alguma lembrança sobre ciência vista na mídia, a entrevistada não recupera qualquer registro. Mais adiante, fala de uma seção do portal G1 que gosta de acessar, denominada “Planeta Bizarro”. Para explicar do que se trata, diz que “(...) são coisas que têm aqui, mas que a gente não tem acesso; que são bem selecionadas”. Dentro deste “Planeta Bizarro”, Lavínia recorda uma matéria que viu sobre uma foto bastante peculiar, executada por um carteiro, na qual dois pássaros pareciam brigar entre si, sendo estes um macho e uma fêmea. O detalhe estaria no momento capturado pela foto, em que o macho apertava o bico da fêmea, como que querendo fazer-lhe “calar a boca”.

Neste mesmo site, ela menciona ter visto fotos de bichos diferentes, incomuns. O gosto por animais lhe é particular desde a infância, e desde essa época sempre se interessava por programas de televisão relacionados com animais. Já que não dispunha de Internet naquele tempo, a TV era praticamente seu único acesso em termos de mídia a esse tipo de assunto.

### *Ciência de um e de outro*

Sobre o que é ciência, Lavínia dá características como “algo que pode nos ajudar”, “uma coisa que é muito importante”, de uma relevância muitas vezes intangível para nós, mas que é concreta em todas as diversas áreas da ciência (a entrevistada cita campos como saúde, natureza e comunicação). Já acerca da diferença entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento, é posta para a entrevistada a seguinte situação: o conhecimento de um médico e o conhecimento de uma rezadeira em uma cidade do interior, ambos tratando de enfermidades; neste caso, para Lavínia, a diferença está na crença de cada um, bem como “(...) no método da ciência de cada um” e na forma de passar esse conhecimento também: “(...) a que reza passa um ‘melzinho’, e o médico já vem com um remédio”. E dentro desta mesma situação, o conhecimento do médico lhe parece mais confiável do que aquele da rezadeira. Quando questionada sobre o porquê dessa opinião, ela responde que a consciência acerca do estudo que foi feito no desenvolvimento do medicamento lhe dá mais segurança para escolhê-lo.

## **8 – FRANCISCO (27’26”)**

Nível superior em curso;  
Setor técnico;

Francisco coloca que, no “ranking” de seu uso dos meios, a Internet apareceria em primeiro lugar, seguida pelos jornais e revistas em segundo e terceiro, respectivamente. Profissionalmente e pessoalmente interessado pelo mundo da tecnologia, esta é a primeira temática de interesse deste entrevistado, de maneira que toma considerável espaço na escolha de páginas eletrônicas durante sua navegação na rede mundial de computadores. Mas ele também acessa sites e blogs para atualizar-se nas notícias, especialmente no que se refere à Política, Esporte, Turismo e Economia. Além disso, é assinante do jornal local “Diário de Natal”, de modo a receber o exemplar impresso diariamente em sua casa, porém também acessa notícias de outros jornais locais via Internet, a exemplo da página de Tribuna do Norte. Em relação a jornais de circulação nacional, Francisco consulta ocasionalmente a Folha de S. Paulo, também eletronicamente. Nas revistas, ele cita Veja, IstoÉ, Superinteressante e algumas locais, como RN Negócios e uma outra voltada para o setor de Informática, a qual não se recordou do nome no momento da entrevista.

Francisco diz ter interesse em informar-se sobre Ciência, ainda que este não seja muito específico pelo fato de não atuar profissionalmente dentro dela. Ele classifica seu interesse em ciência no mesmo patamar de sua necessidade de atualização sobre as notícias em geral. No caso da revista Superinteressante, citada por ele no início da entrevista, explica que não é assinante e nem costuma comprar a revista; seu acesso se dava por meio de um sobrinho que residia com ele e que gostava da revista, de modo a comprá-la esporadicamente. Quando via a revista e algo lhe chamava a atenção é que fazia a leitura da mesma. Em uma última palavra, Francisco situa sua leitura midiática sobre ciência no nível de “esporádica”, e justifica isso na necessidade de privilegiar seu tempo para conteúdo pertinente à tecnologia.

Em relação ao registro de memória, Francisco cita uma edição da Superinteressante sobre Galileu Galilei, mas não soube dizer do que se tratava especificamente: seu registro fixou-se no nome focado como assunto principal daquela revista. Em seguida, situando-se na Internet, Francisco menciona algo sobre

Astronomia<sup>81</sup>, recuperando também aí um assunto de seu interesse despertado na pré-adolescência e adormecido nos últimos anos pela falta de tempo.

Se o contato de Francisco com a ciência através da Astronomia declinou, por outro lado sua área de atuação profissional lhe mantém próximo, ainda que de uma forma distinta. Baseando-se nisso, quando questionado acerca do que seria ciência em sua opinião, ele entende que esta pressupõe “um estudo aprofundado sobre determinado assunto”, com “vários pontos de vista”. Como concluinte de uma graduação na área de ciências exatas, Francisco expõe como a noção de exatidão popularizada pela matemática não é tanto o que parece ser; ele comenta acerca dos muitos caminhos existentes para se chegar à mesma resposta na área de cálculo e fala também das muitas teorias em torno de um mesmo objeto, situação a qual se tornou comum diante do que estudou na faculdade: “(...)1+1 não tem como ser 3; vai sempre ser 2. Quando a gente chega no campo da pesquisa, é que você vai ter várias teses para um determinado assunto. Mas se tratando da matemática, do cálculo, da fórmula, aí sim são exatas. Mas...Como a gente trabalha com campo científico, a gente tem que ter um referencial teórico, e na maioria das vezes cada autor muda um pouco de pensamento. A gente cita na Informática que ‘existem mil maneiras de preparar, invente a sua’; a gente vê o objetivo ali na frente e sabe que o cálculo é lógico, mas existem várias maneiras de se chegar a ele”.

#### *Ciência como sistema*

“(...) O que me vem à cabeça, o que eu tenho percebido no dia-a-dia, é isso; é que determinados autores têm pensamentos diferentes para chegar em um objetivo único; e isso é sistematicamente ou conceitualmente um sistema: o conjunto de partes que interagem entre si para chegar em um objetivo”. E mais adiante, quando questionado sobre a possibilidade da ciência ser um sistema, Francisco ratifica dizendo que “tudo na natureza é um sistema”. E essa ciência é, para ele, um sistema “complexíssimo”, compreendido de “várias interações”, “várias teorias”, de um “entendimento às vezes difícil”.

No pensamento da informática, Francisco explica que um sistema complexo é aquele que tem vários cálculos internos, vários processos acontecendo simultaneamente.

---

81 De modo semelhante a outro entrevistado, Francisco também se equivoca em termos de nomenclatura ao designar o que se conhece por Astronomia como “Astrologia”; aqui, da mesma forma, o entrevistado continuou utilizando este termo, sem ser corrigido pelo entrevistador.

Como exemplos concretos, cita desenvolvimento de inteligências artificiais e aplicações nas neurociências.

### *Conhecimento científico que amplia horizontes*

“(…) Eu não sei se isso está no aprendizado ou se está na cultura, mas as pessoas, elas tendem a seguir um mesmo rumo; para se chegar a determinado objetivo o caminho ‘é esse’; então, o pessoal que não teve oportunidade de fazer uma faculdade, que talvez não tem um nível de escolaridade, eles são muito retos; aquela questão dos diversos caminhos para chegar em um objetivo, o pessoal não tem muito isso, então isso faz com que o profissional seja um pouco restrito. (...) Quando a gente passa para uma área acadêmica, a gente começa a abrir a mente para determinadas coisas, a gente passa a ver que existem outros caminhos para se alcançar os objetivos”.

Diante desse conhecimento que permite enxergar novas possibilidades, é posto ao entrevistado o questionamento seguinte: existe diferença entre o conhecimento que advém da ciência e outras formas de conhecimento? Se sim, qual seria? Francisco responde recuperando as divergências entre ciência e religião e colocando que, na ciência, existem várias teorias e existe também o “produto final” dessas teorias, o qual serviria a título de comprovação tangível de que a teoria ou teorias em questão seriam verídicas, algo que a religião não disporia. Na ciência, se pode “pegar no produto final”; na religião, não. Na hora de escolher entre um ou outro, Francisco se diz “no meio do caminho”, por entender que estas duas alternativas têm equivalente complexidade e confiabilidade.

### **9 – INÁCIO (25’56”)**

Nível superior em curso;  
Setor de Criação;

Em seu uso dos meios, Inácio situa a Internet em primeiro lugar, seguida pelas revistas e pela televisão. E em se tratando de navegação na Internet, este entrevistado afirma gostar de variedade; embora tenha algumas páginas pré-definidas (as que sempre acessa), procura conhecer outras. Ele diz gostar de confrontar opiniões sobre um mesmo ponto, e além disso não se prende apenas ao que diz respeito a sua área de atuação profissional. Vê de tudo um pouco, desde tecnologia até cinema e música. Pernambucano, acessa diariamente um site de notícias desse estado e páginas de

noticiários locais de Natal, a exemplo da Tribuna do Norte (site do jornal impresso) e do No Minuto (portal de notícias). Em escala nacional, prefere a Globo.com e o portal Uol.

Quando navega por essas páginas, Inácio diz se interessar em ver matérias relacionadas com Política e Polícia. Quando questionado se é do tipo que fica na leitura rápida das manchetes da página inicial dos sites de notícia ou se costuma buscar ler as matérias na íntegra, ele diz que procede “meio a meio”, mas que tende mais para o segundo perfil, alegando não se demorar mais por questão de tempo. No patamar das revistas, Inácio cita a Veja e a InfoExame. Não é assinante; prefere comprá-las na banca e gosta de lê-las no formato original, em papel. Em televisão, assiste noticiários (Jornal Nacional, Jornal da Globo) e, às vezes, novelas. Seu acesso à televisão se dá no tempo que lhe sobra após a rotina de trabalho e estudo, e por isso mesmo acontece em período noturno, em horários de fim de noite e início da madrugada.

Questionado sobre seu interesse em ciência, Inácio responde negativamente. Já em relação à lembrança de algum registro midiático em torno deste tema, Inácio menciona algo relacionado à autorização concedida nos Estados Unidos para testes com células-tronco envolvendo seres humanos; viu primeiramente na televisão (Jornal Nacional) e depois na Internet. Mais adiante, relacionando ciência a meio ambiente, cita o desastre ecológico ocorrido mediante o vazamento de óleo no litoral norte-americano, o qual foi visto pelo entrevistado na televisão. Quando questionado acerca de suas impressões sobre essas matérias, Inácio destaca que, diante das questões relativas às células-tronco, pensa muito nas pessoas que podem ser beneficiadas com as promessas desde tipo de tratamento, cuja maioria não dispõe até agora de qualquer alternativa médica em termos de cura (palavras do entrevistado). Diz ainda não se ater às questões religiosas que permeiam esse assunto, embora pondere dizendo que acredita em Deus. A matéria, segundo Inácio, não abordava aspectos ético-morais sobre as células-tronco; essas opiniões foram desenvolvimentos elaborados por ele posteriormente.

Já sobre o acidente com óleo na costa norte-americana, em nível de suas impressões, Inácio menciona o grande impacto ambiental e o fato de os Estados Unidos terem um feroz interesse sobre petróleo em outros países e, no entanto, ter acontecido tamanho desperdício dentro de seus domínios. O entrevistado esclareceu que não percebe o evento como negligência da parte norte-americana, mas como uma “triste ironia”.

Questionado acerca do que é ciência em sua opinião, ele lança palavras-chave como “pesquisa”, “desenvolvimento” e algo “mais abrangente”, que “envolve questões



éticas, religiosas” e de “bem-estar social”. Fala de existência dos “dois lados”: “(...) sempre tem dois lados, né... Tem um lado dos benefícios, que eu acho válido também, e o outro lado, dos prejuízos que ficam escondidos; (...) quando eu falo escondidos é tanto na questão de pesquisa humana como na parte de pesquisa nuclear, como na parte de pesquisa de tecnologia (...)”.

### *Benefícios e malefícios da ciência*

Para Inácio, aparecem na esteira dos benefícios tudo que pode “proporcionar bem-estar”, “solução de problemas”. Ele exemplifica: “na questão da energia; energia elétrica; existe o benefício de que todo mundo pode usufruir (...), mas em compensação, um mal, que é o desperdício; é igual à água, é igual a combustível; igual a remédio (...) vamos falar de remédio, por exemplo; o benefício é a cura, e os malefícios são o uso ilícito, o uso desregrado, é você comprar sem receita (...)”.

Dentro deste último exemplo colocado por Inácio, lhe é posto pelo entrevistador que o medicamento é o resultado de um trabalho científico, e que sua utilização após este trabalho é algo que perpassa uma outra ordem: a liberdade do usuário/paciente, que pode administrá-lo conforme lhe fora recomendado ou não. Logo, do ponto de vista de quem produz o medicamento é que se poderia ter uma noção mais adequada de malefícios oriundos de uma atividade científica. A esta provocação, Inácio responde citando a polêmica em torno da pesquisas com seres humanos, retomando a dimensão das células-tronco e da clonagem. Neste caso, ele aponta dimensões a se discutir, como em que estágio seriam feitas as pesquisas com humanos, o tipo de impacto que isso poderia trazer e até onde as informações ditas pelos pesquisadores são de fato verídicas, bem como dos meios utilizados por eles para chegar aos resultados anunciados.

### *Várias ‘formas de ciência’, como a sabedoria popular*

Quando questionado acerca da diferença entre o conhecimento que advêm da ciência e de outras formas de conhecimento, ele ilustra esta segunda possibilidade com o senso comum. Comparando-o com o científico, menciona elementos como “estudo mais aprofundado” e “prova”, pondo sobre este último o caráter de verificação. Em seguida, pondera: “(...) Mas também não quer dizer que outras formas de ciência, como a sabedoria popular, não têm a sua justificativa”. A sabedoria popular seria, então, uma outra ‘ciência’; entendemos aqui que possivelmente a idéia transmitida por Inácio não se trata de uma confusão de nomenclaturas, mas sim de conferir à sabedoria popular um

status de “saber organizado”, de alguma maneira semelhante ao conhecimento científico.

Por se dizer cético e entender que no conhecimento científico há uma maior possibilidade de verificação e tangibilidade, Inácio é questionado sobre mais e menos confiabilidade nos tipos de conhecimento que ele apresentou até aquele momento da entrevista. Para ele, o conhecimento científico, à primeira vista, “é para ser” mais confiável que os outros; adiante, ele volta atrás em sua resposta e re-elabora seu pensamento: “(...) Eu acho que o conhecimento científico é amparado por outros meios; o principal são os estudiosos; existem as academias, os teóricos que tentam provar que aquilo que ele tá dizendo através de pesquisas (...) Eu nunca dou crédito cem por cento a tudo (...) principalmente porque existe a questão dos dois lados: o remédio que deu certo pra mim pode não servir pra você, embora tenhamos os mesmos sintomas (...)”. Nosso entrevistado encerra dizendo que, “guardadas as devidas proporções, talvez não tenha diferença” entre um e outro, e exemplifica com uma situação onde uma pessoa escolhe tomar um chá à base de determinada erva para combater cólicas abdominais, enquanto outra recorre ao medicamento para este mesmo fim.

## **10 – CÍNTIA (30’30”)**

Nível superior (tecnóloga);  
Setor de Controle;

Cíntia costuma ver os telejornais da manhã antes de sair para o trabalho. Uma vez neste ambiente, acessa Internet e prioriza as informações sobre sua área de atuação, de modo a este ser o meio que tem utilizado mais, seguido pela TV e rádio, respectivamente. Ela não tem uma relação pré-definida de páginas que acessa, orientando-se mais pela sua motivação específica do dia em termos de sua necessidade de informação. Acessa diariamente a Tribuna do Norte e o Diário de Natal e gosta de acessar também a página do jornal Folha de São Paulo e a Globo.com.

De modo semelhante aos outros entrevistados, Cíntia usa do tempo que lhe sobra depois do dia de trabalho e estudo para assistir televisão, de modo a ver os primeiros e os últimos noticiários do dia (ela menciona telejornais de emissoras como Globo e TV Brasil). Em relação à rádio, utiliza este meio quando está se deslocando no carro; ouve a rádio Globo (AM) e gosta de se informar sobre o mundo esportivo, principalmente no que diz respeito ao futebol. Ela afirma que escuta rádio muito mais pelos programas esportivos que para ouvir música.

Questionada sobre seu interesse em ciência, Cíntia menciona seu gosto por assistir o Discovery Channel nos fins de semana, ao passo que não dispõe de muito tempo durante a semana para ver este tipo de conteúdo na Internet, por exemplo. Ela tem acesso a revistas (Veja, IstoÉ; em nível local, cita a revista Foco) e a jornal impresso, de maneira que, neste último caso, seu pai é assinante e recebe-o diariamente.

### *Pouca ciência na TV*

Acerca da lembrança de algum registro midiático, Cíntia menciona um canal que, segundo ela, sempre exhibe curiosidades (“detalhes absurdos”) sobre coisas que acontecem. Como exemplo, ela cita dados que viu sobre vulcões e erupções. Insistindo-se em mais exemplos de registros, ela menciona uma opinião pessoal sobre conteúdo relacionado à ciência nos canais abertos, especialmente na rede Globo: “(...) Em torno de mídia, esses canais que são mais acessíveis, tipo, forçado pela mídia, como a rede Globo mesmo, é um canal que deixa muito a desejar sobre ciência (...) Principalmente nos horários que eu assisto, e assim como eu tem vários jovens que passam o dia em uma rotina de trabalho, quando chega de noite vão pra faculdade, e quando chega já não tem mais o que assistir(...) Só tem o noticiário, ou então o filme. Odeio esse filme! ”.

E seguida, provocada pelo entrevistador, Cíntia recupera um registro acerca de uma tsunami na Índia, onde as ondas alcançaram uma altura de sete metros e o índice de mortalidade foi bastante alto. Segundo ela, a matéria reportava o aviso de alguns cientistas sobre as conseqüências da elevação da temperatura do mar neste mesmo local onde ocorreu a tsunami, de modo que isso poderia desencadear tsunamis aqui, no litoral potiguar, na direção norte. Mais adiante, cita a problemática da desertificação como algo que viu na mídia e que lhe inquietou para informar-se melhor posteriormente. A matéria que viu tratava da desertificação na Amazônia e constava que o dano já causado teria alcançado proporções significativas o suficiente para que futuramente não existisse mais fertilização do solo naquela região. Não obstante, isso traria sérias conseqüências para o ar respirado. Cíntia viu esta matéria em televisão, numa seção denominada “Ciência e Ambiente” de algum telejornal na Rede Record, o qual não soube nominar. Ela pesquisou na Internet sobre a matéria depois de assisti-la e encontrou comentários em um blog.

A matéria sobre desertificação chamou a atenção de Cíntia - de acordo com ela - porque lhe remeteu à questão do desenvolvimento sustentável, um tópico da ordem do

dia nas discussões globais: “(...) São tantas campanhas que se fazem para que a humanidade tenha conscientização disso, e o pessoal continua batendo na mesma tecla e nada de melhorias (...)”.

#### *Ciência que abrange, reúne, sistematiza; coletiviza;*

Para Cíntia, ciência é “(...) uma área que abrange vários conhecimentos, onde você pode destrinchar em, tipo, ‘links’, que pode te abranger um leque de informações, seja ele ambiental, seja ela cultural, tecnológica...”. Dessa maneira, ela entende que, a partir daí, seria possível tomar aspectos mais específicos para se aprofundar: “A ciência é uma área muito abrangente, e tudo que você explorar dentro dela você vai adquirir conhecimento, de um jeito ou de outro”.

Acerca da diferença entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento, Cíntia nos responde com uma exemplificação: “(...) O fogo foi descoberto, tem toda aquela história (...) lá na Idade da Pedra ainda, o pessoal lá, os nômades, descobriram que se encostasse uma pedrinha na outra saía uma fumaça e daria fogo; aquele fogo era desprovido de uma ciência, mas ele tinha na prática que aquilo era real, não era fictício; então, existe um conhecimento comprovado, científico, e existe esse outro conhecimento ‘gerado’, que são de outros conhecimentos”.

Ela reitera: “Uma pessoa científica é provida de conhecimentos para dissertar sobre aquilo, e outra que não é, que é desprovida dos meios científicos, às vezes ela descobre até por um acaso ou pela necessidade que ela tem daquilo”, afirma. Cíntia menciona também a falta de acesso à educação formal como uma circunstância que muitas vezes impele o indivíduo a desenvolver outras formas de conhecimento, já que lhe faltariam as bases para tratar do assunto do ponto de vista científico.

#### *Quando o técnico ambiental e o homem do campo se encontram*

Questionada sobre a confiabilidade entre conhecimento científico e as outras formas de conhecimento, Cíntia recupera a propriedade de comprovação associada à ciência para achar que este tipo de conhecimento lhe parece mais seguro. Por outro lado, ela coloca a questão da linguagem científica como algo que pode atrapalhar a adesão a esse conhecimento; de tão “alta”, muitas vezes, acaba por inviabilizar o entendimento e se torna obstáculo para a difusão daquele saber científico específico.

Nesse sentido, lhe é posta a seguinte situação (a qual, de certa forma, lhe é familiar): diante das diferenças entre a formação recebida por um técnico ambiental e a

formação do agricultor comum, o chamado “homem do campo”, ou de um nativo de uma determinada localidade, um indígena; no encontro destes, se pode perceber as variações entre o conhecimento de um e de outro. A esta provocação, Cíntia coloca: “É; realmente, o meu conhecimento é mais teórico, o dele é mais prático; o meu pode ser comprovado por estudos, por algumas fontes (...) mas o dele, é diariamente; tipo, a rotina que ele utiliza; agora, isso aos meus olhos, vem uma pessoa, uma terceira pessoa na história... É polêmico... E ela vai dizer ‘é esse ou é esse’; e ela pode dizer que prefere a do homem à minha. Ótimo; é a opinião dela (...) No final, a meta dele é a mesma da minha (...) Os objetivos são os mesmos”.

## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_ tendo sido convidado (a) a participar como voluntário(a) do estudo: **“O consumo midiático sobre ciência em públicos não-especializados<sup>82</sup>”**, uma pesquisa que utilizará entrevista e observações utilizados em sala de aula para a coleta de dados, recebi da mestrandia Emily Gonzaga de Araújo, responsável pela pesquisa, as seguintes informações que me fizeram entender, sem dificuldades os seguintes aspectos:

- Que o objetivo da pesquisa é investigar como se dá o consumo de informação relacionada à Ciência através dos meios de comunicação;
- Que a importância deste estudo é buscar entender como as informações recebidas por meio da mídia fornecem elementos para que os indivíduos elaborem seu imaginário em torno deste tema;
- Que esta pesquisa começou em agosto de 2010 e terminará em agosto de 2010, com duração máxima de uma semana (trabalho de campo), podendo ser realizada em período mais curto, caso haja condições para tal;
- Que participarão deste estudo, apenas pessoas entre 18 e 35 anos, de ambos os sexos, em uma quantitativo total de dez voluntários;
- Que o estudo seguirá os seguintes passos: entrevistas presenciais, segundo o método das “entrevistas em profundidade”, na modalidade semi-abertas (o pesquisador terá um roteiro de tópicos para guiar as perguntas), com gravação de áudio dessas entrevistas, com posterior transcrição das entrevistas e análise do material coletado;
- Que meu nome não será divulgado na pesquisa, sendo o resultado de minha participação identificado por um código (letra ou número) ou pseudônimo;
- Que poderão ser utilizados excertos da minha fala e/ou escrita;
- Que, sempre que eu desejar, me será fornecido esclarecimento sobre cada uma das etapas da pesquisa;
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando da pesquisa e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Finalmente, tendo eu compreendido tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos e das minhas responsabilidades, compreendendo a importância da minha participação para a realização dessa pesquisa, DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO OBRIGADO (A) A PARTICIPAR.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do participante voluntário da pesquisa)

Endereço domiciliar: \_\_\_\_\_

Telefones para contato: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pela pesquisa

Natal-RN, \_\_\_\_\_ de Agosto /2010.

<sup>82</sup> Nome da pesquisa à época da realização das entrevistas. Foi alterado posteriormente.